FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 34.088 SEGUNDA-FEIRA, 1º DE AGOSTO DE 2022 R$ 5,00

brasil no divã

Adriano Vizoni/Folhapress

'CULTURA DO HOSPÍCIO' SEGUE COM PACIENTES ISOLADOS POR FALTA DE ESTRUTURA

Enfermaria do Instituto de Administração Penitenciária do Amapá, onde vivem em isolamento cinco presos com transtornos mentais; região Norte tem déficit de leitos habilitados Saúde B1

Metade parou de falar de política para evitar brigas

Datafolha mostra que 54% já sofreram constrangimento por discutir tema

Pesquisa realizada pelo Datafolha mostra que 49% dos eleitores brasileiros afirmam ter deixado de discutir política com amigos e parentes nos últimos meses para evitar entrar em confrontos.

O fenômeno em meio à polarização do país atinge mais eleitores do petista Lula (54%) do que do presidente Jair Bolsonaro (PL), 40%.

O levantamento também aponta que 54% já passaram por algum constrangimento por terem falado do tema política, incluindo aí ameaças físicas ou verbais.

A pré-campanha tem sido marcada por incidentes violentos, com destaque ao assassinato de um tesoureiro do PT, Marcelo Arruda, por um bolsonarista no Paraná.

Ele foi morto enquanto comemorava seu aniversário numa festa com temas de Lula e do seu partido.

Segundo os entrevistados, a autocensura sobre a política vale também para o uso das redes sociais: 53% disseram ter mudado seu comportamento para evitar atritos em grupos de conversa como os do WhatsApp.

No aplicativo de troca de mensagens mais popular do país, 43% dizem ter parado de falar de política e 19%, deixaram algum fórum.

O uso de aplicativos de mensagens é maciço (78% os têm em seus celulares), mas apenas 8% dizem participar de grupos de apoio de algum dos dois líderes da corrida presidencial. Política A4

ENTREVISTA DA 2ª

Maria Eugenia Raposo da Silva Telles

O ambiente atual ameaça as conquistas democráticas

Um das 14 signatárias "Carta aos Brasileiros" de 1977 e da sua versão atual, a advogada Maria Eugenia Raposo da Silva Telles diz que é preciso defender as conquistas democráticas obtidas com o fim da ditadura. Ela participou da confecção do texto original, lido por seu marido, Goffredo da Silva Telles Jr. A11

Cotidiano B3

O país há 150 anos

Primeiro censo revelou nação analfabeta, com 1,5 milhão de escravos

Esporte B4

Bill Russell, ídolo do Boston Celtics e 11 vezes campeão da NBA, morre aos 88

Marcus Leoni - 17.abr.17/Folhapress

Mercado A16

Mal súbito mata João Paulo Diniz, filho de Abilio, aos 58 anos

Marcus Melo

Sobre golpe, há diferenças entre os EUA e o Brasil

O paralelo feito entre a invasão do Capitólio e o caso brasileiro é plausível, mas há três diferenças: nosso sistema eleitoral não é descentralizado, hiperpolitizado ou percebido como vulnerável. Opinião A2

Conjuntura derruba setores que lucraram na pandemia

A mudança de hábitos com o arrefecimento da pandemia e a inflação reduzem lucro de setores que tiveram ganhos no período de maior distanciamento social, como os de eletrodomésticos e insumos de reformas. Mercado A12

TSE e militares esperam ter melhor relação com Moraes

Ministros do TSE e generais esperam uma melhoria na relação entre a corte e os militares, esgarçada devido ao apoio da Defesa aos questionamentos das urnas, com a posse de Alexandre de Moraes no tribunal. Política A6

EDITORIAIS A2

Troca de marcha

Sobre perspectivas para a economia no ano eleitoral.

Pragmatismo partidário

Acerca das articulações dos caciques da terceira via.

Danilo Verpa/Folhapress

TIKTOK VAI ALÉM DA DANCINHA E VIRA VITRINE PROFISSIONAL

A dentista pediátrica Simone Cesar, de São Paulo, grava conteúdo relacionado a seu trabalho no TikTok, onde tem 3 milhões de seguidores; profissionais aproveitam a popularidade da plataforma, famosa pelas coreografias, para se promover Mercado A14

Bivar desiste de candidatura, mas UB descarta Lula

Luciano Bivar desistiu de lançar-se à Presidência pelo União Brasil e vai buscar uma vaga na Câmara.

Dono da maior fatia de fundo eleitoral e tempo de TV, o partido não deverá apoiar Lula, como o cacique articulava, devido à resistência de sua ala que era do antigo DEM. Política A8

SP poderá compensar perda do ICMS, diz STF

Liminar do STF autoriza SP, estado com maior arrecadação, a compensar perda de ICMS devido ao teto para gasolina, energia e comunicação. PI também é favorecido. Mercado A13

ATMOSFERA

São Paulo hoje

26° 11°

0h 6h 12h 18h 24h

ISSN 1414-5723

9 771414 572025 34088

opinião

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila *(secretário)*
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral *(financeiro, planejamento e novos negócios)*, Marcelo Benez *(comercial)*, Anderson Demian *(mercado leitor e estratégias digitais)* e Everton Fonseca *(tecnologia)*

João Montanaro

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Troca de marcha

Retomada da atividade econômica deve perder ritmo em meio a tensões da eleição presidencial

Surpresas e intervenções do governo devem fazer a economia crescer muito mais em 2022 do que se previa no fim do ano passado. As perspectivas para 2023 pioraram bastante, porém. No meio desse caminho, disputa-se a eleição mais tensa desde a redemocratização.

Não faz muito tempo, imaginava-se que a atividade econômica estaria em declínio a esta altura. O prognóstico mais comum, no momento, é que não deve haver até outubro mudança a ponto de alterar as percepções do eleitorado.

Em abril, as projeções de economistas privados compiladas pelo Banco Central apontavam crescimento de apenas 0,5% neste ano. As previsões mais recentes convergem para uma alta de 2%.

Parte da revisão se deve a estímulos transitórios e gastos públicos extraordinários. Aumentou o valor do Auxílio Brasil, houve grandes reduções de impostos e o saque extra das contas do FGTS, por exemplo.

Houve também imprevistos. O número de pessoas empregadas cresceu muito além do projetado. A taxa de desemprego cai rapidamente e deve ficar perto de 8% no fim do ano, o melhor resultado desde 2014.

A média do valor real dos salários, porém, ainda é a menor da década, e a soma dos rendimentos do trabalho é a mesma de 2019. O surto inflacionário, que ora arrefece, explica em parte a contenção dos salários e o mal-estar econômico persistente, apesar de haver mais gente com trabalho.

A receita do governo federal é outro indício de que algo mais se movimenta na economia. Nos últimos 12 meses, cresceu quase 24% em termos reais. A alta dos preços das commodities explica boa parte do influxo excepcional de recursos.

A receita bruta equivalia em junho a 23,9% do PIB, apenas um pouco menor do que a verificada em alguns meses de 2010 e 2011 —quase um recorde em 25 anos.

Mas commodities estão longe de explicar o bom resultado das empresas, ao menos o expresso no pagamento de impostos e no nível moderado, mas persistente, de confiança empresarial.

Até dezembro, a inflação deve recuar das proximidades de 12% para pouco mais de 7% ao ano, graças à intervenção artificial do governo. Assim, espera-se que a taxa básica de juros, a Selic, encerre este ano em 13,75% ou 14%, mas permaneça na casa dos 11% até fins de 2023.

A incerteza política e fiscal, o peso dos juros e a desaceleração da economia mundial devem estabilizar o ritmo da atividade e fazê-la arrefecer no último trimestre.

A eleição presidencial ocorrerá nesse momento morno da atividade. Quanto à política, o jogo da economia e dos estelionatos eleitorais parece quase todo jogado. O debate a fazer será de interpretações do que se passou e visões de futuro.

Pragmatismo partidário

Fraqueza da terceira via antecipa articulações em busca de influência política no próximo governo

Numa eleição presidencial em que as preferências do eleitorado, com antecedência inédita, consolidam-se em torno de dois candidatos, agremiações e postulantes que apostavam na perspectiva de uma terceira via estão em situação difícil.

Nada indica que em dois meses o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o presidente Jair Bolsonaro (PSL) cederão terreno para candidaturas alternativas.

Nesse cenário, partidos como o MDB e a União Brasil, cujos candidatos ao Planalto colhem resultados pífios nas pesquisas, começam a tratar daquilo que de fato lhes interessa: garantir lugar na mesa das negociações do próximo governo com o futuro Congresso.

No MDB, a candidatura da senadora Simone Tebet (MS) foi confirmada poucos dias depois de uma legião de caciques do partido ter manifestado apoio à chapa de Lula e Geraldo Alckmin (PSB).

Com 2% das intenções de voto na mais recente pesquisa Datafolha, Tebet não obteve a adesão do senador Tasso Jereissati (PSDB-CE) à sua chapa e não consegue conter as articulações dos correligionários.

Na mesma linha, a União Brasil movimenta-se em busca de reposicionamento. Presidente da sigla e ex-aliado de Bolsonaro, o deputado Luciano Bivar (PE) indicou neste domingo (31) que abandonará suas pretensões presidenciais para buscar novo mandato na Câmara.

A legenda não deverá se comprometer com ninguém agora, mas a saída de Bivar da disputa principal se dá após tratativas com o próprio Lula, que tenta desde já mover as peças com as quais espera contar no novo Congresso se for eleito.

Note-se ainda a ironia da situação. Na União Brasil, Bivar foi o padrinho da filiação do ex-juiz Sergio Moro, que mandou Lula para a prisão nos tempos da Operação Lava Jato e nos últimos meses viu suas ambições políticas se esfarelarem.

Antecipam-se, assim, sob o signo do pragmatismo, articulações que em outras eleições só ganhavam impulso com a definição do resultado das urnas —quadro nada auspicioso para a dita terceira via.

Ciro Gomes (PDT), o postulante mais bem situado nas pesquisas depois dos dois primeiros colocados, está estacionado no terceiro lugar, com 8% das preferências.

Se o poder de atração exercido pelos principais contendores parece irresistível para os partidos, é de se lamentar o empobrecimento do debate eleitoral que a ausência de outras candidaturas competitivas decerto acarretará.

Doze punhaladas no coração

Lygia Maria

Se estivesse viva, a atriz Daniella Perez faria 52 anos neste mês. Mas, em 1992, Daniella foi brutalmente assassinada por Guilherme de Pádua e sua esposa, Paula Thomaz. A história desse crime que chocou o Brasil é contada no documentário "Pacto Brutal", que estreou recentemente na HBO.

A violência do crime impressiona: 18 facadas pelo corpo da jovem, sendo 12 no coração. Porém a Justiça brasileira continua apunhalando o coração de Daniella, da mãe dela, a escritora Glória Perez, e dos familiares. Isso porque os assassinos condenados a 19 anos de prisão foram soltos após cumprirem menos de 7 anos da pena. Efeito da progressão de regime, que faz com que condenados no Brasil cumpram apenas parte da sentença na cadeia. Resultado: sensação de impunidade e indignação popular.

Fiquei a pensar, então, qual seria uma punição justa para esse tipo de crime. Sou contra a pena de morte: é imoral que se autorize o Estado a matar um indivíduo indefeso. Sem contar, claro, a possibilidade de assassinar um inocente: segundo pesquisa nos EUA, dos 7.842 presos no corredor da morte entre 1973 e 2004, 107 conseguiram provar inocência antes da execução. E os que não conseguiram? Para tornar a pena de morte moralmente inaceitável, basta um.

Há a prisão perpétua. Eu era a favor, até conversar com meu pai, professor de direito penal, que me disse: "Não, minha filha, isso é desumano, toda pessoa tem capacidade de se arrepender e de se redimir". Uma justificativa mais cristã do que técnica. Sou agnóstica, mas esse ponto de vista filosófico me agrada.

Concluí, então, que o ideal seria ver alguém que apunhala 12 vezes o coração de uma jovem passar 30 anos na cadeia. É pedir muito? Para o Congresso Nacional, é. Lá, eles estão mais interessados em aumentar os próprios salários do que as penas para crimes bárbaros que afetam todos os estratos sociais. Afinal, Glória Perez não é a única mãe brasileira a sentir a dor de ver um filho assassinado e os assassinos livres.

Não há vagas para racistas

Ana Cristina Rosa

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul tomou uma decisão histórica e de grande impacto social: expulsou um aluno racista. Por meio da Portaria 4.001, em meados de julho o reitor Carlos André Bulhões Mendes desligou Álvaro Körbes Hauschild, doutorando em filosofia, indiciado por crime de racismo qualificado pela Polícia Civil. O caso também foi remetido à Polícia Federal.

Muito justo. Afinal, o ambiente acadêmico não pode compactuar com um crime e não deve se omitir frente à ideia de superioridade ou supremacia racial.

Na origem da decisão estão mensagens enviadas por Hauschild assediando a psicóloga Amanda Klimick, que é branca e namora o estudante negro Sérgio Renato da Silva, discente da UFRGS. Nelas, segundo o inquérito, o ex-doutorando proferiu absurdos diversos.

Afirmou que negros exalam "um cheiro típico", "têm o cérebro programado para fazer o máximo de filhos que puder" e "possuem características genéticas diferentes". Ele também redigiu mensagens que negam o extermínio de judeus durante a 2ª Guerra.

Com o desligamento —festejado pelo Centro Acadêmico de Políticas Públicas e pelos diretórios estudantis da universidade, que se mobilizaram pela punição—, a reitoria dá um recado claro e importante: racistas não permanecerão.

Chamo atenção para o sul brasileiro, onde o perfil demográfico torna a desigualdade racial ainda mais evidente. Informações da Secretaria da Segurança Pública do RS dão conta de que a criminalidade no estado vem caindo. Porém o número de casos de racismo e de injúria racial não para de crescer: aumentou 25% em 2021.

O Rio Grande do Sul responde por cerca de 68% dos registros de racismo e injúria racial do país. As situações acontecem geralmente no ambiente de trabalho ou envolvendo vizinhança, colegas e "amigos", segundo a delegada Andrea Mattos, da Delegacia de Combate à Intolerância de Porto Alegre. Dá o que pensar.

Por que seguimos enxugando gelo?

Cecília Olliveira

O Rio de Janeiro assistiu fatigado à última operação policial no Complexo do Alemão, que deixou 18 mortos. No dia seguinte, o porta-voz da Polícia Militar admitiu, em momento de extrema sinceridade, que ações como aquela "enxugam gelo".

A política de operações policiais letais é, há décadas, encarada como a principal forma de combater a violência no Rio.

O resultado é sempre o mesmo: milhares de moradores com seu direito de ir e vir cerceado, policiais encurralados, crianças que crescem ameaçadas e íntimas do luto. O Rio forma gerações de pessoas traumatizadas.

A estratégia é viciada e, impulsionada por discursos eleitoreiros, não dá resultado porque o crime avança. O Mapa dos Grupos Armados, criado em conjunto pelo Fogo Cruzado, Disque Denúncia, Pista News e o Geni, laboratório da Universidade Federal Fluminense, mostra que milicianos controlam quase 60% do Rio. Mas dados coletados entre 2016 e 2019 mostram que só 3% dos tiroteios entre a polícia e algum grupo armado se deu em área de milícias.

Enquanto isso, o carioca já sabe que, pelo menos uma vez por semana, alguma favela será alvo de uma operação com muitos mortos. Das cinco chacinas policiais mais letais da história, quatro foram naquela região.

O pensamento sobre a violência é tão obsoleto que ainda há o hábito, da polícia e parte da imprensa, de não nomear as facções criminosas, ainda que o Comando Vermelho seja conhecido até na Amazônia e tenha conexões internacionais. A facção controla diversas favelas na Zona Norte, mas muito menos que a milícia.

Entender a geografia da violência, tomar decisões com base em dados, priorizar inteligência e não letalidade. O que é preciso fazer para deixarmos de enxugar gelo já não é segredo há muito tempo.

O colunista Ruy Castro, excepcionalmente, não está publicando suas colunas. Cecília Olliveira é jornalista investigativa, diretora fundadora do Instituto Fogo Cruzado e diretora da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo.

Invasão do Capitólio?

Marcus André Melo

Professor da Universidade Federal de Pernambuco e ex-professor visitante da Universidade Yale. Escreve às segundas

O debate sobre as eleições presidenciais tem girado em torno da tentativa de um "golpe" (com hora marcada!) e a referência ubíqua é a invasão do Capitólio americano. O paralelo tem alguma plausibilidade; são dois líderes populistas que compartilham similaridades. Mas há pelo menos três importantes diferenças institucionais que explicam por que a dinâmica de um eventual tumulto seria radicalmente distinta.

A primeira é que inexiste uma autoridade federal de facto encarregada de eleições nos EUA. A ratificação dos resultados eleitorais é descentralizada a nível estadual e mesmo local; o que é consistente com a existência de diferentes regras eleitorais nos estados (o que não é excepcionalidade americana, é assim também na Argentina, Alemanha etc.). No Brasil, o sistema é centralizado no TSE.

A segunda diferença é que as eleições presidenciais em nosso país são diretas. Nos EUA ocorrem em um colégio eleitoral no qual o número de delegados é igual à soma do número de deputados e senadores de cada estado. E, pela regra adotada, o partido vencedor no estado escolhe todos os delegados (há exceções).

A regra magnifica a importância de eleições locais para o resultado final: a eleição passa a ser decidida em pouquíssimos estados. A perda da eleição por um voto em um estado pode significar a perda de todos os delegados desse estado e garantir a vitória ao adversário (na Flórida, por exemplo, a perda por 1 voto—igual a 7.1 milionésimo do total de eleitores— implicaria a perda de 30 —5,5%— dos votos no colégio). Este hiperlocalismo politiza o processo de ratificação local, individualizando os conflitos na figura dos tomadores de decisão (o secretário de Justiça estadual, ou outros agentes que em alguns estados são eleitos).

Terceiro, nos EUA o processo eleitoral tem sido historicamente hiperpolitizado. Os obstáculos ao voto da população negra têm sido problema perene mesmo após o Voting Rights Act (1965). Muitos foram instituídos recentemente. Ademais, problemas de contagem expuseram eloquentemente a fragilidade do sistema. Na eleição Bush versus Gore (2000) os problemas de contagem na Flórida chegaram à Suprema Corte e ocorreram enorme mobilização e protestos de rua pelos democratas.

O episódio adquiriu visibilidade tendo sido tema de um filme popular, "Recontagem" (2008), com Kevin Spacey.

Nada disso ocorreu no Brasil. O último episódio de contestação (Proconsult) foi uma eleição para governador durante o regime militar. A auditoria solicitada pelo PSDB das eleições de 2014 permaneceu desconhecida do grande público.

O sistema brasileiro não é frágil, nem hiperlocalista, tampouco hiperpolitizado.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Inovação, um urgente projeto de longo prazo

A prosperidade é inalcançável sem investimentos em educação e pesquisa

O conhecimento tem valor estratégico e econômico preponderante. A prosperidade é cada vez mais inalcançável sem investimentos em educação, geração de saber através da pesquisa científica e sua apropriação econômica.

No Brasil, as melhores universidades atingiram níveis de excelência na formação de profissionais e na geração de conhecimento, mas podem contribuir mais para que tudo isso seja incorporado ao cotidiano, participando da qualificação da atividade econômica e da formulação de políticas públicas.

A USP elegeu o apoio à inovação como uma de suas prioridades. Embora o termo apareça com frequência no debate público, falta clareza sobre sua fundamentação.

A inovação é um processo que parte de uma ideia e resulta em benefícios sociais, culturais, ambientais ou econômicos. Experiências de outros países mostram que impacto significativo só é obtido quando os setores governamental, privado e acadêmico criam em conjunto, com sintonia e sinergia.

A articulação entre os três setores exige objetivos de longo prazo, tenacidade e continuidade de planejamento e execução. O governo traz anseios da sociedade e precisa estabelecer áreas prioritárias na inovação.

Deve ter protagonismo no planejamento e na coordenação, se responsabilizar por infraestrutura urbana, com zoneamento para o compartilhamento de espaços conjuntos de criação, e por incentivos por período determinado e com exigência de contrapartidas. O arcabouço legal e fiscal precisa ser aprimorado para garantir segurança e agilidade.

O setor privado, por sua vez, possui sensibilidade para o potencial disruptivo, social e econômico, de ideias originais e criativas, contribuindo para atrair capital de risco. A participação das universidades vem do conhecimento acumulado e da exploração das fronteiras atuais do saber, além da formação qualificada dos jovens.

Inovações disruptivas são fruto da combinação do conhecimento criado por pesquisa científica e a percepção sensível dos potenciais impactos no cotidiano.

> [...]
> A USP elegeu o apoio à inovação como uma de suas prioridades. Embora o termo apareça com frequência no debate público, falta clareza sobre sua fundamentação. A inovação é um processo que parte de uma ideia e resulta em benefícios sociais, culturais, ambientais ou econômicos

Há exemplos bem-sucedidos como o de Ontário, no Canadá. No final dos anos 1990, o governo local promoveu ações sistemáticas para acelerar a inovação. Compreendendo que o processo é local, com máxima eficiência quando colaboradores acadêmicos e privados atuam dentro de um raio de 30 km, Ontário criou 18 centros de inovação. Em vez de centralizar, o ideal é aproveitar as competências de universidades e a vocação econômica de seus entornos. Em Toronto, o distrito de inovação MaRS entrou em operação em 2005. Era financiado com 100% de recursos públicos; atualmente, a fração é de 40%. Toronto é, hoje, uma das quatro mais importantes cidades da América do Norte em tecnologia e, ao longo dos últimos cinco anos, gerou a segunda maior quantidade de empregos nessa área no continente.

Nas eleições, os programas de governo devem contemplar um urgente projeto de estado, com políticas a serem mantidas por ao menos duas décadas, para a sociedade colher os frutos de criatividade, engenhosidade, tenacidade e empreendedorismo de nossa gente.

São Paulo concentra capital financeiro, empresariado, parque industrial e produz significativa fração da ciência do país. A USP está à disposição para desempenhar seu papel nessa desafiadora tarefa.

Carlos Gilberto Carlotti Jr., reitor da USP; **Maria Arminda do Nascimento Arruda**, vice-reitora da USP; **Paulo A. Nussenzveig**, pró-reitor de Pesquisa e Inovação da USP; **Raúl González Lima**, pró-reitor adjunto de Inovação da USP

A cicatriz profunda da pandemia em crianças e jovens

Crises de ansiedade, fobias e depressão ficaram mais comum nas escolas

Laís Fontenelle
Mestre em psicologia clínica pela PUC-Rio

Mesmo quando caiu a obrigatoriedade do uso de máscaras na maioria das escolas, os sorrisos não voltaram a aparecer nos recreios. Estamos vendo os graves impactos da pandemia e do isolamento social na saúde mental de crianças e adolescentes, que se somam às lacunas pedagógicas e de aprendizagem.

O trauma é evidente no chão das escolas: crises de ansiedade generalizada, automutilação, fobias, depressão e conflitos. Segundo pesquisa do Conselho Nacional da Juventude, 6 em cada 10 jovens de 15 a 17 anos relataram sintomas de ansiedade e uso excessivo de redes sociais durante a pandemia.

Metade sofre com exaustão, 40 % tiveram distúrbios de sono ou peso e, o mais preocupante, 1 em cada 10 pensou em tirar a própria vida. O suicídio continua sendo a segunda causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos.

Foram dois anos de medo constante da doença, ensino híbrido, avaliações online e interações mediadas por telas e chats. Quando foi possível voltar à escola, os protocolos sanitários ditavam regras do convívio social tão restritas que nem uma simples bola podia rolar nas mãos e nos pés dos estudantes.

Apesar de toda a dificuldade, alunos, professores e famílias se acostumaram à nova realidade. Está sendo difícil retomar a normalidade mais próxima da que conhecíamos. Afinal, não foi só a escola que mudou, todos nós mudamos.

Nos enganamos ao achar que, na primeira oportunidade, íamos sair do zoom e abrir portas para os abraços. A realidade tem sido bem diferente. Tem sido desafiador reaprender a conviver presencialmente, partilhar regras e a estar em grupos ampliados com recreios mais barulhentos.

A geração da Covid-19 mergulhou nas telas como forma não só de aprender, mas de socializar e se autorregular, o que trouxe consequências para a formação subjetiva, com pouca tolerância à frustração que navega com dedinhos "touch screen" nas redes em busca de pertencimento e aceitação em forma de "curtidas".

> [...]
> O aumento exponencial de questões emocionais e comportamentais tem sido, sem dúvida, o maior desafio para famílias e escolas. A volta ao presencial revelou a necessidade de nos relacionar sem a mediação de telas ou máscaras, e que conviver também traz conflitos ou sofrimentos

O aumento exponencial de questões emocionais e comportamentais tem sido, sem dúvida, o maior desafio para famílias e escolas. A volta ao presencial revelou a necessidade de que temos de nos relacionar sem a mediação de telas ou máscaras, e que conviver também traz conflitos ou sofrimentos. Cuidar desta realidade se faz urgente.

Para vencermos essa crise, é preciso fortalecer a parceria entre família, escola e profissionais de saúde. O primeiro passo é reconhecer que os comportamentos que inspiram preocupação são fruto de um trauma e que a mudança demandará de nós conexão, tempo, dedicação e amparo.

Os conteúdos afetivos e emocionais são, hoje, tão ou mais importantes quanto os matemáticos, físicos ou linguísticos. Precisamos dar as mãos para cuidar das cicatrizes na saúde mental de nossas crianças e adolescentes com prioridade absoluta.

Precisamos ser rede e estarmos atentos a sinais que merecem cuidado e atenção, como baixa autoestima, mudanças no sono e no padrão alimentar, irritabilidade ou agressividade ou dificuldade de relacionamento extremo.

Diálogo e escuta devem ser essenciais nas casas e escolas. Façamos laços. Estejamos presentes. É imperativo dar palavra ao sofrimento inscrito no corpo das crianças e jovens para que possam sorrir de novo.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Giovanna Ewbank e Bruno Gagliasso com os filhos Instagram/gioewbank

Giovanna Ewbank

"Giovanna Ewbank defende filhos de racismo: 'Você merece um soco na cara'" (F5, 31/7). Uma leoa defendendo as suas crias e prestando grande serviço para a humanidade. Parabéns!
Maristela Pazetti Beraldo (Paulínia, SP)

*

Se a Giovanna fosse negra receberia este mesmo apoio incondicional? Ou foi uma mãe branca defendendo os filhos?
Fernando Gomes (São Paulo, SP)

Datafolha

"Datafolha: 49% deixaram de falar sobre política para evitar discussões" (Política, 31/7). Falar de política com amigos ou em família numerosa é coisa delicada e problemática. Sempre que há apoiadores do presidente nos grupos, eles se portam como militantes e propagandistas das ideias do aspirante a ditador. Qualquer comentário em direção oposta vira tema de confronto, o que já me levou diversas vezes a evitar os temas políticos.
José Rada Neto (Florianópolis, SC)

*

Talvez tenha sido uma das matérias mais importantes da série Eleições até agora. Ignorar os ignorantes é a melhor forma de evitar estresses desnecessários. Importa é que a população saiba do estrago produzido e faça a mudança já em outubro.
Adilson Ribeiro (Blumenau, SC)

*

A maioria decidiu evitar falar sobre política por um motivo bem maior: manter-se vivo. Já entre os que apoiam o atual mandatário, percebo que se sentem até encorajados, leia-se empoderados e armados pelo atual governo que, quando fala que o armamento assegura a liberdade do cidadão, na verdade quer dizer que arma de fogo leva à liberdade para ameaçar, atacar e até matar quem pensa diferente.
Alexandre Missael Kozerski (Foz do Iguaçu, PR)

*

A única explicação é a falta de maturidade política do povo brasileiro para se organizar e procurar uma saída para esta polarização política que só leva o país ao atraso.
Eugênio Duarte (Belo Horizonte, MG)

Moradia

Em relação à reportagem "Em Programa de Governo de SP, morador consegue casa, mas perde renda" (Cotidiano, 31/7), esclarecemos que o processo de transferência dos moradores que vivem em situações de extrema vulnerabilidade em palafitas, expostas a inúmeras doenças e sem as mínimas condições de educação das crianças, de mobilidade e segurança, entre outros riscos, tem por objetivo promover o desenvolvimento social e econômico das famílias beneficiadas. A mudança para unidades habitacionais adequadas, de acordo com a experiência dos técnicos sociais da CDHU, que acompanham o processo, proporciona melhores condições de vida e um novo ciclo de avanços, inclusive na obtenção de maior renda para o núcleo familiar.
Marcelo David Pawel Assessor de Imprensa da Secretaria de Estado da Habitação

Janio de Freitas

"Bolsonaro apela ao golpismo diante da derrota que se anuncia" (Política, 31/7). Linhas e entrelinhas de artigo a ser analisado copiosamente. A blindagem do arruaceiro por suas bancadas no Congresso, pelo armamentismo e por seus fanáticos ressentidos bate à porta.
Daisy Santos (Aracaju, SE)

*

Muitíssimo oportuna a menção à conexão Putin-Orban, Janio. Nunca ficou esclarecida a presença de dezenas de militares de alta patente naquela viagem a Moscou. Talvez ajude a entender também a razão da vinda do secretário de Defesa dos EUA no "avião do fim do mundo".
José Bernardo (Belo Horizonte, MG)

Filhos do MST

"'Filhos do MST' encampam bandeiras de agroecologia, reforma agrária e inclusão (Mercado, 31/7). Que maravilha saber que o MST se manteve e evoluiu para melhor. Muita gente não entende a importância do MST. Está aí o resultado, o movimento é nossa esperança de ter gente no campo instruída e produzindo alimentos sem veneno.
Afonso Cardoso (Belém, PA)

*

O MST pode ter escolas em que os alunos são claramente doutrinados e treinados para o confronto. Mas pergunte a essa galera o que acham do homeschooling.
Lucas Alves dos Santos (Porto Alegre, RS)

*

É muito interessante ver jovens ligados ao MST desenvolvendo e incentivando a agricultura orgânica. A juventude do MST está de parabéns. Excelente reportagem!
Josana Salles Abucarma (Cuiabá, MT)

Evanildo Bechara

"Devemos ser poliglotas na nossa língua, afirma Bechara, 94, gramático da ABL" (Ilustríssima, 31/7). Nada como começar a semana sob a luz da sabedoria e da maturidade. Precisamos de pessoas assim para reconduzir o mundo à sanidade.
Alexandre Pereira (Rio de Janeiro, RJ)

*

Muita tinta gasta com quem perpetrou uma reforma ortográfica desnecessária, cara e que, inteligentemente, foi declinada pelos portugueses. Pura vaidade do Bechara.
Ernesto Dias Júnior (Santo André, SP)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

COTIDIANO (3.NOV.2011, PÁG. C9) Diferentemente do publicado na edição de 11 anos atrás, na reportagem "Visitação a monumento no Ipiranga está interrompida", o Monumento à Independência não foi construído no exato lugar onde dom Pedro 1º proclamou a emancipação do Brasil. O ponto certo fica onde é hoje o parque da Independência, mas cerca de 300 m ao norte, como mostra a reportagem "Estudo indica local exato da proclamação da Independência", publicada na edição de 31/7 no caderno Cotidiano.

POLÍTICA (31.JUL, PÁG. A11) Por erro de edição, a coluna de Elio Gaspari foi publicada sem a assinatura do autor em parte dos exemplares.

política

PAINEL | *Fábio Zanini*

painel@grupofolha.com.br

Reforço

Com a resistência do senador Tasso Jereissati (PSDB-CE) em ser o vice de Simone Tebet (MDB-MS) à Presidência, Mara Gabrilli (PSDB-SP) passou a ser a principal opção para a vaga. A senadora, no meio do mandato, foi consultada pelas cúpulas tucana e emedebista nos últimos dias e disse que aceitaria a missão. Estrategistas da campanha destacam que Gabrilli dá um gás em São Paulo, estado vital para impulsionar Tebet e no qual a tucana teve seis milhões de votos em 2018.

BATER O MARTELO A troca deve ser sacramentada nesta segunda-feira (1), em uma reunião da federação entre PSDB e Cidadania. O anúncio, no entanto, só deve ocorrer na terça, porque Simone já tem agenda marcada com empresários na Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) nesta segunda.

SURPRESA! Convidado para ser candidato à Presidência da República neste domingo (31) durante a convenção do partido, o senador Alvaro Dias (Podemos-PR) diz ter ficado perplexo, porque não havia sido consultado antes. "Não estava combinado", afirma.

AZARÃO O parlamentar pretende avaliar junto com o Podemos se a empreitada vale a pena, tendo em vista um cenário de consolidação da polarização entre esquerda e direita. "Se for analisar pesquisas, ninguém sai candidato. Ser for, seria à espera do inusitado, de um fato novo que altere o quadro. Seria apostar no improvável", declara.

CRISE DE... Aliado do presidente Jair Bolsonaro (PL), o senador Wellington Fagundes (PL-MT) diz que a aliança feita pelo deputado Neri Geller (PP) e pelo senador Carlos Fávaro (PSD) com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) é um erro estratégico. Ambos são representantes do agronegócio no estado.

...IDENTIDADE "A gente tem que respeitar as opções de todos, mas, a meu ver, essas duas lideranças cometeram um erro grande. Elas têm a cara do Bolsonaro e da centro-direita, e foram por esse caminho", afirma Fagundes.

PENDURA O Judiciário conclui no início de agosto o pagamento dos precatórios previstos para 2022 e, pela primeira vez, deixará de pagar verbas alimentares, ou seja, aquelas necessárias à subsistência.

RACIONAMENTO Recursos referentes a salários, pensões e benefícios previdenciários, prioritários na Justiça, ficarão de fora devido à PEC dos Precatórios, vigente a partir deste ano, que estabeleceu teto de R$45 bilhões para 2022, pouco mais da metade do previsto.

BOLA DE NEVE O percentual de verbas alimentares não pagas é residual, mas a Ajufe (Associação dos Juízes Federais do Brasil) estima que, em 2026 sejam quitadas só 50% das dívidas ainda de 2024. "Enfraquece o Judiciário,são decisões não cumpridas", diz o presidente da entidade, Nelson Alves.

RÉGUA O deputado Luís Miranda (Republicanos-DF) é um dos destaques em produção desta legislatura de acordo com o Índice Legisla Brasil, que será lançado nesta segunda-feira (1). O parlamentar foi quem acusou Bolsonaro de ter prevaricado na compra das vacinas contra a Covid-19.

CURRÍCULO Essa categoria, na qual também se destacou Kim Kataguiri (União-SP), considera apresentação de projetos individuais, protagonismo e relevância dos textos, presença em plenário e outros pontos.

QUEM É? As buscas pelo governador de SP, Rodrigo Garcia (PSDB), no Google superaram em 42% as pelo ex-ministro Tarcísio de Freitas (Republicanos) no sábado (30), dia das convenções de seus partidos.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

Cláudio

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	Venda avulsa dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
352.428 exemplares (junho de 2022)

49% deixaram de falar sobre política para evitar discussões, diz Datafolha

Pesquisa indica que metade da população alterou a forma de se comportar com acirramento da tensão eleitoral nos últimos meses

Paula Soprana

SÃO PAULO Metade do eleitorado brasileiro (49%) diz ter deixado de conversar sobre política com amigos e familiares nos últimos meses para evitar discussões, diante do acirramento eleitoral, mostra pesquisa Datafolha realizada na semana passada.

A pesquisa indica que o índice é maior entre os eleitores de Lula (54%), candidato do PT, frente aos 40% dos apoiadores do presidente Jair Bolsonaro (PL).

A dois meses do primeiro turno, o Datafolha apresentou três situações de constrangimento ou coação e pediu aos entrevistados que respondessem se já passaram ou não por casos do tipo.

Além de deixarem de falar do assunto com pessoas próximas, que são 49%, 15% disseram já ter recebido ameaça verbal e 7%, física.

Dos entrevistados, 54% afirmaram ter vivido alguma situação de constrangimento, ameaça física ou verbal em razão de suas posições políticas nos últimos meses.

O contingente é mais alto entre simpatizantes do PT (63%), eleitores de Lula (58%), mais instruídos (62%), que reprovam o governo Bolsonaro (62%), autodeclarados pretos (60%) e homossexuais e bissexuais (65%).

Entre os que afirmam ter sofrido ameaça verbal por motivação política, o índice passa a 19% entre os que têm intenção de votar em Lula.

No lado de Bolsonaro, o índice é de 12%. Em relação a ameaças físicas, o índice é de 9% entre os eleitores de Lula e de 5% entre os de Bolsonaro.

A pré-campanha deste ano vem sendo marcada por uma escalada de violência nos dois últimos meses, sendo o assassinato de Marcelo Arruda, tesoureiro do PT, o episódio mais drástico.

Ele foi morto a tiros em Foz do Iguaçu (PR) por um apoiador de Bolsonaro durante a comemoração de seu aniversário de 50 anos, em 9 de julho. O tema da festa era o PT, com bandeiras do partido e de Lula.

Um comportamento semelhante é percebido na internet. A pesquisa aponta que 53% dos eleitores mudaram a postura nas redes sociais para evitar atritos com amigos e familiares.

No WhatsApp, aplicativo de conversa mais popular entre os brasileiros e central na comunicação política de 2018, 43% pararam de falar sobre política e 19% saíram de algum grupo.

Considerando outras redes sociais, 41% das pessoas deixaram de comentar e publicar conteúdo eleitoral.

De maneira geral, as taxas são mais altas entre os eleitores de Lula do que entre os de Bolsonaro.

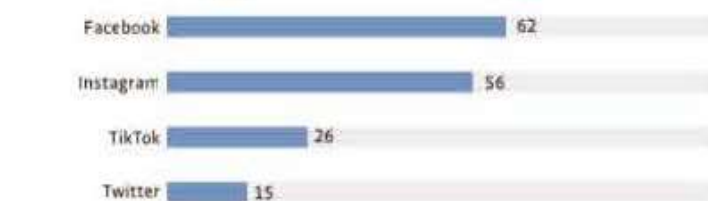
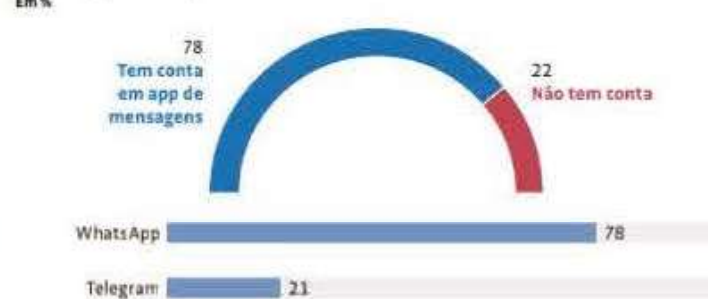
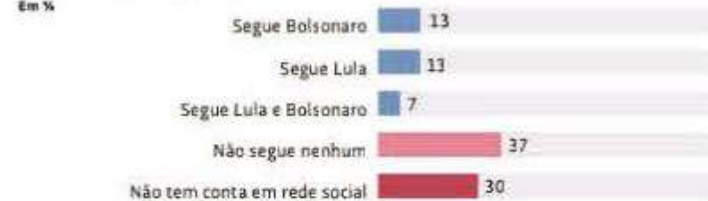
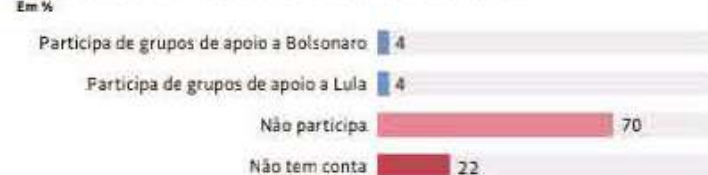
Na primeira situação, entre os eleitores do petista o índice é de 46%, ante 38% entre os eleitores do presidente, na segunda situação, 44% ante 35%, e na terceira, 23% ante 13%.

A pesquisa Datafolha, contratada pela Folha, ouviu 2.556 pessoas em 183 cidades do país entre quarta (27) e quinta (28).

A margem de erro é de dois pontos para mais ou para menos. O levantamento foi registrado no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) com o número BR-01192/2022.

49% deixaram de falar com amigos ou familiares sobre política

53% já tiveram algum problema com política em aplicativos de mensagens

70% têm conta em redes sociais

WhatsApp é usado por 78%

Brasileiros que seguem perfis de Lula ou Bolsonaro são minoria

Só 8% participam de grupos de apoio a Lula ou Bolsonaro

Fonte: Pesquisa Datafolha presencial com 2.556 pessoas com 16 anos ou mais em 183 municípios nos dias 27 e 28 de julho. A margem de erro é de 2 pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%. A pesquisa, encomendada pela Folha de S. Paulo, está registrada no TSE sob número BR-01192/2022

Ato pró-Bolsonaro esvaziado na avenida Paulista, em São Paulo, neste domingo (31) Danilo Verpa/Folhapress

Bolsonaro faz convite a governantes estrangeiros para o Sete de Setembro

Sob sombra golpista, Bicentenário da Independência terá desfiles militares em Brasília e no Rio

Ricardo Della Coletta, Cézar Feitoza e Mateus Vargas

BRASÍLIA O governo Jair Bolsonaro (PL) convidou para as festividades do 7 de Setembro em Brasília os chefes de Estado de Portugal, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Interlocutores disseram à **Folha** que o presidente português, Marcelo Rebelo de Sousa, já comunicou que pretende comparecer.

O feriado de 7 de Setembro deste ano marca os 200 anos da Independência do Brasil. Em declarações públicas recentes, o presidente indicou que planeja transformar as festividades em atos bolsonaristas.

As comemorações na capital federal devem ter a participação de 4.500 militares num desfile na Esplanada dos Ministérios, número similar ao de anos anteriores.

Neste sábado (30), durante a convenção que lançou o ex-ministro Tarcísio de Freitas (Republicanos) candidato ao Governo de São Paulo, Bolsonaro anunciou uma inovação para celebrar a data: um desfile militar oficial em Copacabana, no Rio de Janeiro.

Na data, Bolsonaro estará pela manhã em Brasília, como é tradição, e depois irá ao Rio de Janeiro.

"Sei que vocês [paulistas] queriam [que o ato fosse] aqui [em SP]. Queremos inovar no Rio. Pela primeira vez, as nossa Forças Armadas e a as forças auxiliares estarão desfilando na praia de Copacabana", disse.

Em outras ocasiões, Bolsonaro afirmou que as comemorações do Bicentenário da Independência iriam mostrar que ele é o único candidato à Presidência que tem grande apoio popular.

"Eles querem aproveitar a data de 7 de Setembro para ter uma grande concentração em São Paulo e nas capitais, aqui em Brasília. Vai ser um 7 de Setembro e também um apoio a um possível candidato que esteja disputando", disse ao SBT News, em junho.

A informação de que Bolsonaro convidou os dignatários de países lusófonos foi confirmada pelo Itamaraty. "Até o momento, foram convidados para as festividades do Bicentenário da Independência do Brasil apenas os chefes de Estado dos países de língua portuguesa", disse a pasta.

Fontes consultadas disseram que o convite é referente às festividades em Brasília, incluindo o desfile.

O presidente português esteve no centro de uma recente polêmica com Bolsonaro. No início de julho, o líder brasileiro desmarcou uma reunião que teria com Marcelo Rebelo em Brasília.

Bolsonaro se irritou com o fato de Rebelo ter agendado uma reunião com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), principal adversário do presidente nas eleições deste ano.

Com a possível presença de altas autoridades estrangeiras, a expectativa de interlocutores ouvidos é que o desfile do 7 de Setembro em Brasília seja protocolar e que eventuais sinalizações golpistas de Bolsonaro para sua base mais radical fiquem reservadas para o evento no Rio de Janeiro.

Normalmente são convidadas para o desfile em Brasília autoridades dos outros Poderes, entre eles os presidentes do STF (Supremo Tribunal Federal), da Câmara e do Senado.

Ao organizar um desfile militar na tarde do feriado em Copacabana, Bolsonaro repete em parte o que fez no ano passado. Na ocasião, ele realizou atos políticos em Brasília e, à tarde, em São Paulo —o tradicional desfile oficial na capital federal não ocorreu em 2020 e em 2021 por conta da pandemia.

Nos atos do ano passado, Bolsonaro fez ameaças golpistas ao STF e atacou ministros da corte. Em discurso na avenida Paulista, em São Paulo, o presidente exortou desobediência a decisões da Justiça e disse que só sairá morto da Presidência da República.

"Nós devemos sim, porque eu falo em nome de vocês, determinar que todos os presos políticos sejam postos em liberdade. Dizer a vocês que qualquer decisão do senhor Alexandre de Moraes esse presidente não mais cumprirá. A paciência do nosso povo já se esgotou", afirmou no ano passado.

Generais do Alto Comando das Forças Armadas afirmam, sob condição de anonimato, que a expectativa é que o desfile deste ano na Esplanada dos Ministérios atraia um número maior de público do que em edições anteriores.

Há três motivos para a previsão: a comemoração do Bicentenário da Independência, a volta do desfile após dois anos sem evento oficial e as convocações feitas por Bolsonaro.

No STF e no TSE, ministros acompanham com apreensão as declarações golpistas de Bolsonaro. O temor é justamente que o presidente use o desfile militar para insuflar apoiadores contra o Judiciário e o sistema eleitoral brasileiro.

Apesar disso, a avaliação até o momento é que o atual clima entre o Planalto e o Judiciário não está tão hostil como no ano passado. A própria mobilização de bolsonaristas para o 7 de Setembro parece ter menos força neste ano.

Convocadas há alguns meses para serem atos preparatórios ao Dia da Independência, manifestações pró-governo neste domingo (31) tiveram baixa adesão.

Na avenida Paulista, em São Paulo, a mobilização reuniu algumas dezenas de bolsonaristas diante de um trio elétrico. As críticas às urnas eletrônicas predominaram entre os discursos, que pediam o voto impresso e diziam que Bolsonaro havia baixado o preço do combustível.

Os manifestantes levavam bandeiras do Brasil junto ao corpo e vestiam verde e amarelo. Apoiadores do ex-presidente Lula que passavam pelo local faziam o gesto de L com a mão e gritavam "Fora, Bolsonaro", no que ouviam: "vai pra lá, petista".

Próximo ao metrô, duas mulheres levavam cartazes pedindo a intervenção das Forças Armadas e destituição dos ministros do STF e TSE. Alexandre de Moraes, que assume o comando da corte eleitoral no próximo dia 16, foi o principal alvo dos bolsonaristas.

Colaboraram Géssica Brandino e Danilo Verpa

PGR pede tornozeleira para homem que falou em caçar Lula

BRASÍLIA A PGR (Procuradoria-Geral da República) pediu neste domingo (31) ao ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), que transfira Ivan Rejane Fonte Boa Pinto para prisão domiciliar, com uso de tornozeleira eletrônica.

Ele é o homem que defendeu ataques a políticos de esquerda, como o ex-presidente Lula (PT), e a ministros da corte suprema.

A Procuradoria ainda solicita que seja mantido os bloqueios de seus grupos no Instagram e WhatsApp e de canais administrados por ele em redes sociais, além da proibição de conceder entrevistas, criar listas de transmissão e proferir discursos de ódio e de grave ameaça a ministros do STF ou agentes políticos.

A manifestação da vice-procuradora-geral da República, Lindôra Araújo, vai de encontro à da Polícia Federal, que havia solicitado a prisão preventiva (sem tempo determinado) de Ivan Rejane.

Para o delegado federal Fábio Alvarez Shor, Ivan Rejane representa risco à ordem pública e outras medidas que não sejam a prisão preventiva não seriam eficazes, porque há, segundo ele, potencial continuidade de delitos de ameaças ao Judiciário e ao Estado democrático de Direito.

Que chances tem Bolsonaro?

Presidente depende de efeitos de PEC e de golpismo passar despercebido

Celso Rocha de Barros
Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra)

Nenhuma virada em eleições presidenciais brasileiras começou de agosto em diante. A pesquisa Datafolha da semana passada veio igual à do mês anterior. Isso quer dizer que Bolsonaro tem que cobrir a mesma distância que já o separava de Lula em um período 30% menor.

Por mais que os bolsonaristas mintam sobre o Datafolha, a pesquisa do instituto era a melhor esperança de uma boa notícia para o Planalto no fim de julho. O Datafolha faz pesquisas presenciais, que são melhores para medir os votos dos pobres.

Pesquisas presenciais têm sido piores para Bolsonaro —os pobres votam em Lula— mas é justamente para o voto dos pobres que Bolsonaro está olhando com mais atenção: se a PEC "Medo do Lula" produzir efeitos eleitorais significativos, será entre os pobres.

O Datafolha não trouxe notícia de novos pobres votando em Bolsonaro fora da margem de erro. Foi, portanto, uma pesquisa ruim para Jair: o anúncio do auxílio não lhe rendeu votos.

Resta-lhe a esperança, entretanto, de que essa situação mude quando o dinheiro do auxílio for depositado. É uma expectativa perfeitamente plausível. É bem possível que Bolsonaro ganhe alguns pontos percentuais nas pesquisas no final de agosto.

Isso pode evitar uma vitória de Lula no primeiro turno, se o petista não for beneficiado por voto útil de eleitores de Ciro ou Tebet.

No fundo, é isso: se não fosse pela PEC "Medo do Lula", ou Lula já teria sido eleito, ou haveria tempo para uma debandada de direitistas para outras candidaturas.

O governo Bolsonaro foi ruim demais para que a reeleição fosse o cenário mais provável, como sempre foi o caso em eleições anteriores. Entretanto a própria esculhambação institucional pós-2018 gerou a PEC que mantém o presidente no jogo.

No jogo, mas com que chances? Mesmo se Bolsonaro for para o segundo turno contra Lula, as projeções não lhe são favoráveis.

Além disso, para um potencial aliado nos estados, o golpismo de Bolsonaro traz vários riscos. A menos que se tenha certeza de que o golpe dará certo —e ninguém tem— apoiar Bolsonaro é correr o risco de chegar em um provável terceiro governo Lula tendo tentado roubar a eleição do cara que ganhou.

É declarar guerra contra o STF e a imprensa, que têm boa memória.

Isto é, mesmo se as últimas semanas de agosto aumentarem as chances de Bolsonaro vencer a eleição, o 7 de Setembro aumentará o preço que seus aliados pagarão em caso de derrota.

Não por acaso, as movimentações a favor de Lula começaram antes mesmo de sabermos, em definitivo, se a PEC mudará muitos votos.

Líderes do PMDB de 11 estados já declararam apoio a Lula no primeiro turno. O PT ainda tenta atrair apoios de gente na União Brasil, o que, pouco tempo atrás, seria impensável.

Há uma chance real de André Janones (Avante-MG) desistir de sua candidatura em favor de Lula nesta semana. Enquanto isso, o PP do Piauí, partido do ministro Ciro Nogueira, briga na Justiça para que seus adversários não divulguem fotos de seus candidatos com o presidente da República.

As coisas podem mudar, mas, no momento, o quadro é o seguinte: o auxílio trabalha por Bolsonaro, o golpismo trabalha contra. Portanto o efeito do auxílio precisa ser grande o suficiente para Jair voltar a acreditar que pode vencer sem golpe. Não é fácil.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. Celso R. de Barros | **TER. Joel P. da Fonseca** | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Moraes tem desafio de se aproximar dos militares sem afrouxar decisões

Próximo presidente do TSE tem convivência diária com fardados no Comando Militar do Planalto

Cézar Feitoza e José Marques

O ministro Alexandre de Moraes, que presidirá o Tribunal Superior Eleitoral nas eleições deste ano Adriano Machado-18.mai-22 Reuters

BRASÍLIA Com a posse na presidência do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) em 16 de agosto, o ministro Alexandre de Moraes se vê entre expectativas de melhorar a relação da corte com as Forças Armadas e, ao mesmo tempo, demonstrar firmeza para evitar desinformação que tumultue o processo eleitoral.

Ministros do TSE e generais do Alto Comando das Forças Armadas acreditam que a boa relação entre Moraes e militares seja usada para a reabertura do diálogo entre a corte e o Ministério da Defesa.

Um dos principais focos de Moraes será amenizar a crise entre o tribunal e as Forças Armadas. O mal-estar tem se intensificado desde maio, após o TSE rejeitar sugestões dos militares para alterar o processo eleitoral deste ano.

Os vetos foram feitos enquanto o presidente Jair Bolsonaro (PL) ampliava insinuações golpistas e ataques às urnas eletrônicas. Na negativa, os técnicos do TSE disseram que os militares confundiram conceitos e erraram cálculos ao apontar risco de inconformidade em testes de integridade das urnas.

Apesar de ser um dos principais alvos de ataque de Bolsonaro, Moraes tem um histórico mais próximo dos militares do que o atual presidente do TSE, Edson Fachin.

Ele construiu sólido relacionamento com generais das Forças Armadas nos períodos em que foi secretário de Segurança Pública de São Paulo, na gestão do ex-governador Geraldo Alckmin, e ministro da Justiça, no governo Michel Temer.

No STF (Supremo Tribunal Federal), Moraes foi procurado por ministros da Defesa do governo Bolsonaro para aparar arestas, enquanto o Palácio do Planalto evitava contatos diretos com o ministro.

Em junho de 2020, em meio à crise causada pelo inquérito das fake news, o então ministro da Defesa, Fernando Azevedo e Silva, foi até a casa de Moraes, em São Paulo, para costurar uma pacificação entre os Poderes.

Eles se conheceram durante as Olimpíadas de 2016. À época, Moraes era ministro da Justiça, e Azevedo, comandante Militar do Leste. Azevedo quase ocupou a diretoria-geral do TSE a convite de Moraes, mas desistiu sob a alegação de que passava por questões pessoais de saúde e familiares.

O general Paulo Sérgio Nogueira, atual ministro da Defesa, também procurou o magistrado do STF em outubro de 2021, após assumir o cargo de comandante do Exército. O movimento buscava reconstruir pontes depois dos ataques feitos por Bolsonaro nas manifestações do 7 de Setembro.

Há cerca de três anos, Moraes escolheu a academia do Comando Militar do Planalto, em Brasília, para fazer musculação.

A rotina é a mesma até hoje: o ministro chega no início da manhã no Setor Militar Urbano e faz os exercícios ao lado de soldados da ativa antes de seguir para o trabalho nos tribunais.

Em conversa com parlamentares no último dia 13, Moraes disse que segue em contato com militares das altas cúpulas das três Forças Armadas para medir a temperatura da crise.

Segundo relatos feitos à **Folha**, o ministro ainda afirmou que, com base nas conversas que mantém, não vê risco de os militares respaldarem um eventual golpe à democracia.

Ele prometeu, porém, firmeza no combate às informações falsas —que incluem o descrédito ao sistema eleitoral, muitas vezes reforçado pelas Forças Armadas.

Em decisões que tomou quando assumiu interinamente a presidência do TSE, entre 2 e 17 de julho, Moraes foi rígido em relação a casos de fake news e também em pedidos de políticos suspeitos de fraudes ou de irregularidades com dinheiro público.

Um exemplo é o pedido do PT para que fossem retiradas notícias fraudulentas que relacionavam o partido e o ex-presidente Lula ao PCC. Em pouco mais de 12 horas, o ministro determinou a remoção do conteúdo de sites e de perfis de bolsonaristas em redes sociais.

Moraes também determinou a remoção de conteúdo falso do Telegram e do Kwai que relacionavam Ciro Gomes (PDT) a facções criminosas. As duas decisões sobre o candidato foram tomadas em dois e quatro dias após as ações serem protocoladas.

O magistrado, no entanto, foi mais flexível em relação a acusações de propaganda irregular antecipada. Moraes derrubou, por exemplo, decisão do TRE-SP (Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo) que determinava a remoção de outdoors com mensagens favoráveis ao governador Rodrigo Garcia (PSDB), pré-candidato à reeleição.

Na crise com o TSE no começo do ano, o ministro da Defesa, Paulo Sérgio Nogueira, demorou um mês para responder ao órgão. Em ofício, ele disse que os militares se sentiam desprestigiados pela corte na discussão sobre transparência do sistema eleitoral.

"Até o momento, reitero, as Forças Armadas não se sentem devidamente prestigiadas por atenderem ao honroso convite do TSE para integrar a CTE [Comissão de Transparência das Eleições]", escreveu.

Aliados de Nogueira afirmaram à **Folha** que a manifestação do ministro foi feita após a equipe do Comando de Defesa Cibernética, comandada pelo general Heber Portella, se sentir ridicularizada pela resposta do TSE.

A expectativa de auxiliares do ministro da Defesa é que Moraes aceite, no início da gestão, os pedidos para uma reunião entre técnicos do TSE e das Forças Armadas.

O encontro é defendido por militares como a principal forma de apresentar detalhadamente três sugestões tidas por eles como fundamentais para aperfeiçoar o sistema eleitoral deste ano.

Atual presidente do TSE, Edson Fachin tem negado o pedido. Ele afirma que o foro adequado para as discussões é a Comissão de Transparência das Eleições. Nas reuniões do colegiado, no entanto, o representante das Forças Armadas tem ficado em silêncio.

A aliados Fachin argumenta que não receberá os militares para não dar tratamento diferenciado a eles. No Ministério da Defesa, a ação é vista como uma forma de o presidente do TSE isolar as Forças Armadas, já que a maioria da CTE é contrária às posições defendidas por Portella.

As três sugestões feitas pelas Forças Armadas são as seguintes: realizar o Teste de Integridade das urnas nas mesmas condições de votação, incluindo o uso de biometria; promover o TPS (Teste Público de Segurança) no modelo de urna UE2020, que representa 39% do total de urna; e incentivar a realização de auditoria por outras entidades, principalmente por partidos políticos, conforme prevê a legislação eleitoral.

O TSE já respondeu sobre as três sugestões apresentadas pelas Forças Armadas na CTE. O Ministério da Defesa, no entanto, pede especialmente uma mudança no teste de integridade das urnas eletrônicas, para garantir que um possível "código malicioso" seja identificado.

Em vez de realizar os testes nas sedes dos TREs (Tribunais Regionais Eleitorais), as Forças Armadas pedem que as urnas sejam avaliadas dentro das seções eleitorais, com o uso da biometria dos eleitores.

Em documento obtido pela **Folha**, o TSE afirma que possíveis aperfeiçoamentos no teste são avaliados para as eleições de 2024.

O Ministério da Defesa espera que as sugestões sejam analisadas por Moraes, que poderá encontrar um meio-termo, considerando as dificuldades técnicas de se alterar processos diante da proximidade da eleição.

Sugestões feitas por militares sobre o sistema eleitoral

1
realizar o Teste de Integridade das urnas nas mesmas condições de votação, incluindo o uso de biometria

2
promover o TPS (Teste Público de Segurança) no modelo de urna UE2020, que representa 39% do total de urna

3
incentivar a realização de auditoria por outras entidades, principalmente por partidos políticos, conforme prevê a legislação eleitoral.

Haddad poupa Alckmin e só mira gestão de Doria e Rodrigo

Petista quer fazer colar no atual governador a rejeição de seu antecessor

Artur Rodrigues e Carolina Linhares

SÃO PAULO A campanha de Fernando Haddad (PT) ao Governo de São Paulo tem missão difícil: criticar o legado do rival PSDB e ao mesmo tirar dividendos políticos da aliança com o tucano que governou o estado por mais tempo, Geraldo Alckmin, hoje no PSB e vice na chapa presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

A estratégia tem sido a de poupar Alckmin de ataques, evitando embaraços, e centrar a artilharia na gestão dos tucanos João Doria e Rodrigo Garcia, que são inimigos também do ex-governador.

Haddad cumprimenta apoiador em evento em São Paulo Bruno Santos-23.jul.22/ Folhapress

De acordo com a última pesquisa Datafolha, Haddad lidera com 34%, seguido de Tarcísio de Freitas (Republicanos), candidato de Jair Bolsonaro (PL), e Rodrigo, ambos com 13%. O governador é visto como adversário pelo PT.

Ao mirar em Doria e Rodrigo, Haddad cumpre o papel de se diferenciar das gestões tucanas, mas sem desgastar o novo aliado.

Alckmin é descrito por Haddad como alguém com quem teve divergências e bom relacionamento na época em que era prefeito e o então tucano, governador.

O ex-prefeito faz questão de dizer nos discursos, inclusive, que esteve presente em todas as conversas que aproximaram Alckmin do PT e terminaram por construir um palanque que vai de Márcio França (PSB) a Guilherme Boulos (PSOL).

Na campanha de Haddad, a avaliação é a de que o ex-prefeito critica a gestão tucana, mas a partir da leitura de que o eleitorado se ressente da gestão Doria.

Haddad volta-se também contra Bolsonaro, nacionalizando a eleição e exaltando a união com Alckmin, nas palavras dele, pelo propósito maior de derrotar o fascismo.

Ao evocar o "BolsoDoria", o petista une seus rivais prioritários. "O BolsoDoria não funcionou", pontuou durante discurso em Casa Branca (SP), no último dia 19. Ele costuma apontar que hoje o antipetismo é menor do que a rejeição a Bolsonaro e Doria no estado.

Críticas aos governos passados do PSDB, inclusive com menção a Alckmin, apareceram no texto da Fundação Perseu Abramo, ligada ao PT, redigido em fevereiro com o objetivo de subsidiar o plano de governo de Haddad.

O diagnóstico afirma que a adoção das políticas neoliberais ampliou as desigualdades, além de sucatear os serviços públicos. Alckmin é citado quando os temas são renúncia fiscal e privatização.

Esse tom, porém, não aparece nas falas de Haddad. Mesmo em seminários da campanha sobre temas nos quais o PT paulista demonstra maior oposição ao PSDB, como educação e segurança, a gestão de 30 anos dos tucanos no estado passou batida e os ataques foram para Doria.

O petista afirma que a escola de tempo integral, marca de Doria/Rodrigo, tem que "ser estruturada e séria".

Referindo-se a Doria, Haddad disse que o governo "prejudicou os professores".

"Doria teve uma atuação muito questionável na economia, sobretudo no aumento de impostos durante a pandemia. A fuga de empresas e de empregos para estados vizinhos tem sido crescente porque ele aumentou os impostos enquanto os vizinhos reduziram", escreveu em suas redes.

O roteiro é seguido por Alckmin. Na convenção do PT paulista, no último dia 23, o ex-tucano mirou em Doria/Rodrigo e Bolsonaro.

Ele afirmou que, junto com Haddad, estabeleceu a gratuidade de 60 anos no transporte público. "Olha que barbaridade: o governo do Doria e do Rodrigo baixou o ICMS do avião a jato e cortou a gratuidade do transporte no ônibus para um idoso", declarou.

Parte das falas de Haddad, contudo, servem de crítica, ainda que indireta, a todo o legado do PSDB. Em café da manhã com sindicalistas em Guarulhos, afirmou que o povo não conhece o Palácio dos Bandeirantes e que deveria participar do governo.

O jingle de Haddad, por sua vez, afirma que "a hora é de mudança e de coragem". Mas a questão da renovação, acoplada à crítica do passado tucano, tem aparecido somente nos discursos de outros aliados, como Boulos.

Em evento em Diadema (SP), no último dia 9, o psolista afirmou que uma das tarefas nesta eleição é "acabar com 30 anos de governos tucanos nesse estado". A fala causou incômodo a aliados de Alckmin, que estava no palco.

No programa Roda Viva, em junho, ao ser questionado sobre poupar Alckmin, Haddad afirmou que não tem problema em tratar dos governos anteriores do PSDB.

"Não é uma questão de não lembrar as críticas que fizemos no passado aos governos do PSDB, mas nós também temos que distinguir o que aconteceu nos governos passados do que aconteceu sob o Doria. [...] O que aconteceu no governo Doria é uma coisa bem diferente do que aconteceu nos governos tucanos. Acho que o Doria fez uma inflexão antipopular", respondeu.

De maneira geral, porém, Haddad e Alckmin vêm trocando afagos. O petista afirma que Alckmin e Lula estiveram do mesmo lado da redemocratização e que o momento atual cobra essa união.

Em Casa Branca, Haddad criticou Doria pelo "que ele fez com Alckmin, de levar o Rodrigo Garcia, que nunca foi tucano, para ter a precedência da candidatura". Em entrevista a uma rádio, ele reforçou a ideia de que Rodrigo não representa o PSDB histórico, que se uniu a Lula.

Para o cientista político Marco Antonio Teixeira, da FGV, resta a Haddad se equilibrar nessa linha tênue, delimitando a diferença entre as gestões tucanas.

"Se você quer ser alternativa, tem que criticar a fragilidade de quem está no poder. Quem está na oposição só sobe se mostrar que é diferente de quem está na situação, e a situação tem quase 30 anos", diz.

Ele pontua, porém, que o distanciamento de Doria da política acaba tirando um pouco do peso das costas do atual governador.

Quando Doria deixou o governo, em abril, sua gestão era considerada ruim ou péssima por 36% dos entrevistados, segundo o Datafolha. A pesquisa do fim de junho mostrou que Rodrigo era rejeitado por apenas 15%.

Lula participa de ato com o candidato a governador Danilo Cabral (PSB) em Pernambuco, em julho @danilocabralpe no instagram

Petistas contestam alianças feitas por Lula nos estados

Descompasso entre base e cúpula partidária gera reação hostil de apoiadores

João Pedro Pitombo e Rosiene Carvalho

SALVADOR E MANAUS Foi em meio a vaias e gritos de "golpista" que o pré-candidato a governador de Pernambuco Danilo Cabral (PSB) subiu ao palco em uma casa de shows em Olinda (PE) no final de julho. Ele foi um dos deputados que votou a favor do impeachment de Dilma Rousseff (PT) em 2016, ato pelo qual se diz arrependido.

Ao perceber os apupos, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) foi ao seu encontro. O pessebista tentou quebrar o gelo e passou o braço por cima do ombro do petista: "Vem para cá, presidente".

A reação hostil é resultado de um descompasso entre as decisões das cúpulas partidárias e os desejos da militância, fenômeno que não se limita a Pernambuco. Em estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste, militantes e líderes contestam as alianças locais costuradas por Lula com base na eleição presidencial.

Na estratégia definida pelo PT para 2022, a prioridade é a eleição de Lula para a Presidência, seguida da eleição de deputados federais e senadores. Governos estaduais ficaram em segundo plano.

Um dos casos mais emblemáticos é o Amazonas, onde um acordo imposto fez o PT apoiar o senador Eduardo Braga (MDB) para o governo e Omar Aziz (PSD) para a reeleição ao Senado.

A aliança mira intensificar dissidências dos dois partidos, que não estarão formalmente aliados a Lula: o MDB lançou a senadora Simone Tebet ao Planalto, e o PSD deve ficar neutro.

Governador de 2003 a 2010, Braga tentará um terceiro mandato, mas aparece em terceiro lugar nas pesquisas de intenção de voto. O cenário não é dos mais favoráveis: ele nunca venceu uma eleição para o governo na oposição e enfrenta desgaste político — em 2018, por pouco não se reelegeu para o Senado.

Pesa contra o senador o seu voto a favor do impeachment da então presidente Dilma Rousseff (PT) em 2016. Quando questionado sobre o assunto, limita-se a dizer que a questão ficou no passado.

Entre os petistas, por exemplo, há deputados estaduais que fazem parte da base de apoio a Wilson Lima (União Brasil) e vão apoiar a reeleição do governador, que fechou aliança com o presidente Jair Bolsonaro (PL) no estado.

É o caso do próprio presidente do PT no Amazonas, deputado estadual Sinésio Campos. Além de ser aliado de Lima, ele é um defensor de pautas que geram controvérsia na esquerda, caso da mineração em terras indígenas.

"Eu defendo a mineração na Amazônia e em terra indígena há mais de 20 anos. Bolsonaro defende há menos de três anos", disse Sinésio em março à rádio BandNews Difusora. A posição contrasta com os planos de Lula, que se opõe à exploração mineral em áreas demarcadas.

Sinésio defendia que a federação não apoiasse nenhum candidato ao governo, mas diz que respeitará a decisão de apoio a Braga.

Outro ponto de conflito está na relação entre Eduardo Braga e Omar Aziz, que têm um histórico de brigas e chegaram a trocar farpas durante a CPI da Covid no Senado.

Omar Aziz foi vice-governador de Braga em dois mandatos. Os dois romperam politicamente em 2014, quando Omar apoiou o então vice-governador, José Melo, na disputa pelo governo contra o senador do MDB, que foi derrotado.

Nesta eleição, Omar aceitou firmar aliança com o MDB após conversas com Lula. Mas a tendência é que seja um casamento de aparências; na convenção do PSD, não houve convite nem citação a Braga.

Omar Aziz tem relação próxima com Wilson Lima e apoiou o governador durante o processo de impeachment na Assembleia Legislativa, que acabou arquivado.

Outro estado onde há descompasso entre as bases e a cúpula do PT é Mato Grosso. Líderes locais do partido criticam a aliança com o deputado federal Neri Geller (PP), um dos principais membros da bancada ruralista, que vai concorrer ao Senado.

Empresário e produtor rural, Geller vai liderar o palanque de Lula no estado. Ao seu lado estão outros nomes de peso do agronegócio, caso do senador Carlos Fávaro (PSD) e dos empresários Blairo e Eraí Maggi.

A aliança foi costurada com o comando nacional do PT, que viu na parceria uma oportunidade de criar pontes com o setor, uma das principais bases eleitorais de Bolsonaro.

Petistas de Mato Grosso, contudo, queriam lançar candidaturas próprias ao governo e ao Senado e veem a aliança com reservas.

O deputado estadual Lúdio Cabral (PT), que concorreu ao governo do estado em 2014 e ficou em segundo lugar, afirma que é importante o diálogo de Lula com representantes do agronegócio, mas diz não ver sentido em uma aliança imposta no estado, onde há um histórico de antagonismo.

"Não vejo sentido que o PT se subordine ao projeto político do agronegócio em Mato Grosso, a não ser que eles façam uma autocrítica ou revejam suas posições. A gente precisa de coerência programática", completa o deputado.

Em Pernambuco, parte da militância petista critica a retomada da aliança com o PSB em 2018 e a manutenção da parceria em 2022. Os pessebistas governam o estado há 16 anos e tentam dar continuidade à hegemonia.

Para manter o apoio ao PSB, o PT preteriu, pela segunda vez consecutiva, o pleito da deputada federal Marília Arraes de concorrer ao governo do estado. Ela deixou o PT e migrou para o Solidariedade em abril e vai disputar o governo rodeada por ex-aliados do PSB no estado.

Marília levou consigo o apoio de uma parcela expressiva da militância petista, incluindo políticos petistas com mandato. O PT contra-atacou no início deste mês e expulsou 11 filiados por não seguirem a orientação partidária.

A principal mágoa está no apoio dado pelo PSB de Pernambuco em 2016 ao impeachment Dilma Rousseff.

Lula tem repetido que Danilo Cabral é o seu candidato a governador em Pernambuco e não deve participar de atos com Marília Arraes. Em discursos, o presidente defende o cumprimento da aliança com o PSB e diz que respeita os acordos feitos "no fio do bigode".

Na reta final até o fim do prazo para a realização das convenções, que se encerram em 5 de agosto, a cúpula do PT ainda intensifica negociações para alianças em estados como Goiás e Mato Grosso do Sul.

O partido tem pré-candidaturas ao governo lançadas, mas não estão descartadas composições com o MDB ou PSD em Mato Grosso do Sul e com o PSDB em Goiás.

Bivar desiste do Planalto, e União deve se aliar ao Podemos

BRASÍLIA E RECIFE O presidente da União Brasil, deputado Luciano Bivar (PE), disse neste domingo (31) que tentará um novo mandato na Câmara dos Deputados e que não manterá sua pré-candidatura ao Palácio do Planalto.

O aviso, feito um dia antes em grupo de WhatsApp de parlamentares do partido, foi repetido na convenção estadual da União em Pernambuco, no Recife.

Bivar não pontuou na pesquisa Datafolha da semana passada, que mostra o ex-presidente Lula (PT) 18 pontos à frente de Jair Bolsonaro (PL).

Na convenção, Bivar falou em uma possível aliança com o Podemos no primeiro turno, tendo a senadora Soraya Thronicke (MS) como candidata da União Brasil na corrida ao Palácio do Planalto.

Eleita na onda bolsonarista de 2018, Soraya está no meio do mandato no Senado Federal —tem mais quatro anos pela frente.

Luciano Bivar em convenção da União Brasil no Recife José Matheus Santos/Folhapress

Durante discurso, Bivar também fez defesa da democracia e lembrou o período da ditadura militar no país. "Eu, talvez, seja um dos poucos que está aqui que vivi um momento delicado quando era estudante da faculdade de direito. Precisamos antes de tudo preservar a nossa democracia e a liberdade."

A articulação para que Bivar desistisse de concorrer ao Planalto envolveu Lula. Inicialmente, Bivar tentou levar o partido a apoiar o petista. Integrantes da cúpula da União Brasil, porém, rechaçaram a hipótese.

Para aliados do petista, conseguir mais espaço na TV traria um impacto importante para a campanha e aumentaria as chances de uma definição ainda no primeiro turno —a União detém a maior fatia de fundo eleitoral e o maior tempo de propaganda de rádio e televisão.

Na prática, porém, a troca de Bivar por Soraya nada deve mudar na disputa polarizada entre Lula e Bolsonaro.

A União Brasil foi formada a partir da fusão do PSL —antiga sigla de Bolsonaro— com o DEM. A ala do DEM se opõe a uma aliança com Lula e argumenta que o bloco de Bivar não tem força nacionalmente para impor um acordo com o PT.

A hipótese de a União Brasil apoiar Lula no primeiro turno sempre foi considerada remota por integrantes da cúpula do partido.

Isso porque há dirigentes da legenda, como Ronaldo Caiado, pré-candidato à reeleição em Goiás, que consideram que seriam prejudicados com o apoio ao petista.

Além disso, há ainda nomes como o de Mauro Mendes, pré-candidato ao Governo de Mato Grosso, que já declararam apoio a Jair Bolsonaro (PL).

Bivar tentou organizar o apoio da União Brasil a Lula depois que —segundo o dirigente disse a aliados— o petista sinalizou que poderia apoiá-lo na briga pela presidência da Casa em 2023, caso esteja no Planalto.

A articulação relativa à União Brasil envolve ainda o palanque em São Paulo. Dirigentes da legenda dizem que, caso Rodrigo Garcia (PSDB) não dê ao partido a possibildiade de indicar o candidato a vice-governador na chapa, a legenda poderia apoiar Fernando Haddad (PT) no estado.

O presidente da União Brasil planejou a desistência desde o início da semana, mas estava em dúvida sobre a viabilidade de uma candidatura à reeleição como deputado por Pernambuco.

Diante disso, Bivar partiu para conversas com aliados para viabilizar as bases eleitorais.

O parlamentar conversou com aliados no estado e também com dirigentes de partidos como PT e PSB. Bivar tem boa relação com o governador Paulo Câmara (PSB) e com o prefeito do Recife, João Campos (PSB), mesmo com a União Brasil tendo candidato pela oposição a governador, o ex-prefeito de Petrolina Miguel Coelho.

Sem um movimento em direção ao PT e ao PSB, a reeleição de Bivar era considerada difícil, já que a avaliação interna é que o deputado federal Fernando Coelho Filho e o ex-ministro da Educação Mendonça Filho, ambos da União Brasil, teriam mais votos que o presidente da sigla.

Danielle Brant, Ricardo Della Coletta, Julia Chaib e José Matheus Santos

Candidatos no Reino Unido prometem linha dura contra imigração irregular

Tema entra na campanha com abordagem semelhante de Truss e Sunak, que divergem na economia

Michele Oliveira

MILÃO Os dois candidatos à sucessão de Boris Johnson no Reino Unido são do mesmo Partido Conservador e têm centrado a campanha até aqui nos temas econônomicos. É nesse campo, afinal, que Rishi Sunak e Liz Truss divergem ferozmente, em discussões sobre promover ou não o corte de impostos como resposta à crise do custo de vida.

Mas se a condução da economia os divide, o ex-secretário de Finanças e a atual secretária de Relações Exteriores se veem bastante afinados em ao menos um outro tema: a política mais linha dura contra a imigração irregular, já largamente ensaiada na gestão do demissionário Boris.

Os dois postulantes à liderança do partido e, por consequência, ao posto de primeiro-ministro, travaram na última semana uma espécie de competição envolvendo a questão. Entre promessas para conter o desembarque de imigrantes irregulares na costa marítima, ao fim ambos se comprometeram em manter o envio de deportados para Ruanda, país na África central.

A medida foi anunciada em abril pelo governo britânico, que a bancou mesmo após críticas virem prontamente de entidades de direitos humanos. O primeiro voo do projeto, porém, foi impedido de decolar em junho, na última hora, depois de uma batalha judicial que incluiu liminares a uma série de migrantes.

O tema voltou a ganhar relevância no Reino Unido porque entre 2019 e 2021 o número de imigrantes irregulares que chegaram em pequenas embarcações subiu mais de 15 vezes, passando de 1.843 para 28,5 mil em 12 meses. De acordo com as estatísticas do Ministério do Interior, neste ano, entre janeiro e março, 4.540 pessoas já desembarcaram no país, taxa três vezes maior do que no mesmo trimestre do ano anterior.

Como o pico costuma ser registrado no verão do hemisfério Norte, o total anual pode ser superado. Só entre 11 e 17 de julho, por exemplo, cerca de 1.400 migrantes cruzaram o Canal da Mancha, atravessando pela França e vindos principalmente de Irã e Iraque.

"As pessoas estão cansadas de ver barcos pequenos chegarem a este país e as autoridades parecendo impotentes em barrá-las", disse Sunak, ao anunciar um programa de dez pontos para enfrentar a situação, no qual promete implementar a chamada parceria com Ruanda. "Não tem nada de racista em querer ter fronteiras seguras que funcionem." O candidato é neto de imigrantes indianos.

Truss revelou suas principais medidas no mesmo dia. Entre elas estão a ampliação da política de deportação para outros países, o aumento de 20% nas forças de segurança que vigiam as fronteiras e a intenção de "não se acovardar" frente à ação da Corte Europeia de Direitos Humanos.

"A política [de deportação] para Ruanda é correta. Estou determinada em promover sua implementação completa e também a buscar outros países para parcerias semelhantes", disse. No passado, Gana e Albânia rejeitaram propostas britânicas semelhantes.

O programa de Boris é cercado de evidentes controvérsias. O governo britânico já pagou 120 milhões de libras para que o país africano receba imigrantes em busca de refúgio —embora nenhum tenha sido enviado até agora. Nova decisão judicial sobre a legalidade da medida é esperada para o início de setembro, mesmo período em que o nome do próximo primeiro-ministro deve ser anunciado.

Também há dúvidas em relação à capacidade para o acolhimento de deportados do Reino Unido, depois de as autoridades de Kigali terem admitido que somente 200 vagas estariam disponíveis.

"Sunak e Truss têm muitas diferenças, mas os dois apostam nessa política controversa, mostrando-se ainda mais determinados [do que Boris] em fazê-la funcionar", afirma Peter Walsh, pesquisador do Observatório de Migração da Universidade de Oxford. "Os dois tentam parecer duros com a imigração."

> "Não tem nada de racista em querer ter fronteiras seguras que funcionem. As pessoas estão cansadas
>
> **Rishi Sunak**
> candidato a premiê britânico; ele é descendente de imigrantes

> "A política [de deportação] para Ruanda é correta. Estou determinada também a buscar outros países para parceria semelhante
>
> **Liz Truss**
> oponente de Sunak

A disputa entre quem tem as promessas mais rigorosas na área busca convencer os membros do Partido Conservador —que decidirão em votação interna quem será o próximo (ou próxima) chefe de governo— sobre quem é mais fiel a um dos objetivos principais do brexit, o de "retomar o controle das fronteiras".

Os anúncios das duas campanhas foram criticados por entidades que atuam com imigrantes no Reino Unido. A Anistia Internacional acusou os candidatos de fazer promessas eleitoreiras, enquanto deixam de lado problemas reais, como o colapso do sistema de pedido de refúgios.

Cerca de 110 mil estrangeiros esperam atualmente, dentro do país, por uma resposta ao pedido de proteção, que, em média, tem demorado mais de um ano. "É um processo lento, e nenhuma das políticas mencionadas pelos candidatos incluem medidas para torná-lo mais ágil", afirma Walsh.

Para o pesquisador, além das polêmicas que cercam o programa de deportação, não há evidências sólidas que permitam concluir que a política de Ruanda tenha o efeito de dissuadir imigrantes de tentarem entrar de forma irregular no país. "A possibilidade de ser barrado e ir para a Ruanda pode ser vista como mais um risco, além de todos os outros, que essas pessoas aceitam correr quando sobem num barco."

Seth Herald/AFP

ACHAREMOS CORPOS POR SEMANAS NO KENTUCKY, AFIRMA GOVERNADOR

O democrata Andy Beshear confirmou neste domingo (31) que o número de vítimas das enchentes que atingiram o estado americano chegou a 28, incluindo ao menos 4 crianças. Ele repetiu a previsão de que a contagem de mortos deve crescer. 'Há estragos por toda a parte, com muitas famílias retiradas de casa e a previsão de mais chuva', disse. 'Sabemos que a contagem de vítimas vai crescer. Ficaremos semanas encontrando novos corpos.' As enchentes são o segundo evento climático extremo a atingir o Kentucky num intervalo de sete meses. Em dezembro, a porção oeste do estado foi varrida por tornados que deixaram 74 mortos. A soma dos desastres faz do local um dos principais exemplos dos riscos da emergência climática nos EUA; cientistas afirmam que a ocorrência cada vez maior de eventos climáticos cada vez mais extremos é consequência direta do aquecimento global. Beshear estimou que a reconstrução local pode levar anos. O serviço nacional de meteorologia emitiu alertas para novas enchentes nesta segunda (1º) nas porções sul e leste do Kentucky. O presidente Joe Biden decretou estado de desastre para a região.

TODA MÍDIA | **Nelson de Sá**
nelson.sa@grupofolha.com.br

Mobilização da China sobre Taiwan já vai além de Pelosi

Nancy Pelosi viajou à Ásia, "mas está calada sobre Taiwan", questão que "tem abalado os nervos em Washington", publicou o New York Times. Em mídia social, mapas em tempo real seguem seu avião.

Já o chinês Guancha deu mais atenção a outro mapa, de um site ligado ao Departamento de Defesa dos EUA, mostrando que o único porta-aviões americano na região deixou o mar do Sul da China no sábado, depois de três dias, e atravessou as Filipinas. Seria um sinal de distensão no "momento delicado".

No fim de semana, a presidente da Câmara sofreu pressão de todo lado, nos EUA. Donald Trump publicou em sua plataforma, Truth Social, que "ela só vai piorar as coisas".

Thomas Friedman, colunista do NYT com acesso a Joe Biden, foi à TV cobrar que ela não vá, que a prioridade é a Rússia. "Essa viagem é completamente fora de contexto", criticou. Chegou a dizer que "Taiwan ainda é uma pequena ilha na costa de um continente gigante", a China. "Países que esquecem sua geografia podem ter muito problema."

Na China, alguns dos colunistas de nacionalismo mais ruidoso, como Hu Xijin, do Huanqiu/Global Times, e Alex Lo, do South China Morning Post, já deixaram Pelosi de lado e têm por alvo a presidente taiwanesa, Tsai Ing-wen.

"Em momento de perigo real, ao deixar Washington decidir se Pelosi deve visitar, como se a ilha não tivesse voz no assunto, ela está transformando Taiwan no 51º estado dos EUA", publicou Lo, chamando o silêncio de Tsai de "covarde".

"Se Pelosi realmente visitar Taiwan como planejado, as autoridades de Tsai Ing-wen são cúmplices", escreveu Hu em mídia social. "O continente definitivamente irá realizar ações severas para punição. As consequências insuportáveis recairão sobre Tsai."

No domingo, na manchete do Renmin Ribao ou Diário do Povo, Xi Jiping surgiu ao lado de toda a liderança do PC Chinês na celebração dos 95 anos do Exército de Libertação Popular —que desde o início "deu um forte apoio para salvaguardar a soberania nacional", no destaque do evento.

Também na manchete do South China Morning Post, para um discurso do líder chinês em outra cerimônia, "Xi pede que se intensifiquem os esforços em Taiwan", de estímulo às "forças patrióticas".

The Washington Post

Gaetz heard on hot mic assuring a pardon

Destroy the rainforest, get elected

Inside a surprise deal on climate

'DESTRUA A FLORESTA, SEJA ELEITO'
Com a chamada acima, o Washington Post de domingo publica extenso relato de uma viagem a São Félix do Xingu; 'acusações de crimes ambientais têm pouco custo político no Brasil', destaca, 'inclusive para este prefeito', João Torres

Recados contra o golpe

Virada pró-democracia dos EUA é condicionada pela política doméstica

Mathias Alencastro

Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, ensina relações internacionais na UFABC

Quinze dias depois da escandalosa apresentação de Jair Bolsonaro (PL) a embaixadores, os Estados Unidos enviaram um triplo recado militar, jurídico e econômico.

Em visita ao Brasil, o secretário de Defesa Lloyd Austin falou em "devoção à democracia", deixando implícito que a cooperação militar seria interrompida se as Forças Armadas brasileiras aderissem ao golpismo. Por sua vez, a comissão de inquérito do Congresso americano sinalizou a possibilidade de incluir o bolsonarismo nas investigações contra Donald Trump.

Enfim, nesse período também ficou claro que a Faria Lima teria de escolher entre o Posto Ipiranga e o sistema Swift, pois a ruptura institucional seria sinônimo de alienação do sistema financeiro. Isso explica a quantidade de empresários recém-convertidos que correram para assinar a carta pró-democracia.

Não passou despercebido o contraste entre os recados que Washington enviou em 2022 e 1964. O principal avalizador da derrubada do governo civil brasileiro 50 anos atrás pode agora ter tido um papel decisivo na sua preservação.

A História certamente ressaltará o papel da sociedade civil brasileira, mas também de responsáveis políticos americanos. Bernie Sanders, por exemplo, não é apenas uma figura simpática da esquerda ligada ao Partido Democrata. Ele é o presidente da comissão do Orçamento, a mais poderosa do Senado americano.

Mas a virada pró-democracia dos EUA também tem relação com uma nova orientação geopolítica. Sob Donald Trump, a política para a região foi marcada pela alucinada tentativa de emplacar Juan Guaidó na Venezuela e pela ausência de liderança durante a pandemia. Diante do avanço dos interesses chineses e russos nesse período, Biden foi obrigado a reconhecer que a hegemonia americana na região é apenas parcial.

Nesse contexto, a tolerância a regimes democráticos, mas não necessariamente alinhados, oferece um melhor custo-benefício do que tentativas incertas de interferência política.

A provável chegada de um novo governo de Luiz Inácio Lula da Silva se enquadra nessa estratégia geral, mas tem as suas especificidades. A perspectiva de ter Brasília independente, mas comprometida com o multilateralismo, é obviamente mais atraente para Washington do que uma errática e incompetente como tem sido a dos últimos quatro anos.

A isso se soma o fato de a agenda golpista do governo Bolsonaro ser vista como uma ameaça à segurança nacional. Um "Capitólio em Brasília" seria apresentado como uma vitória pessoal por Trump e daria alguma força aos republicanos que planejam contestar a legitimidade das urnas.

Se a última década nos ensinou alguma coisa é que as crises da democracia se retroalimentam e se reforçam. Contrariamente a 1964, a leitura da América Latina feita pelos democratas está longe de ser consensual dentro da classe política americana.

A vitória de candidatos de esquerda na Colômbia, no Chile e, provavelmente, no Brasil já está sendo denunciada por republicanos como uma derrota dos democratas. Em outras palavras, a lua de mel entre os Estados Unidos e a democracia na América Latina veio na hora certa, mas pode ser de curta duração.

| SEG. Mathias Alencastro | **QUI. Lúcia Guimarães** | SÁB. Tatiana Prazeres, Jaime Spitzcovsky

Putin lança estratégia naval com EUA como rival e ameaça

Russo promete novos mísseis hipersônicos à Marinha em meio à guerra

GUERRA DA UCRÂNIA

MOSCOU | REUTERS O presidente Vladimir Putin assinou neste domingo (31) uma nova doutrina naval para a Rússia, que define os Estados Unidos como o principal rival do país e amplia as ambições marítimas do Kremlin para além de áreas consideradas cruciais, como o Ártico e o mar Negro.

Putin fez um breve discurso para marcar o lançamento, em um evento do Dia da Marinha em São Petersburgo. Na cidade fundada sob o regime de Pedro, o Grande, o presidente fez uma ode ao czar por tornar a Rússia uma grande potência marítima e aumentar a posição global do país.

Em um desfile de mais de 40 navios e submarinos, Putin não mencionou a Guerra da Ucrânia, mas evidentemente tinha o conflito no foco. Até porque na Crimeia anexada Moscou acusou o país vizinho de um ataque com drone à sede da Frota do Mar Negro, levando à suspensão dos eventos por lá. Kiev negou envolvimento e chamou a ação, que feriu seis soldados, de "bandeira falsa", simulação deliberada.

O russo prometeu novos mísseis de cruzeiro hipersônicos e afirmou que o Kremlin tem poder militar suficiente para derrotar quaisquer potenciais agressores. Ele citou os mísseis Tsirkon (zircão), uma das estrelas do arsenal de Moscou —lançados de navios, eles têm tem capacidade de levar ogivas nucleares, mas sua função primária é o ataque a outras embarcações.

A nova doutrina naval tem 55 páginas e estabelece objetivos estratégicos da Marinha, incluindo as ambições de ser uma "grande potência marítima" que se estende por todo o mundo. A principal ameaça à Rússia, segundo o texto, é "a política estratégica dos EUA de buscar a dominação dos oceanos e sua influência em processos internacionais".

A Guerra da Ucrânia cristalizou a separação cada vez mais marcada entre Washington e Moscou, com a Casa Branca liderando os esforços de ajuda a Kiev e de sanções ao Kremlin.

O documento também faz menções diretas à expansão da Otan, coalizão militar ocidental liderada pelos americanos. "Os planos de expansão da infraestrutura militar para perto das fronteiras russas e as tentativas da aliança de assumir funções globais continuam a ser inaceitáveis."

Um dos motivos que levaram Putin a iniciar a invasão da Ucrânia foi justamente a ampliação dos horizontes da Otan e a alegada intenção de Kiev de se unir ao grupo. "A atividade da Otan visa a direta confrontação com a Federação Russa e seus aliados", lista a diretriz. Essa visão, notou a agência Tass, guiará a política do país na região do Atlântico.

Até aqui, o presidente americano, Joe Biden, tem evitado um envolvimento militar direto de Washington e da Otan no conflito no Leste Europeu, o que decerto configuraria uma Terceira Guerra Mundial.

O vasto litoral russo, de 37.650 quilômetros, se estende do mar do Japão ao mar Branco e inclui o mar Negro e o Cáspio. Uma área definida como de particular importância no documento assinado por Putin é o oceano Ártico, que os EUA dizem que Moscou tenta militarizar. Arquipélagos da região são citados nominalmente para exemplificar os focos de intensificação da atividade marítima russa.

O Ártico ainda é mencionado em um trecho que estabelece a diretriz de desenvolvimento da indústria naval, em especial no extremo oriente do país. Segundo a doutrina, a Rússia poderá usar a força militar nos oceanos de acordo com cada situação, caso se esgotem as ferramentas diplomáticas e econômicas.

O documento ainda prevê um "fortalecimento abrangente da posição geopolítica" nos mares Negro e de Azov, que estão no centro da Guerra da Ucrânia: seja por ataques russos a regiões portuárias do país vizinho, pelas contraofensivas de Kiev que atingiram joias da Marinha russa ou pelo recente acordo para escoamento e exportação de grãos.

A nova doutrina naval da Rússia também reconhece que falta ao país um número amplo de bases navais pelo mundo. Daí o estímulo a parcerias estratégicas com a Índia —país que amplificou o comércio de hidrocarbonetos com Moscou nos últimos meses— e nações como Iraque, Arábia Saudita e Irã. Este último, também rival dos EUA.

Sobre o reforço militar propriamente dito, Putin disse que a entrega de novos mísseis hipersônicos começaria nos próximos meses e que a localização para seu eventual uso dependerá dos interesses russos. "O principal é a capacidade da Marinha russa. Ela é capaz de responder com a velocidade da luz a todos os que decidem infringir nossa soberania e nossa liberdade."

Tensão sobe entre Kosovo e Sérvia, aliada de Moscou

Sirenes antiaéreas soaram na noite deste domingo (31) no norte de Kosovo, antiga província iugoslava que virou país após uma breve guerra criticada pela Rússia em 1999. O governo sérvio, aliado de Vladimir Putin, tem usado retórica belicista ante propostas kosovares de restrição do trânsito na fronteira. O político nacionalista Vladimir Dukanovic, disse no Twitter que "tudo indica que a Sérvia será obrigada a começar a desnazificação dos Bálcãs", tom próximo do de Putin ao justificar a Guerra da Ucrânia. Depois de protestos tensos, o governo de Kosovo anunciou o adiamento da entrada em vigor das novas regras. A essa altura, uma guerra colateral seria tudo o que a Otan não precisa, dados os desafios logísticos de armar Kiev sem se envolver diretamente no conflito com Moscou.

Nancy Pelosi dá início a viagem pela Ásia sem citar Taiwan

WASHINGTON | REUTERS A presidente da Câmara dos EUA, Nancy Pelosi, iniciou neste domingo (31) uma viagem por quatro países asiáticos. Seu gabinete confirmou a informação sem fazer menções a Taiwan, depois de especulações de que a democrata poderia visitar a ilha que a China vê como província rebelde.

A delegação de seis deputados visitará Singapura, Malásia, Coreia do Sul e Japão, informou o comunicado, sem negar a possibilidade de outras escalas. "A viagem se concentrará nos assuntos de segurança mútua, parceria econômica e governança democrática na região do Indo-Pacífico."

Pelosi, número 2 na linha de sucessão, seria a mais alta autoridade de Washington a pisar na ilha desde o republicano Newt Gingrich, que ocupava o mesmo cargo, em 1997.

Americanos não têm laços diplomáticos oficiais com a ilha, mas a apoiam militarmente; Pequim se opõe a qualquer iniciativa que dê legitimidade a autoridades de Taipé.

Na quinta (28), Xi Jinping disse a Joe Biden que os EUA não deveriam "brincar com fogo" quando se trata de Taiwan. O americano havia dito que a eventual ida de Pelosi à ilha era "uma má ideia".

No dia seguinte, autoridades da Rússia, como o chanceler Serguei Lavrov, fizeram coro à posição dos chineses.

AFP

SILOS DESABAM NO PORTO DE BEIRUTE 2 ANOS APÓS EXPLOSÃO

Depósitos de grãos no porto de Beirute, no Líbano, desabaram parcialmente na tarde deste domingo (31), levantando uma enorme nuvem de poeira e fumaça. Ainda que não tenha havido relato de mortos ou feridos, o caso fez reviver o trauma da gigantesca explosão que, dois anos atrás, matou mais de 200 pessoas. Autoridades já haviam alertado que parte da construção estava sob risco depois de um incêndio se prolongar por três semanas, devido à combinação do calor com a fermentação de grãos apodrecidos. O ministro dos Transportes disse temer que mais partes desmoronem em breve. A explosão de 2020 foi causada por uma carga de nitrato de amônia armazenada de forma inapropriada. Até hoje, não há responsabilização formal pelo incidente, e o destino da estrutura comprometida divide libaneses: o governo defende a demolição, e parte dos familiares das vítimas quer que o local seja preservado, como forma de lembrar do incidente.

entrevista da 2ª

U Dettmar - 17.jul.1985/Folhapress

Da esquerda para direita: Hermann Assis Baeta, presidente do conselho federal da OAB, José Eduardo Loureiro e Goffredo da Silva Telles Jr, durante a leitura da "Carta aos Brasileiros", em 8 de agosto de 1977, na Faculdade de Direito da USP

Maria Eugenia Raposo da Silva Telles

É preciso defender as conquistas que tivemos com o fim da ditadura

Casada com o orador da carta de 1977, advogada foi testemunha privilegiada da história

POLÍTICA

Uirá Machado

SÃO PAULO A advogada Maria Eugenia Raposo da Silva Telles é uma das 14 pessoas que assinaram a "Carta aos Brasileiros", em 1977, e a atual "Carta às brasileiras e aos brasileiros em defesa do Estado democrático de Direito".

Aos 81 anos, ela considera difícil comparar esses dois momentos. No passado, durante a ditadura militar que durou de 1964 a 1985, opositores do regime podiam ser censurados, torturados, levados a viver no exílio, mortos.

"Hoje nós temos um ambiente de ameaça de que as nossas conquistas possam ser atingidas, violadas, retiradas à força", diz Maria Eugenia.

A passagem de uma situação à outra não foi tranquila. Custou vidas, exigiu sacrifícios, cobrou coragem. Entre atos públicos e clandestinos de resistência, poucos receberam o destaque posterior que teve a "Carta aos Brasileiros".

Maria Eugenia foi testemunha privilegiada dos eventos que culminaram na leitura do documento em 8 de agosto de 1977, no pátio da Faculdade de Direito da USP.

Casada desde 1967 com o orador da ocasião, o professor Goffredo da Silva Telles Jr. (1915-2009), ela acompanhou tudo de perto e participou das diversas etapas que levaram àquele texto.

Foi uma das cinco pessoas presentes ao almoço em que a ideia da carta se materializou e, antes disso, conversava com Goffredo sobre a escalada da repressão em 1976-1977.

Na noite em que o documento foi lido, ela vivenciou primeiro o medo de que os militares pudessem agir com violência para reprimir a cerimônia, mas depois o alívio ao ver o pátio da faculdade lotado.

*

É possível comparar a conjuntura de 1977, quando Goffredo leu a "Carta aos Brasileiros", com a de agora, com essa nova carta pela democracia? Nós vivíamos em 1977 uma época de ausência total dos instrumentos democráticos. Havia censura, havia tortura, as pessoas desapareciam, sofriam ameaças de todas as formas, colegas de faculdade eram presos ou tinham de fugir para o exterior, viver no exílio. Era uma outra atmosfera. Não dá para transportar o sentimento daquela época para hoje.

Hoje nós temos um ambiente de ameaça de que as nossas conquistas possam ser atingidas, violadas, retiradas à força. Temos uma vida democrática de relativa qualidade, mas que há alguns anos vem sendo ameaçada por bravatas, por atos públicos de promessa de ruptura.

A vida mudou muito. Hoje nós temos todos esses bens, todas essas ferramentas, todas essas liberdades que nós não tínhamos na época. Por isso que comparar as situações é difícil. [Em 1977] nós estávamos lutando para retomar a nossa vida normal, nossas prerrogativas como cidadãos. Hoje a gente precisa defender essas prerrogativas que já temos.

Como a senhora vê a evocação da carta de 1977 feita pelo movimento de agora? Eu estava esperando que houvesse alguma celebração dos 45 anos da "Carta aos Brasileiros", porque a gente celebrou os 30 anos, os 35, os 40. E justamente por ser um ano eleitoral tão exótico como esse que nós estamos vivendo, com essa situação tão agressiva na política, eu imaginei o que poderia ser feito, mas não tomei iniciativa nenhuma.

Alguns colegas começaram a se mobilizar, mas na verdade com duas motivações. Uma era a celebração da carta. Mas a outra era uma necessidade de reagir, de deixar uma mensagem sobre essas ameaças que estão se formando no nosso ambiente.

As eleições estão se aproximando, nós receamos as violências, nós sabemos como podem começar esses movimentos contra a democracia, contra as urnas, contra as instituições, mas não sabemos aonde ele vai acabar.

Carlos Goldgrub - 11.jun.1990/Folhapress

Maria Eugenia Raposo da Silva Telles, 81
Advogada formada pela USP em 1964, com pós-graduação na Universidade Cornell (EUA). Casou-se com Goffredo da Silva Telles Jr. em 1967 e participou de todos os eventos ligados à "Carta aos Brasileiros" em 1977. Na foto, aparece com o marido

> "Nós sabemos como podem começar esses movimentos contra a democracia, contra as urnas, contra as instituições, mas não sabemos aonde ele vai acabar

Então algumas pessoas se reuniram para pensar no documento. Eu não participei, mas eles procuraram fazer um texto o mais amplo possível, para poder capturar a simpatia mais ampla, como realmente aconteceu.

A senhora estava esperando essa adesão tão grande? Eu fiquei muito surpresa. Mas creio que esses segmentos estavam adormecidos, um pouco alheios ao que estava acontecendo. E acho que aquela reunião com embaixadores estrangeiros para atacar as nossas instituições foi a gota d'água. Na minha avaliação, isso pesou demais, porque começou a ter uma amplitude internacional, com reações de todos os lados.

Isso tocou essas instituições que procuram ser neutras em termos políticos, que não gostam de tomar posições. Chegou a um ponto em que a própria vida econômica do país estava sendo atingida de maneira direta. Mas me surpreendi com os nomes daqueles banqueiros que, de modo geral, não se posicionam dessa forma com tanta clareza.

Ainda assim, existe resistência. Há segmentos da sociedade que são mais conservadores, que não se agradam muito de tomar atitudes muito explícitas.

Em 1977, a adesão ampla também surpreendeu vocês? Sim, surpreendeu muito. E foi muito importante, porque tanto durante o preparo da carta como no dia da leitura, nós estávamos com muito medo. Havia muitas ameaças. Nós podíamos ser presos, podíamos ser levados para o DOI-Codi, que era o nosso terror [Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna, um órgão de inteligência e repressão da ditadura militar]. O Erasmo Dias, que era o secretário estadual da Segurança, prometia invadir a faculdade.

Então foi organizado um pequeno grupo que planejou o preparo na hora de sairmos de casa, os carros que foram nos levando, o modo como os carros se posicionaram lá na faculdade para a gente ter uma saída estratégica, caso fosse necessário. E isso tudo entre nós, com colegas, porque não havia segurança institucional ou profissional de nenhuma espécie.

Mas não precisaram usar essa rota de fuga, certo? Não precisamos. Na hora, houve uma vibração tão grande, uma irmanação com aquele pátio lotado, que a gente se sentiu protegido. A gente achou muito difícil haver alguma violência ali naquele momento, sabe? Foi uma coisa subjetiva. Talvez a gente até estivesse correndo risco, mas nós nos sentimos bem naquele cenário.

Foi realmente muito impressionante. Foi no final do dia, já estava anoitecendo, e aquelas lanternas da faculdade deixam um cenário muito dramático. E fomos tomados pela emoção daquele momento.

Nós estávamos convencidos de que colocávamos uma pedrinha que fosse na direção de pôr fim à ditadura militar. Essa sensação também dá força, a gente fica se sentindo útil, até necessário para ajudar o país a sair daquela situação.

A cobertura da imprensa também surpreendeu? Foi surpreendente. Eu tenho toda a coleção, todos os jornais. Foi realmente fantástico, foi muito grande a repercussão. E tomou as universidades, a academia, a juventude, de modo que começou a ficar difícil tratar aquilo com repressão militar. Tanto que não houve uma reação da ditadura. Ficaram bravos, mas não houve ameaças diretas contra nós.

Naquela época, assim como hoje, teve gente que não quis assinar o documento. Quais eram os motivos? Teve gente que não quis assinar pelos mais diferentes motivos. Teve um, cujo nome não vou dizer, que não quis assinar porque não foi o primeiro signatário [em depoimento ao livro "Estado de Direito Já", Almino Affonso conta que foi Raymundo Faoro, então presidente da OAB, a Ordem dos Advogados do Brasil].

Houve outros casos de gente dizendo que poderia evocar o tenentismo [rebeliões de militares de baixa patente na década de 1920], coisas assim. Mas o grande móvel de quem não quis assinar era o medo. As pessoas tinham receio de se comprometer, de atrapalhar suas carreiras.

E os que não assinam hoje? Hoje eu não estou acompanhando de perto. E mesmo entre os que assinam, já são 400 mil pessoas [a entrevista foi feita na sexta-feira (29) à tarde], como vamos analisar esse colégio de apoiadores? Tem de tudo, todos os estratos da sociedade estão se envolvendo.

Esse aspecto de defesa da democracia é uma necessidade que atravessa todos os estamentos da sociedade. Não é só dos ricos, só dos pobres. É de todo mundo. É para a gente poder viver melhor, para a gente viver num país de instituições mais favoráveis, mais seguras.

Eu acredito que a adesão se prenda a essa questão: a necessidade de tomar uma posição e defender um estilo de vida, o conjunto de normas políticas que nos permite uma vida mais civilizada, mais inclusiva, com menos desigualdade. Na ditadura não vamos ter nada disso.

A senhora acha que a faculdade vai lotar de novo no dia 11 de agosto, quando a carta será lida? Eu acredito que sim, né? A minha impressão é essa, mas essas coisas surpreendem muito. A minha torcida é para que haja uma mobilização grande.

A senhora vai estar presente? Gostaria de estar. Se eu estiver bem fisicamente, eu vou.

mercado

Mulher observa produtos durante a Black Friday 2021; setor de eletroeletrônicos vive período de esfriamento após boom da pandemia Danilo Verpa/Folhapress

Conjuntura econômica derruba setores que bombaram na pandemia

Isolamento social alavancou produtos que agora recuam diante de inflação e mudança de hábitos

Thiago Bethônico

SÃO PAULO Nos últimos dois anos, o isolamento social fez com que certos setores econômicos registrassem crescimento acima da média. Produtos para casa, eletrodomésticos e insumos para reformas são exemplos de itens que tiveram um desempenho excepcional, e que agora vivem uma espécie de ressaca pós-pandêmica. Com a redução das medidas de distanciamento, o perfil de consumo passou por transformações, ajudando a frear a boa performance dos segmentos que bombaram durante a quarentena. Mas a mudança de hábitos não é a única explicação.

Em tempos de inflação alta e perda de poder aquisitivo, o consumidor também precisou reconsiderar os produtos que cabem no bolso. Já do lado dos fabricantes, a elevada taxa de juros, o dólar caro e o cenário internacional encareceram a produção —formando uma conjuntura econômica desfavorável aos negócios.

Um relatório recente sobre o mercado de eletroeletrônicos ajuda a entender esse contexto. De janeiro a maio de 2022, o setor registrou uma queda de 19% nas vendas ao varejo em relação ao mesmo período do ano passado. Nos cinco primeiros meses deste ano foram comercializados 31,49 milhões de unidades, ante 39 milhões em 2021.

Segundo a Eletros (Associação Nacional dos Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos), o setor teve resultados surpreendentes durante a pandemia —exceto nos primeiros meses.

O isolamento social fez com que os consumidores investissem em novos produtos para a casa, como lava-louças, aspirador de pó, fritadeiras tipo air fryer, além de televisões e produtos de linha branca (que inclui refrigeradores, fogões e máquinas de lavar). "As pessoas transformaram o ambiente do lar em um ambiente de escola, de lazer, de trabalho. Todos precisaram organizar a casa para suprir essas outras áreas e necessidades", diz Jorge Nascimento, presidente executivo da Eletros.

Há cerca de um ano, porém, o desempenho mudou de trajetória. O setor de ar-condicionados, por exemplo, teve vendas 36% menores nos primeiros cinco meses de 2022 na comparação com o mesmo período do ano passado. No caso dos televisores, a queda foi de 19%.

De acordo com Nascimento, os resultados estão diretamente vinculados à perda de poder de compra da população.

Nos últimos 12 meses, a inflação medida pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) atingiu 11,89%. Desde setembro de 2021, o nível acumulado está em dois dígitos, ou seja, acima de 10%.

Setembro, aliás, é o mês em que o setor percebeu a virada de performance. "Foi quando começamos a notar uma queda, e logo numa época que é de sazonalidade nossa. O segundo semestre costuma ser melhor, porque tem pagamento de 13º salário, Black Friday, Natal. Tudo isso ajuda a aquecer o mercado", afirma Nascimento.

Além da alta dos preços, também entram na equação: o aumento na taxa de juros —que inibe a busca por crédito—; o dólar em patamar elevado; e o alto custo dos insumos e do frete internacional. Com a flexibilização das medidas sanitárias, o mercado de eletrônicos também passou a disputar parte da renda das famílias com serviços e turismo.

"O setor de eletroeletrônicos é um setor de bens de consumo. Então, se a economia vai bem, imediatamente mostramos um resultado positivo. Quando a economia vai mal, somos os primeiros a sentir a queda", diz.

Outro segmento que vem caindo em relação à bonança da pandemia é o de móveis. Nos primeiros meses de 2021, o mercado vivia um dos momentos de maior aquecimento de sua história.

A lógica é semelhante ao que ocorreu com os eletroeletrônicos. Com o isolamento social, as pessoas começaram a comprar mais produtos para a casa, seja por uma questão de conforto ou por necessidade —como equipar a casa para o home office, por exemplo.

Além disso, o auxílio emergencial permitiu uma injeção de recursos na economia que alavancou os números do setor.

No entanto, um relatório recente da Abimóvel (Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário) indica uma perda de fôlego. Nos primeiros cinco meses de 2022, a produção de móveis registrou queda de 21,8% em relação ao mesmo período do ano passado.

Em maio, o consumo interno aparente —quantidade de peças disponíveis no mercado— está 22,6% menor do que em 2021 e, no comércio varejista, as vendas tiveram uma queda de 9,7% nos últimos 12 meses.

Consumidor freia obras de melhoria em residências

Assim como a compra de móveis recuou, o mercado de reformas também passa por um esfriamento. Em abril de 2021, reportagem da **Folha** mostrou que os juros baixos e a insegurança provocada pela pandemia vinham impulsionando as obras de melhoria nos imóveis, como forma de investimento.

Naquela época, a Selic estava em 2,75% ao ano, cenário bem diferente dos atuais 13,25%.

A mudança de conjuntura se reflete nos resultados do setor de insumos. A venda de cimento, por exemplo, teve queda de 2,7% no primeiro semestre de 2022 em relação ao mesmo período do ano passado.

Segundo o Snic (Sindicato Nacional da Indústria do Cimento), o mês de junho atingiu 5,2 milhões de toneladas comercializadas, uma perda de 5,3% comparado a 2021.

De acordo com a entidade, o agravamento do ambiente econômico —com inflação elevada e massa salarial em patamares preocupantes— aliado ao preço das commodities e à instabilidade geopolítica têm impactado a economia como um todo.

"Diante desse cenário, a expectativa da indústria do cimento em assegurar os ganhos obtidos de 2019 a 2021 caminha para uma indesejável frustração", diz Paulo Camillo Penna, presidente do Snic.

Para os próximos meses, a perspectiva tampouco é positiva. O setor espera um quadro econômico e político ainda mais turbulento e já estima uma queda entre 1% e 2% em 2022.

Setores que bombaram na pandemia começam a recuar

*Projeção
Fontes: Eletros (Associação Nacional dos Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos), Snic (Sindicato Nacional da Indústria do Cimento) e IPB (Instituto Pet Brasil)

Mercado de pets vê desaceleração após crescer na pandemia

Outro mercado que explodiu durante a pandemia foi o de pets. Em 2021, o segmento ultrapassou a marca dos R$ 51,7 bilhões em faturamento pela primeira vez, uma alta de 27% em relação ao ano anterior.

Embora os resultados de 2022 não estejam no vermelho —como ocorre com eletroeletrônicos, móveis e cimento— a taxa de crescimento começou a recuar.

Segundo o Instituto Pet Brasil, o mercado deve ter alta de 14% em 2022, com faturamento na casa dos R$ 59 bilhões.

Não fosse a conjuntura econômica, o cenário poderia ser ainda melhor. Uma pesquisa feita pelo C6 Bank em parceria com o Ipec mostrou que a inflação obrigou 44% dos brasileiros que têm pets a reduzir os gastos com os animais de estimação.

Consumidores tiraram do carrinho itens como brinquedos e sachês. Além disso, quase metade (48%) trocou o tipo de ração por opções mais baratas.

Cenário semelhante acontece com o mercado de delivery. O canal já vinha crescendo nos últimos anos, mas a crise sanitária acelerou esse ritmo a um nível exponencial.

"Neste novo momento, é natural que o delivery não cresça na mesma velocidade, mas não percebemos que há um retrocesso", afirma Fernando Blower, diretor executivo da ANR (Associação Nacional de Restaurantes)

Na visão dele, a transformação foi estrutural, isto é, o consumidor mudou seus hábitos e passou a usar mais este canal —o que tende a ser perene.

"É um momento positivo, uma vez que temos conseguido recuperar faturamento e clientes, porém de alerta e preocupação por conta da inflação dos alimentos e da dívida que ainda carregamos da crise", diz.

Sucesso absoluto durante o período de confinamento, as plantas para casa já não vivem mais aquele boom do primeiro ano de pandemia, mas o mercado como um todo segue forte.

Segundo Renato Opitz, diretor da Ibraflor (Instituto Brasileiro de Floricultura), o segmento de flores em vasos e plantas em geral —como samambaias e suculentas— teve um desempenho ótimo nos últimos dois anos, e agora começou a esfriar.

"Ninguém parou de comprar plantas. As pessoas que antes não tinham esse hábito, passaram a ter e gostaram. [A queda] É mais uma questão de acomodação do mercado e de competição com outras atividades —como turismo, gastronomia, teatro, cinema— que antes não existia", diz.

Opitz também menciona a atual conjuntura econômica, em que a perda de poder aquisitivo provoca, naturalmente, uma diminuição no consumo de flores e plantas. "O cenário não está péssimo, o problema maior é o elevado custo de produção", diz.

No entanto, observando o setor como um todo, a situação parece ter chegado a um equilíbrio. Isso porque o mercado de flores de corte —que inclui decorações para festas e casamentos— afundou durante a crise sanitária, mas retomou com força após o relaxamento das restrições.

As festas que foram adiadas agora estão se acumulando, a ponto de haver dificuldade em suprir toda a demanda.

A alta nesse segmento acaba compensando a menor procura por plantas de casa. "Se colocarmos tudo na balança, o atual período é melhor do que antes da pandemia", diz.

Pagamento de dividendo elevado gera críticas a estratégia da Petrobras

Avaliação é que empresa reduziu investimentos e vem priorizando usar seu caixa para remunerar os acionistas, entre eles o governo

Nicola Pamplona

RIO DE JANEIRO O anúncio de distribuição de dividendos recordes pela Petrobras agradou o mercado, mas gerou questionamentos sobre a estratégia da empresa, que reduziu investimentos e vem priorizando usar seu caixa para remunerar os acionistas, entre eles o governo.

Em teleconferência para detalhar o lucro de R$ 54,3 bilhões no segundo semestre de 2022, a direção da empresa defendeu que a distribuição de R$ 87,8 bilhões em dividendos não prejudica a saúde financeira da companhia. E adiantou que novos valores devem ser pagos este ano.

Com os dividendos do segundo trimestre, a Petrobras terá distribuído R$ 136,3 bilhões pelo desempenho no primeiro semestre de 2022. Precisando de dinheiro para bancar auxílios emergenciais e renúncias fiscais, o governo fica com quase R$ 40 bilhões.

Os valores do segundo trimestre estão "significativamente acima das expectativas do mercado", nas palavras dos analistas Bruno Amorim, João Frizo e Guilherme Costa Martins, do banco Goldman Sachs. As ações da estatal reagiram com forte alta na Bolsa,

O analista Daniel Cobucci, do BB Investimentos, porém, alerta para os riscos dessa política de prioridade à remuneração aos acionistas gerar "implicações para o crescimento e atuação estratégica para o longo prazo".

Esse movimento, diz, ocorre em meio a um processo de venda de ativos e redução do endividamento, "elementos que permitiriam, em nossa opinião, um posicionamento da companhia em investimentos focados na diversificação das receitas em mercados promissores e voltados para a transição energética."

Essa visão já vem sendo levantada por sindicatos de empregados da companhia e pelo Ineep (Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis), ligado à FUP (Federação Única dos Petroleiros).

Trabalhador perto de tanque da Petrobras Reuters/Adriano Machado

E encontra eco no próprio conselho da estatal. Membro independente do colegiado, o advogado Francisco Petros diz que a estratégia da empresa não contempla uma visão integrada que considere a necessidade de redução das emissões, satisfação dos usuários de energia e redução do custo de energia.

"Consideradas as variáveis estratégicas, o pagamento de dividendos no nível atual caracteriza a empresa 'sem projeto'", afirma. "Afora os excessos do controlador contra a governança da Petrobras, mesmo diante de um histórico já conhecido e penoso, agora temos a utilização dos dividendos como um meio de ajuste fiscal".

A estratégia foi implantada na gestão Roberto Castello Branco, o primeiro presidente sob o governo Bolsonaro, que acelerou venda de ativos, ampliou o foco no pré-sal e aprovou a política atual de remuneração dos acionistas.

Retirou ainda a empresa de segmentos em que atuava havia tempo, como biocombustíveis, e novos negócios renováveis, como geração eólica, sob o argumento de que o caixa deve ser usado para investir no pré-sal.

Essa política prevê a distribuição de 60% da geração de caixa da companhia, descontados os gastos com investimentos, a cada trimestre em que a dívida bruta estiver abaixo de US$ 65 bilhões. Permite ainda a distribuição de dividendos extraordinários, como ocorreu neste segundo trimestre.

Para a FUP, a estratégia "reduz a capacidade de investimento da empresa e representa transferência de renda do trabalhador brasileiro em meio à escalada de reajustes dos combustíveis e da inflação provocadas pela equivocada política de preços".

Na última sexta-feira (29), o diretor de Finanças da companhia, Rodrigo Araújo, defendeu que a distribuição de dividendos é vista como "a melhor alocação de capital da companhia" e que não impacta na decisão de investimentos.

"Todos os investimentos que se mostram rentáveis no nosso cenário de preços foram aprovados", afirmou ele. "A companhia não deixa de fazer investimentos para distribuir dividendos."

Ministro do STF autoriza São Paulo e Piauí a compensar perdas com teto do ICMS

Ricardo Della Coletta

BRASÍLIA O ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), autorizou os governos de São Paulo e Piauí a compensar perdas do ICMS da gasolina, energia elétrica e comunicações por meio de descontos nas parcelas das dívidas dos estados com a União.

As decisões liminares se somam a autorizações semelhantes já concedidas ao Maranhão e Alagoas. Os estados alegam perdas de arrecadação com a sanção da lei que fixa um teto de 17% ou 18% para as alíquotas de ICMS que incidem sobre itens que passaram a ser considerados essenciais.

O argumento dos estados é que a lei que criou o teto do imposto estadual inclui um gatilho que permite aos estados abater dívidas com a União, caso as medidas levem a uma queda maior que 5% na arrecadação total com o ICMS.

"Conforme estudos da Secretaria da Fazenda e Planejamento, estima-se que o estado de São Paulo deixará de arrecadar, no exercício de 2022, o valor de R$ 3,2 bilhões, relativo ao ICMS incidente sobre gasolina, energia elétrica e comunicações", disse o governo paulista, na ação inicial.

+ REDUÇÃO NO PREÇO DA GASOLINA
A pesquisa semanal da ANP mostra que a queda acumulada no preço da gasolina desde os cortes de impostos e de preços da Petrobras chegou a 22,3%, ou R$ 1,65 por litro. O preço médio estava em R$ 5,74 por litro na semana passada, o menor valor desde fevereiro

No caso paulista, a determinação de Moraes estabelece que o governo estadual poderá efetuar, já a partir de agosto, "a compensação imediata das parcelas vincendas do contrato de dívidas do estado de São Paulo com a União, administradas pela Secretaria do Tesouro Nacional, com as perdas do ICMS incidente sobre gasolina, energia elétrica e comunicações, no que excederem a 5%, calculadas mês a mês com base no mesmo período do ano anterior, com correção monetária."

Também impede a União de inserir o estado de São Paulo em qualquer cadastro de adimplência pelo não pagamento de serviços da dívida em razão da compensação; bem como "constranger o estado de São Paulo em trâmites de operações de Crédito e Convênios e na sua classificação de rating (risco de crédito) em âmbito federal, como consequência da compensação ora requerida".

O secretário de Fazenda de São Paulo, Felipe Salto, disse que a decisão de Moraes "restaura o equilíbrio federativo mínimo".

"Com a liminar, São Paulo, que tem as contas em ordem, será compensado com redução do pagamento de juros e parcelas da dívida com a União. Nada mais justo."

A sanção do teto do ICMS para combustíveis e outros itens ocorreu em 23 de junho.

A mudança faz parte da ofensiva do Palácio do Planalto para reduzir o preço da gasolina e do diesel a poucos meses das eleições.

Bolsonaro está em segundo lugar nas pesquisas de intenção de voto, atrás do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

O projeto foi alvo de intensa disputa entre estados e municípios, que alertaram para a perda de receitas, e o governo federal, que, com apoio do Congresso, usou o momento de alta na arrecadação para alegar cofres cheios nos estados e espaço para o corte de tributos.

PAINEL S.A. | Joana Cunha

painelsa@grupofolha.com.br

Mão de obra

A Justiça do Trabalho recebeu mais de 1,5 milhão de novas ações trabalhistas entre os meses de janeiro e junho deste ano. Dados atualizados até este domingo (31) pela Coordenadoria de Estatística e Pesquisa do TST (Tribunal Superior do Trabalho) mostram que o total de ações trabalhistas julgadas pelos tribunais e varas ficou um pouco abaixo, com 1,49 milhão de casos analisados. O balanço do TST considera os 24 tribunais regionais do trabalho espalhados pelo Brasil.

JORNADA Em 2021, no acumulado dos 12 meses, os tribunais e varas de primeira instância julgaram quase 2,82 milhões de ações trabalhistas, e receberam cerca de 2,88 milhões de processos recebidos.

ECO Segundo o TST, o assunto mais recorrente nas ações trabalhistas ainda é o pagamento da multa de 40% do FGTS. Problemas com esse depósito, devido pelas empresas na demissão sem justa causa, levaram, até o mês de junho, 220 mil processos ao judiciário trabalhista.

CALOR Em carta enviada aos presidenciáveis, a Absolar (associação de energia solar) pediu que o próximo governo se comprometa a atingir a meta de 5 milhões de telhados solares até 2026, quantidade que corresponde a 25 gigawatts de capacidade instalada. Com a medida, a entidade diz que o país pode atrair R$ 124 bilhões em investimentos privados e arrecadação de R$ 37,6 bilhões em tributos.

TOMADA Para as usinas de grande porte, a proposta é o desenvolvimento de medidas de transição energética até 2050. As sugestões incluem ampliação de investimentos em infraestrutura de transmissão e licitações para contratação de energia, de potência e de reserva de capacidade com participação das fontes renováveis e de sistemas de armazenamento energético.

HORIZONTE No documento, a Absolar também defende política industrial com isonomia tributária entre produtos nacionais e importados.

PRATO FUNDO O valor médio gasto pelos paulistanos em refeições fora do lar subiu 19% nos últimos três anos, segundo levantamento da marca de benefícios de refeição e alimentação Ticket.

SOBREMESA Comer fora custava cerca de R$ 36 em média na cidade de São Paulo em 2019, mas subiu para R$ 43 em 2022. A zona sul teve o maior aumento no período, com avanço de 35%, para R$ 50,40. Já a zona oeste apresentou os menores valores, com os preços das refeições crescendo 4% no período, para R$ 38,63.

MAIS ESPAÇO Ainda que o crescimento do ecommerce dê sinais de arrefecimento, o mercado de condomínios logísticos segue aquecido. No segundo trimestre de 2022, o segmento registrou 855 mil metros quadrados entregues em 12 novos complexos e sete expansões, segundo a consultoria imobiliária SiiLA.

OCUPADO Toda essa nova metragem poderia sinalizar aumento repentino de espaço ocioso. Porém, diz a SiiLA, pelo menos 70% da nova metragem entregue já estava pré-locada quando os condomínios abriram as portas.

CARRINHO Somente a Amazon, que trabalha no Brasil exclusivamente com ecommerce, passou a ocupar 217,7 mil metros quadrados. A empresa locou galpão no Log Fortaleza II, no Log Recife, em Cabo de Santo Agostinho (PE), e no GLP Cajamar IV.

ESTOQUE Monitoramento da empresa indica que 2,1 milhões de metros quadrados em condomínios logísticos sejam colocados à disposição no mercado até o fim de dezembro. Quase metade desse volume já ficou pronto no primeiro semestre.

DEMANDA Para a consultoria JLL, o novo estoque poderá chegar a 2,4 milhões de metros quadrados. Hoje, o estoque total nesse segmento é de 25,8 milhões de metros. A taxa de vacância, que define o percentual de espaços disponíveis para locação, está em 9,34% na média nacional. Em algumas regiões, porém, pode chegar a quase zero. Em Minas Gerais, ficou em 0,8% no segundo trimestre, diz a JLL.

BAGAGEM A retomada das viagens e a consolidação do trabalho remoto impulsionou a venda de malas e cases de alto padrão. Segundo a CasesBR, principal distribuidora da Pelican no Brasil, de 2020 para 2021, houve crescimento de 40% no volume de negócios.

ESTRADA No primeiro semestre, as vendas cresceram 15%. Esse tipo de bagagem é usado principalmente para transportar equipamentos como eletrônicos, câmeras, discos rígidos e até armas.

com Fernanda Brigatti, Paulo Ricardo Martins e Gilmara Santos

INDICADORES

JUROS

Jul., em % ao mês ■ Mínimo ■ Máximo

	Mínimo	Máximo
Cheque especial	7,73	8,00
Empréstimo pessoal	4,05	8,64

Fonte: Procon-SP

CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA

Competência julho

Autônomo e facultativo

Valor mín.	R$ 1.212,00	20%	R$ 242,40
Valor máx.	R$ 7.087,22	20%	R$ 1.417,44

O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem recolher sobre 5% do piso nacional. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria vence em 15.ago

MEI (Microempreendedor)

Valor mín.	R$ 1.212	5%	R$ 60,60

Assalariado	Alíquota
Até R$ 1.212,00	7,5%
De R$ 1.212,01 até R$ 2.427,35	9%
De R$ 2.427,36 até R$ 3.641,03	12%
De R$ 3.641,04 até R$ 7.087,22	14%

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 22.ago. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

IMPOSTO DE RENDA

Em R$	Alíquota, em %	Deduzir, em R$
Até 1.903,98	isento	
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

EMPREGADOS DOMÉSTICOS

Considerando o piso na capital e Grande SP

R$ 1.433,73	Valor, em R$
Empregado	110,85
Empregador	286,71

O prazo para o empregador do trabalhador doméstico vence em 5.ago. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico deve ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 7,5% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto do INSS

O fim do Instagram que conhecemos

Mudança da rede, e do Facebook como um todo, é profunda e inevitável

Ronaldo Lemos

Advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro

Na semana passada houve muita gente furiosa com as mudanças que o Instagram está implementando. A rede social que surgiu com fotos está cada vez mais tornando-se uma plataforma para vídeos curtos e ficando cada vez mais parecida com o TikTok. Após protestos de influenciadores importantes (como as irmãs Kardashian) o Instagram voltou atrás em algumas das mudanças. No entanto, as reclamações só atrasam o processo. A mudança do Instagram (e do Facebook como um todo) é profunda e inevitável.

Mais do que isso, a reconfiguração das plataformas da empresa tem o potencial de produzir impactos enormes não só sobre a indústria de tecnologia, mas para a sociedade como um todo. Por isso é importante entender exatamente o que está acontecendo.

O Instagram e o Facebook estão gradativamente abrindo mão do chamado "social graph". O termo em inglês diz respeito às pessoas que você se conecta, que decidem seguir você e que você segue. Em um mundo em que as instituições coletivas estão cada vez mais enfraquecidas, a sua rede social é o que existe mais próximo no mundo digital de uma "comunidade". É a sua tribo no mundo online, as pessoas que você decidiu acompanhar a vida e que decidiram acompanhar a sua. É dessa "comunidade" que o Facebook e o Instagram estão querendo se livrar. A ideia é que quando você entrar nessas plataformas, o conteúdo que aparece para você não venha mais das pessoas que você decidiu seguir.

O algoritmo vai buscar conteúdos produzidos no mundo todo, por pessoas que você não sabe quem é e que podem nem viver no mesmo país, e mostrar aquele conteúdo para você caso determine que é algo que pode te interessar.

Em vez de comunidades, as pessoas vão se conectar com uma massa amorfa e abstrata, com a qual não têm nenhuma conexão direta. Para quem produz conteúdo isso torna o jogo totalmente diferente. Você não vai falar mais para uma plateia que é sua. Cada conteúdo que postar vai competir por atenção com outros conteúdos postados no mundo inteiro. Sabe-se lá onde seu conteúdo irá chegar e, na maioria dos casos, chegue somente para desconhecidos ou não chegue a lugar nenhum. Em outras palavras, é você contra o mundo.

Atualmente cerca de 20% dos conteúdos que já são mostrados para os usuários no Facebook e Instagram não vêm mais do "social graph", mas diretamente da decisão do algoritmo onisciente que fica pinçando o que acha que você vai gostar. A ideia é subir esse percentual. Qual o teto? 60%? 80%? Hoje ninguém sabe.

As consequências sociais disso são profundas. Se o ocidente já vive uma crise de individualismo exacerbado, essas mudanças (que estão sendo puxadas pelo TikTok) têm a capacidade de aprofundar a atomização das pessoas. Elas dinamitam o último bastião de coletividade ainda possível no universo digital. Nossa tribo será uma só: o algoritmo. Vai importar cada vez menos quem você segue. O algoritmo vai gerar um broadcast incessante e probabilístico, baseado na medição dos nossos estados mentais mais subjetivos. Nuvens de conteúdos globais vão viajar como aves migratórias parametrizadas.

Nas redes ditas "sociais" você estará sozinho, relacionando-se principalmente com fantasmas e ilusões plantadas na frente dos seus olhos por um software onisciente.

READER

Já era social graph

Já é o fim das redes ditas "sociais"

Já vem o triunfo do algoritmo onipresente e onisciente

Vídeos no TikTok viram vitrine profissional

Rede social vai além da dancinha e passa a ser vista como oportunidade para mostrar conhecimento e atrair clientes

Marcelo Azevedo

SALVADOR Surfando no boom do TikTok nos últimos anos, profissionais de diversas áreas estão produzindo conteúdo na plataforma para promover a imagem e aumentar a renda.

Advogados, médicos e professores são alguns dos exemplos de trabalhadores que utilizam a plataforma de vídeos para alavancar suas carreiras. Afastando-se das populares dancinhas do aplicativo, eles buscam mostrar de forma descontraída que possuem conhecimento sobre suas áreas, ganhando seguidores, tornando-se referência para o público e, assim, conquistando clientes.

Esse foi o caso de Fayda Belo, advogada criminalista focada na defesa de minorias que começou a gravar vídeos para o TikTok em março de 2021. Por meio da rede social, começou a explicar conceitos do mundo jurídico e a destrinchar casos de racismo, homofobia e machismo que ganhavam projeção na internet.

Hoje, menos de um ano depois, Fayda tem mais de 1 milhão seguidores na rede e viu a demanda de clientes triplicar em seu escritório.

"Foi uma virada que não tenho como explicar. Quando meu primeiro vídeo viralizou, percebi que podia usar o conhecimento jurídico que tenho para explicar às pessoas os direitos delas com uma linguagem simples, fácil e alegre. Quando a gente fala em Direito, sempre pensa em algo engessado, robusto, que ninguém entende nada. Eu fiz o oposto: peguei o Direito e levei de uma forma que todo mundo entende", diz Fayda.

A advogada Fayda Belo Divulgação

A advogada atribui o sucesso justamente ao foco em sua área de atuação. Seu escritório busca atender apenas casos envolvendo grupos subrepresentados, como mulheres, pessoas negras e a comunidade LGBTQIA+, em consonância com seu conteúdo no TikTok. Com os vídeos, mostra seu conhecimento jurídico.

"Não há razão para a gente criar um card com um número e a legenda 'ligue para mim'. O que o cliente quer ver é que você tem o conhecimento técnico sobre o assunto, porque quando ele for em busca de um advogado, vai procurar o que realmente entende. Gravar vídeos sobre esses temas fez com que o público visse que tenho esse conhecimento."

A psiquiatra Maria Clara Silveira também surfou na popularização da rede para turbinar seus atendimentos. Já em 2020, começou a produzir conteúdo para o Instagram, com o intuito de se projetar no mercado de trabalho, mas ao notar o crescimento do TikTok, percebeu que a rede poderia ser uma oportunidade maior.

Assim, em meados de 2021, começou a migrar seu conteúdo sobre psiquiatria para a plataforma, mas, sem saber, restringiu os comentários das postagens e viu que os vídeos não iam muito longe. Depois de corrigir a falha, abrindo espaço para interação com seus vídeos, começou a crescer rapidamente e hoje já tem mais de 120 mil seguidores e postagens com mais de 1 milhão de visualizações.

"Depois disso, foi muito rápido o crescimento. Eu estava trabalhando no Instagram havia mais de um ano, e não é que ele não ajudava, mas o que faz muita diferença na minha agenda é o TikTok. Quando abri os comentários lá, no mês seguinte eu já estava com a agenda cheia", conta Maria Clara, que estima que 40% de seus atendimentos vêm da rede social.

No TikTok, a médica aborda temas relacionados à psiquiatria, como ansiedade, depressão e relações abusivas. Seus vídeos vão desde explicações sobre termos da área a encenações de humor sobre o cotidiano da profissão, além de responder a perguntas de usuários e analisar personagens de séries e filmes que possam render pautas da área. Hoje, Maria Clara faz atendimento psiquiátrico online com pessoas de diversos locais do país, além da modalidade presencial. Seu plano é investir ainda mais na produção de conteúdo na internet para conseguir aumentar sua renda.

"Como eu trabalho com consultas, estou presa às 24 horas do dia e não consigo atender muitas pessoas, tanto pelo tempo quanto pelo desgaste emocional e cognitivo. Se as pessoas gostam do meu conteúdo, faz sentido tentar transformá-lo num trabalho. Apareceu como uma oportunidade para mim e está dando certo", diz.

O pesquisador de Direito e tecnologia do ITS Rio (Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio), Christian Perrone, afirma que a transformação das redes sociais em trabalho mostra que a separação entre lazer e trabalho está se diluindo, em especial depois da pandemia, quando horários e espaços de trabalhos tornaram-se mais flexíveis.

"Nessa erosão de barreiras também entram as redes sociais, que originalmente eram pessoais, mas agora têm uso mais profissional", diz ele. Por isso, apesar de ser uma oportunidade de impulsionamento, o uso do TikTok e outras redes para trabalho pode trazer sobrecarga, como alerta Perrone.

"Isso gera um potencial nível de ansiedade significativo, porque você não tem um espaço delimitado entre a hora do trabalho e a hora do relaxamento. Quanto tempo a gente passa trabalhando? As redes sociais se tornaram um trabalho a mais em diversos sentidos, inclusive no número de horas", explica.

A rotina do professor Gabriel Cabral, por exemplo, é dividida entre os 30 tempos de aula semanais e gravação de vídeos sobre química para o Youtube, o Instagram e o TikTok. Tem, ainda, um curso online em plataforma própria. A produção dos conteúdos toma dois dias inteiros de sua semana, já que o professor é responsável por todo o processo, desde o roteiro até a edição.

Produzindo conteúdo para alunos do ensino médio desde 2017, Cabral foi aconselhado por outros professores, em novembro de 2020, a ir para o TikTok como uma forma de crescer na internet. "Eu sabia que os alunos estavam indo para lá, então eu também teria que estar lá ensinando química para eles."

No começo, teve dificuldade, principalmente pelo formato da plataforma, que só permitia vídeos de no máximo um minuto. Acostumado a escrever e gravar videoaulas mais longas, precisou estudar o TikTok e adequar seu conteúdo a ele.

"Ninguém entra no TikTok pesquisando vídeos de química. As pessoas estão vendo várias coisas e você aproveita para ensinar rapidinho entre uma e outra. Aí ele aprende sem nem saber que está estudando", diz o professor.

Em pouco tempo, o TikTok tornou-se a rede na qual Cabral possui maior público, com mais de 650 mil seguidores, superando com folga as que ele utilizava há anos.

"Acho que a principal vantagem do TikTok é ser visto. O algoritmo permite que você tenha um alcance muito grande mesmo que você não seja famoso, se o seu conteúdo for relevante. Ele privilegia a qualidade", diz o professor.

A rede, porém, não remunera todos os produtores por visualizações, o que os obriga a buscar outras fontes de renda. Gabriel, por exemplo, possui um curso online de química para vestibulandos e ainda grava vídeos para o Youtube, que oferece monetização. Mesmo assim, sua principal fonte de renda continua sendo as aulas em escolas e cursinhos pré-vestibulares presenciais.

Christian Perrone chama atenção, ainda, para a possível exposição excessiva do profissional nas redes.

"Um profissional que utiliza as redes sociais para a promoção do seu negócio tem que cuidar muito bem do que ele posta, quando ele posta, de que forma faz essa postagem. De um lado, ele está perdendo oportunidades se não entrar nesse ambiente. De outro, precisa cuidar muito bem de sua imagem pessoal, que está sendo exposta", explica.

O cuidado com a imagem é algo que a dentista pediátrica Simone Cesar considera essencial em sua rotina de produtora de conteúdo. Com mais de 3 milhões de seguidores no TikTok, produz vídeos em seu consultório com as crianças que atende. Por isso, diz buscar sempre ter cuidado para não expor os pacientes de alguma forma e estar em linha com o código de ética da profissão.

Quando começou, há quatro anos, seu objetivo era tentar tirar o medo que as crianças tinham de profissionais de sua área. Por isso, começou a gravar vídeos com músicas e brincadeiras no consultório. Após seis meses no TikTok, um dos vídeos viralizou e, desde então, seu perfil teve crescimento

Com o sucesso, teve até que mudar o horário das consultas, adicionando 15 minutos no fim de cada atendimento para gravar vídeos com os pacientes. "Eles adoram, pedem, gravam stories. Às vezes a criança até anestesiada quer gravar vídeos comigo", conta. Além de dublagens, a dentista também faz posts relacionados a higiene bucal, com dicas para passar o fio dental e parar de roer unhas, por exemplo.

A dentista atende uma média de 12 crianças por dia e sempre está em busca de ideias para alimentar as redes. "É muito exaustivo, tenho que me dividir em dez e minha cabeça não para, tudo pode ser uma ideia. Mas o TikTok me ajudou a reinventar a carreira. Ele não me monetiza diretamente, mas toda semana tenho um paciente novo que veio pelas redes sociais."

+

Veja dicas de como utilizar o tiktok para promoção profissional

- Produza conteúdo relevante
- Cuide bem da produção
- Separe o perfil profissional do pessoal
- Não há fórmula: aposte na originalidade
- Saiba seus limites e habilidades
- Tente se aproximar de uma linguagem jovem
- Cuidado com a exposição

Fonte: Adriana Gomes, professora da Escola Superior de Propaganda e Marketing

15 ações baratas na Bolsa

Variação da cotação mensal dos papéis, em R$

31.jan 20 | 29.jan 21 | 31.jan 22 | 29.jul

Banco do Brasil (BBAS3)

Banco Pan (BPAN4)

9,72 — 6,64

Bradesco (BBDC4)

24,71 — 17,43

BTG Pactual (BPAC11)

Celesc (CLSC4)

Centauro (SBFG3)

39,45 — 20,73

Itaú (ITUB4)

Lojas Americanas (AMER3)

Magazine Luiza (MGLU3)

13,95 — 2,58

Méliuz (CASH3)

30.nov.20 1,64 — 1,04

Mitre (MTRE3)

28.fev.20 16,20 — 4,87

Via Varejo (VIIA3)

14,00 — 2,40

Vibra (VBBR3)

28,73 — 16,64

Vivara (VIVA3)

31,40 — 22,17

Wiz (WIZS3)

15,60 — 7,39

Fonte: Bloomberg

Veja 15 ações em baixa com potencial de subir após eleições, segundo analistas

Reportagem selecionou ativos desvalorizados entre pouco mais de duas dezenas de indicações

Clayton Castelani

SÃO PAULO O mercado de ações brasileiro vem se recuperando após um primeiro semestre de baixa generalizada. Mesmo assim, a Bolsa de Valores do país ainda possui papéis severamente desvalorizados, mas com potencial de crescimento.

A pedido da **Folha**, três especialistas listaram ações que foram derrubadas pelas turbulências geradas por crises externas, como a disparada da inflação global com a restrição da oferta provocada pela pandemia e pela Guerra da Ucrânia, e internas, como o crescimento do risco fiscal com o presidente Jair Bolsonaro (PL) ampliando gastos para melhorar as suas chances de reeleição.

Se por um lado o desfecho da guerra e o fim do processo inflacionário são difíceis de prever, o ambiente interno tende a ficar menos desfavorável após o período eleitoral. Essa é a principal variável considerada para a expectativa de recuperação das ações selecionadas.

A reportagem selecionou 15 ativos entre pouco mais de duas dezenas de indicações. O critério para exclusão foi o preço muito superior ao do período imediatamente anterior ao início da pandemia ou a presença de grande volatilidade neste momento, como é o caso do setor de commodities ligado à exploração e exportação de petróleo.

O múltiplo ou índice preço/lucro, indicador utilizado para medir o retorno de uma ação, foi o critério mais aplicado nas análises, mas não o único.

Os comentários também consideraram questões como a perspectiva de melhora da conjuntura que resultou na desvalorização dos papéis, além de expectativas específicas sobre cada empresa citada.

O **Banco do Brasil** tem "a ação negociada neste momento a múltiplos muito baixos", segundo o analista Leonardo Oliveira, da Lumi Research.

Oliveira considera que, além de muito descontada em relação aos seus pares do setor privado, a ação do BB tem preço para um cenário muito pessimista para o banco, embora a empresa esteja distribuindo dividendos elevados e gerando rentabilidade sobre os seus ativos.

Empresas privadas controladas por estatais também tendem a se beneficiar com o fim do período eleitoral, de acordo com Oliveira. Ele cita o caso da **Wiz**, uma seguradora controlada pela Caixa Econômica Federal.

A empresa é, na avaliação do analista, um exemplo de companhia que está descontada simplesmente pelo temor de algum tipo de prejuízo eventualmente provocado por uma intervenção na Caixa.

Bradesco, por ser "o mais descontado dos privados", e **Itaú**, "o melhor gerido", são apostas no segmento bancário para Idean Alves, chefe da mesa de operações e sócio da Ação Brasil Investimentos.

Alves também destaca o Banco do Brasil como sendo, para muitos, o mais barato entre os bancos e também o que mais "sofre com o risco político" e de "ingerência do governo". Para o especialista, além do cenário externo incerto, o risco fiscal pune todo o setor.

"Uma economia mais fraca gera menos negócios e aumenta o risco de inadimplência, obrigando os bancos a aumentarem as provisões para devedores duvidosos", avalia.

Sofrendo desde o começo da pandemia, o varejo tem empresas sólidas e tradicionais com ações extremamente desvalorizadas na Bolsa. **Magazine Luiza, Via Varejo** e **Americanas** são os principais exemplos, de acordo com Alves.

"As empresas caíram mais de 50% [neste ano], com um cenário econômico desafiador, política instável, inflação alta e desemprego", comenta. "Podem se recuperar caso ocorra uma reversão na curva de juros."

Entre as boas empresas consolidadas do setor varejista que também serão beneficiadas em caso de desaceleração da inflação e queda nos juros estão **Vivara** e **Centauro**, segundo o sócio da Brasil Investimentos.

Também apostando na expectativa de queda dos juros, ele indica a startup do ramo de cupom de descontos **Méliuz** e as financeiras **BTG Pactual** e **Banco Pan** como apostas de longo prazo.

Setor da construção tem espaço para melhorar na Bolsa

Também surrado pelo custo do crédito e inflação, o setor de construção tem espaço para melhorar na Bolsa, segundo Leandro Petrokas, sócio da Quantzed, empresa de tecnologia e educação para investidores.

"O aumento nas taxas de juros e da inflação reduz a renda disponível, bem como a alta com os custos de matéria-prima", diz.

"Passando essa tempestade perfeita, é de se esperar que o setor volte a performar bem, especialmente as empresas que não possuem dívidas e que atuam em grandes centros", afirma.

Ele chama a atenção para o potencial de crescimento da **Mitre**. A construtora atua na capital paulista em diversos segmentos, o que confere a ela capacidade de atender demandas de uma cidade com severo déficit habitacional. "Entendemos que os preços atuais não refletem a capacidade da empresa de gerar resultados a médio prazo", comenta.

A distribuidora de combustíveis **Vibra Energia** entra na lista Petrokas porque, apesar da melhora na operação desde a privatização em 2019, quando deixou de ser subsidiária da Petrobras, a companhia é negociada abaixo do seu preço potencial na Bolsa.

"A empresa gera bastante caixa, paga dividendos razoáveis e está investindo em novos projetos dentro de outras linhas de negócios, como energias renováveis e distribuição de gás", acrescenta Petrokas.

Também abaixo dos seus múltiplos, os preços das ações da **Celesc** (Centrais Elétricas de Santa Catarina) não refletem a melhora dos resultados da companhia, segundo o sócio da Quantzed.

"A empresa está reduzindo alavancagem, melhorando sua estrutura de capital e tem um trigger [gatilho] a médio prazo que seria a sua privatização", diz.

Desocupação cai, PIB sobe, mas donos do dinheiro querem saber da eleição

Com ou sem Pix, bancos nunca lucraram tanto quanto sob Bolsonaro

Marcos de Vasconcellos

Jornalista, assessor de investimentos e fundador do Monitor do Mercado

O noticiário da semana foi sequestrado por duas cartas assinadas, até agora, por centenas de milhares de pessoas, entre as quais personalidades do mercado financeiro e do empresariado, como o presidente do conselho do Itaú, Pedro Moreira Salles; o gestor do fundo Verde, Luis Stuhlberger; o CEO da Magazine Luiza, Frederico Trajano; o presidente da Suzano, Walter Schalka; e José Olympio Pereira, ex-presidente do Credit Suisse no Brasil.

Os documentos dizem ser em defesa da democracia e não citam diretamente o presidente Jair Bolsonaro e suas investidas contra as urnas eletrônicas, mas reclamam de "ataques infundados e desacompanhados de provas" questionando a lisura do processo eleitoral. A carta virou tema de 10 entre 10 noticiários nacionais e, claro, incomodaram o Planalto.

Num contra-ataque, o ministro-chefe da Casa Civil, Ciro Nogueira, resolveu dizer, em sua conta no Twitter, que os manifestos eram assinados por banqueiros porque a criação do Pix teria tirado R$ 40 bilhões deles. A explicação não tem pé nem cabeça. Explico abaixo. Mas foi replicada por Bolsonaro, que se gabou de ter dado uma "paulada" nos bancões com o Pix e com a facilitação da criação dos bancos digitais.

Trata-se de uma bobagem sem tamanho. Os bancos nunca lucraram tanto quanto durante o governo Bolsonaro. Foram R$ 81,6 bilhões em 2021 de lucro, só com Itaú, Bradesco, Santander e Banco do Brasil. Antes de Bolsonaro, o máximo que tinham conseguido lucrar foi R$ 69 bilhões, em 2018.

Lucro anual de Itaú, Bradesco, Santander e Banco do Brasil

Fonte: Economatica

Nos últimos 15 anos, sabe quando foi a última vez que os grandes bancos brasileiros tiveram uma queda expressiva no lucro — tirando o evento da pandemia, em 2020? Em 2016. Justamente quando o país passou pela ruptura institucional do impeachment de Dilma Rousseff. Isso não aconteceu nem com a crise do subprime, em 2008 e 2009.

O que banqueiros e empresários estão dizendo, ao assinar as cartas, é que rupturas institucionais são ruins para os negócios. O Brasil vive de dinheiro estrangeiro e, sem a confiança de que as instituições democráticas serão respeitadas, é muito difícil atrair os donos do dinheiro.

Um levantamento exclusivo publicado no Monitor do Mercado mostra como o ex-ministro da Fazenda Henrique Meirelles teve que suar para acalmar os mercados após o impeachment.

Em pouco menos de dois anos à frente da pasta, Meirelles fez 297 voos oficiais a bordo dos jatos da FAB (Força Aérea Brasileira). Cerca de 20% foram em viagens internacionais, atingindo todos os continentes. Nenhum ex-ministro da Fazenda, nem o atual ministro da Economia, Paulo Guedes, teve uma média tão alta de viagens oficiais por mês.

No dia 26, o FMI (Fundo Monetário Internacional) mais do que dobrou a previsão de crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro neste ano. Foi de 0,8% para 1,7%. Três dias depois, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) divulgou que, em junho, tivemos a menor taxa de desocupação desde 2015.

São números a serem comemorados e que tornam a vitrine brasileira cada vez mais atraente para os grandes investidores estrangeiros. Mas isso não será o bastante para trazer dinheiro para o Brasil, sem a garantia de que o resultado das urnas será respeitado. Tanto faz se o eleito for Bolsonaro, Lula ou outro candidato. E os donos do dinheiro sabem disso. O mercado vive de expectativas.

marcos@monitordomercado.com.br

| DOM. Samuel Pessôa | SEG. Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos | ter. Michael França, **Cecilia Machado** | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Pacote eleitoral do governo deve manter Selic elevada

Economistas estimam taxa básica de juros em 13,75% até o final deste ano

Lucas Bombana

SÃO PAULO As medidas do governo federal para aumentar os gastos sociais às vésperas das eleições tendem a colocar uma pressão adicional sobre a inflação, em um cenário no qual o processo de alta dos preços em escala global também tem influenciado a dinâmica inflacionária local.

Nesse cenário, economistas avaliam que os reflexos das políticas adotadas pelo governo Bolsonaro na inflação de médio prazo devem forçar o BC (Banco Central) a ter de ser ainda mais agressivo na condução da política monetária.

Desde março de 2021, a autoridade monetária já elevou a taxa básica de juros (Selic) da mínima histórica de 2% ao ano para os atuais 13,25%. E, no boletim Focus, a estimativa mediana dos economistas indica mais uma alta de 0,50 ponto percentual no encontro dos dias 2 e 3 de agosto, com a taxa em 13,75% em dezembro de 2022, recuando para 10,75% até o final de 2023.

No entanto, a política fiscal expansionista, bem como as dúvidas que pairam acerca da condução da economia a partir de 2023, faz com que um número cada vez maior de agentes econômicos passe a apostar que o BC tenha de ser ainda mais duro no processo de ajuste nos juros.

Seja com mais aumentos do que o previsto pelo consenso de mercado na Selic, seja com a manutenção da taxa em patamares elevados por mais tempo do que o esperado.

Economista-chefe da Itaú Asset, Thomas Wu projeta que a taxa Selic irá alcançar os 13,75% ao final do atual ciclo de alta dos juros. Mas, diferentemente dos pares, avalia que dificilmente a autoridade monetária terá espaço para promover alguma redução da Selic no ano que vem.

Wu afirma que o aumento dos gastos pelo governo para ajudar as classes menos favorecidas faz sentido, tendo em vista os choques de preços no Brasil e no exterior, e a pressão causada em itens básicos de consumo, como alimentação e energia. "Vários países estão fazendo alguma política fiscal que protege os mais vulneráveis", diz.

A medida, contudo, faz com que a inflação esperada à frente seja mais alta, o que deve impedir que o BC dê início ao processo de afrouxamento da política monetária a partir do ano que vem, afirma o economista-chefe da Itaú Asset.

Ele projeta o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) em 7,7% para 2022, e em 5,5% para 2023 —ambas as projeções estão bem acima da meta de inflação a ser perseguida pelo BC, de 3,5% e 3,25%, respectivamente. "Dificilmente o BC vai ter espaço para corte de juros em 2023", afirma.

Na segunda-feira (25), o Citi revisou, de 9,50% para 10,50%, a estimativa para a taxa Selic no final de 2023. Já para 2022, a projeção foi mantida em 13,75%.

Embora iniciativas recentes de redução de impostos estejam reduzindo os preços no curto prazo, as perspectivas de médio prazo para a inflação se deterioraram ainda mais, já que as medidas de alívio são apenas temporárias, aponta o Citi em relatório.

"A inflação persistente, os estímulos fiscais adicionais e uma atividade mais forte indicam uma taxa Selic de dois dígitos por mais tempo", diz o banco americano.

Ainda segundo os economistas do Citi, a contínua deterioração das condições econômicas globais tende a manter o real na recente trajetória de desvalorização frente ao dólar. O Citi projeta a taxa de câmbio em R$ 5,42 no final do ano —a moeda encerrou a sessão nesta sexta-feira (29) negociada a R$ 5,17.

A apreciação do dólar, por sua vez, tende a inflar uma inflação que já se encontra em patamares bastante elevados no Brasil, uma vez que, com a moeda americana mais cara, os produtos que o país importa dos Estados Unidos automaticamente também sobem de preço.

Thomas Wu, economista-chefe da Itaú Asset, na sede da gestora em São Paulo Zanone Fraissat - 26.jul.2022/Folhapress

Santander e Credit Suisse projetam Selic em 14,25% ao ano

Em 14 de julho, um dia depois de a Câmara ter aprovado a PEC dos Benefícios, o Santander aumentou, de 13,50% para 14,25%, a projeção para a taxa Selic no final de 2022, e de 10,50% para 12%, em dezembro de 2023.

Segundo o banco, o aumento nas expectativas de inflação para o próximo ano desde a última decisão do Copom (Comitê de Política Monetária), junto a uma deterioração no balanço de riscos, com os novos impulsos fiscais, foram os principais motivadores que levaram à revisão. Números considerados fortes de emprego também foram citados entre os motivos para o ajuste.

"Estes fatores geram risco importante para o cenário de desaceleração da atividade econômica antecipado pelo BC para o segundo semestre de 2022 —o que entendemos como condição estritamente necessária para a rápida desinflação projetada pelos modelos da autoridade", disse o Santander em relatório assinado pela economista-chefe do banco, colunista da Folha e ex-secretária do Tesouro, Ana Paula Vescovi.

Ainda de acordo com a avaliação do banco espanhol, o BC deve evitar um pico ainda mais acentuado dos juros no ciclo atual, mas mantendo as taxas mais altas por mais tempo.

"Ainda assim, identificamos a necessidade de um aperto adicional na taxa Selic para que o BC possa trazer a inflação para mais perto do centro da meta em 2023."

Também na esteira da aprovação da PEC, o Credit Suisse revisou no dia 13 de julho, de 13,75% para 14,25%, a projeção para a taxa Selic no final deste ano. Para 2023, a estimativa também subiu, de 10,75% para 11,25%.

A inflação elevada e disseminada em diversos setores da economia e as estimativas crescentes para o IPCA no ano que vem foram citados pelo Credit Suisse entre os motivos que embasaram as revisões.

No boletim Focus de 22 de julho, a projeção para a inflação, embora tenha recuado de 7,30% para 7,20% para 2022, subiu, pela 16ª semana seguida, de 5,20% para 5,30% para 2023.

A deterioração do quadro fiscal e um desempenho melhor do que o esperado para a economia neste ano também contribuíram para a visão do Credit Suisse quanto à necessidade de um aperto mais agressivo pelo BC.

Economistas avaliam que, embora as medidas fiscais que beneficiam a população de baixa renda, se por um lado, impulsionam o crescimento econômico em 2022, por outro, escondem uma herança maldita para 2023, que deve ser marcado por um crescimento abaixo do previsto inicialmente pelo mercado, com mais inflação e juros.

"Interromper o ciclo de aperto neste ponto seria altamente arriscado, dado que as expectativas de inflação estão significativamente desancoradas, o que pode comprometer a credibilidade da política monetária e aumentar o custo da redução da inflação, e pelo fato de que os bancos centrais ao redor do mundo estão tentando reafirmar sua credibilidade e compromisso com o objetivo de manter a inflação baixa, o que aumenta o risco de uma taxa de câmbio doméstica ainda mais depreciada", apontou o Credit Suisse no relatório assinado pelos economistas Solange Srour (colunista da Folha), Lucas Vilela e Rafael Castilho.

Economista-chefe da gestora Tenax Capital, Débora Nogueira também revisou em 13 de julho, de 13,75% para 14%, a projeção para a taxa Selic no final de 2022.

Segundo ela, os dados mais recentes de atividade e inflação sugerem que o quadro em setembro ainda será de descolamento importante dos preços para 2023 em relação à meta, exigindo alguma ação adicional do BC.

Já em outubro, o peso de 2024 para o horizonte da política monetária ganhará espaço, enquanto também será maior o peso da contração da atividade econômica em 2023, viabilizando, dessa forma, a interrupção no ciclo de alta dos juros, afirma a especialista.

"Esses 0,25 ponto percentual adicionais da Selic em setembro terão impacto reduzido na inflação, mas trazem um simbolismo importante em um momento em que a ancoragem das expectativas é o objetivo", diz a economista-chefe da Tenax.

Morre João Paulo Diniz, filho do empresário Abilio Diniz

MERCADO

Cristiane Gercina

SÃO PAULO O empresário João Paulo Diniz, 58, filho do também empresário Abilio Diniz, 85, morreu na noite deste domingo (31), no Rio de Janeiro (RJ). A causa da morte não foi divulgada. Segundo informações, ele sofreu um mal súbito.

Morador de São Paulo, Diniz estava no Rio de Janeiro quando se sentiu mal. Chegou a ser atendido, mas não resistiu. Em nota, a família Diniz confirmou o falecimento, mas não deu detalhes.

"A família Diniz informa o falecimento de João Paulo Diniz. O empresário deixa quatro filhos e esposa. A família pede que seu luto seja respeitado neste momento difícil", diz o texto.

Um dos filhos mais velhos de Abilio Diniz, João Paulo começou sua carreira no Grupo Pão de Açúcar. Assim como pai, era um apaixonado por esportes e praticava o triatletismo.

Em julho de 2001, João Paulo sobreviveu à queda de um helicóptero em São Sebastião (SP). Na ocasião, sua namorada, a modelo Fernanda Vogel, morreu.

Além de João Paulo, Abilio Diniz é pai de Pedro Paulo, Ana Maria, Adriana, Rafaela e Miguel, os dois últimos filhos do segundo casamento dele com a economista Geyze Marchesi.

O empresário João Paulo Diniz Divulgação

LEILÃO ON LINE
Sheila Souto F. dos Santos
Jucesp 1213 torna público que nos dias 08/08/22 às 19:00
Leilão de moedas, medalhas e cédulas antigas. Acesse:
Www.filatelicabrasil.com.br

EDITAL DE CITAÇÃO - PRAZO DE 30 DIAS
PROCESSO Nº 1001594-55.2018.8.26.0554
O(A) MM. Juiz(a) de Direito da 7ª Vara Cível, do Foro de Santo André, Estado de São Paulo, Dr(a). Flávio Pinella Helaehil, na forma da Lei, etc.
FAZ SABER a(o) LUCIANA DE OLIVEIRA FERREIRA, Brasileira, CPF 247.461.558-33, RG 15.222.383-6/SP, que lhe foi proposta uma ação de Monitória por parte de Fundação Santo André, alegando em síntese: objetivando a cobrança da quantia de R$ 6.751,45 (seis mil, setecentos e cinquenta e um reais, e quarenta e nove centavos), data base: 29/01/2019. Encontrando-se o réu em lugar incerto e não sabido, foi determinada a sua CITAÇÃO, por EDITAL, para os atos e termos da ação proposta e para que, no prazo de 15 dias, que fluirá após o decurso do prazo do presente edital, pague a importância supra no mesmo período, acrescida de honorários advocatícios de cinco por cento do valor atribuído à causa, ficando ciente, outrossim, de que neste último caso ficará isenta de custas processuais, ou para, querendo, oferecer Embargos, sob pena de constituir-se de pleno direito o título executivo em judicial. Não sendo contestada a ação, a ré será considerada revel, caso em que será nomeado curador especial. Será o presente edital, por extrato, afixado e publicado na forma da lei. NADA MAIS. Dado e passado nesta cidade de Santo André, aos 29 de junho de 2022.

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO Nº 20210097

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico Nº 20210097 de interesse da Secretaria da Saúde - SESA, cujo OBJETO é Registro de Preço para futuras e eventuais aquisições de Órtese e Prótese, conforme especificações contidas no edital e seus anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do Nº 972021, até o dia 16/08/2022, às 9h (Horário de Brasília-DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 25 de Julho de 2022 - ISABEL MARIA SILVA BRAGA - PREGOEIRA.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MACEIÓ
AVISO DE LICITAÇÃO
PREGÃO ELETRÔNICO CPL/ARSER – N.º 99/2022/ UASG Nº 926703
Processo nº: 6700.90531.2021
Objeto: Pregão Eletrônico – Registro de Preços para aquisição de Equipamentos de informática II.
Total de Itens Licitados: 37
Data da Disponibilidade do Edital: A partir de 02/08/2022 de 08h00 às 12h00 e de 13h às 17h00
Endereços: Avenida Da Paz, n.º 900, Jaraguá, Maceió/AL – CEP 57.022-050, ou www.comprasgovernamentais.gov.br/edital ou http://www.licitacao.maceio.al.gov.br/
Entrega das Propostas: A partir de 02/08/2022 às 08h00 no site http://www.comprasgovernamentais.gov.br/
Abertura das Propostas: 16/08/2022 às 08h30 (horário de Brasília) no site http://www.comprasnet.gov.br/
Maceió/AL, 28 de julho de 2022.
Sâmmara Cardoso Lira de Almeida
Pregoeira

PREFEITURA MUNICIPAL DE BÁLSAMO
Aviso de Licitação
Órgão: Prefeitura Municipal de Bálsamo Objeto: Aquisição de Gêneros Alimentícios da Agricultura Familiar e do Empreendedor Familiar Rural, Modalidade: Chamada Pública nº 01/2022, Abertura: 23/08/2022 – 09h00, Edital completo e demais informações serão obtidas na Secretaria desta Prefeitura Municipal, de 2ª a 6ª feira, das 8h às 12h e das 13h30 às 17h ou no site www.balsamo.sp.gov.br. Carlos Eduardo C. Lourenço - Prefeito Municipal.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BÁLSAMO
Aviso de Licitação
Órgão: Prefeitura Municipal de Bálsamo Objeto: contratação de empresa especializada, sob o regime de empreitada por preço global, para a Reforma do Complexo de Saúde, localizado na Rua Paraná – bairro Centro – Bálsamo – SP, Modalidade: Tomada de Preços nº 15/2022 Abertura: 17/08/2022 – 09h00, Edital completo e demais informações serão obtidas na Secretaria desta Prefeitura Municipal, de 2ª a 6ª feira, das 8h às 12h e das 13h30 às 17h ou no site www.balsamo.sp.gov.br. Carlos Eduardo C. Lourenço - Prefeito Municipal.

CLUBE ATLÉTICO SÃO PAULO
Convocação para AGO SPAC - 2022
Prezados Associados: O presidente do Clube Atlético São Paulo, no uso das suas atribuições, convoca todos os associados para participarem da Assembleia Geral Ordinária a ser realizada no dia 11 de agosto de 2022, às 19h em primeira convocação e às 19h30 em segunda convocação, na Sede Social, sita à Rua Visconde de Ouro Preto, 119, com a seguinte ordem do dia: 1º Eleição para Conselho Fiscal; 2º Apresentação das contas do ano-calendário de 2021 (art. 28 do Estatuto interno); 3º Aprovação da Ata da Assembleia Geral Ordinária de 17 de novembro de 2021; 4º Aprovação da Ata da Assembleia Geral Extraordinária de 21 de dezembro de 2021; 5º Aprovação da Ata da Assembleia Geral Extraordinária de 02 de março de 2022. João Francisco Farhat Kalhdi - Presidente.

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO Nº 20221191

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico Nº 20221191 de interesse da Secretaria da Saúde - SESA, cujo OBJETO é: Registro de Preço para futuras e eventuais aquisições de Material Odontológico, conforme especificações contidas no edital e seus anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do Nº 11912022, até o dia 16/08/2022, às 14h30min (Horário de Brasília-DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 25 de Julho de 2022 - ÊNIO JOSÉ GONDIM GUIMARÃES - PREGOEIRO.

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO Nº 20220974

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico Nº 20220974 de interesse da Secretaria da Saúde - SESA, cujo OBJETO é: Registro de Preço para futuras e eventuais aquisições de material médico hospitalar, conforme especificações contidas no edital e seus anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do Nº 9742022, até o dia 16/08/2022, às 9h (Horário de Brasília-DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 25 de Julho de 2022 - ÊNIO JOSÉ GONDIM GUIMARÃES - PREGOEIRO.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BÁLSAMO
Aviso de Licitação
Órgão: Prefeitura Municipal de Bálsamo Objeto: Registro de Preços para a Aquisição de Medicamentos. Modalidade: Pregão Eletrônico nº 15/2022 – Processo 62/2022 – Tipo: Menor Preço por Item. Abertura: 12/08/2022. Horário 09H00 Edital completo e demais informações serão obtidas na Secretaria desta Prefeitura Municipal, de 2ª a 6ª feira, das 8:00 às 12:00 horas ou no site www.balsamo.sp.gov.br. Carlos Eduardo C. Lourenço - Prefeito Municipal.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BÁLSAMO
Aviso de Licitação
Órgão: Prefeitura Municipal de Bálsamo Objeto: Registro de Preços para a Aquisição de Merenda Escolar. Modalidade: Pregão Presencial nº 19/2022 – Processo 63/2022 – Tipo: Menor Preço por Item. Abertura: 15/08/2022. Horário 09H00 Edital completo e demais informações serão obtidas na Secretaria desta Prefeitura Municipal, de 2ª a 6ª feira, das 8:00 às 12:00 horas ou no site www.balsamo.sp.gov.br. Carlos Eduardo C. Lourenço - Prefeito Municipal.

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO Nº 20220024

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico Nº 20220024, de interesse da Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos - COGERH, cujo OBJETO é: Serviço de locação de máquinas pesadas e equipamentos, incluindo operadores, motoristas e combustível, conforme especificações contidas no Edital e seus Anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do Nº 12122022, até o dia 17/08/2022, às 8h30min (Horário de Brasília-DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 26 de julho de 2022 - ROBINSON DE BORBA E VELOSO - PREGOEIRO.

CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO Nº 20220074

A Secretaria da Companhia de Água e Esgoto do Ceará - CAGECE, cujo OBJETO é: Registro de Preço para futuras e eventuais aquisições de Tubos PVC, para Sistemas de Adução e Distribuição de Água, conforme especificações contidas no Edital e seus Anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do Nº 10972022, até o dia 16/08/2022, às 9h(Horário de Brasília-DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 26 de Julho de 2022 - VALDA FARIAS MAGALHÃES - PREGOEIRA.

FUNDAÇÃO MUNICIPAL PARA EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA - FUMEC
AVISO DE LICITAÇÃO
Acha-se aberto na Fundação Municipal para Educação Comunitária - FUMEC, a Tomada de Preços nº 04/2022 – Processo Administrativo nº FUMEC.2022.00001581-20. Objeto: Contratação de empresa especializada para fornecimento e instalação de Elevador Hidráulico Unifamiliar, incluindo os serviços de reparos civis e instalações elétricas necessárias, atendendo a FUMEC Regional Sul. Entrega dos envelopes: até às 10h00min do dia 17/08/2022. Sessão Pública de abertura: 17/08/2022, às 10h00min. Disponibilidade do Edital: a partir de 01/08/2022, gratuitamente, no portal eletrônico: www.fumec.sp.gov.br/licitacoes. Esclarecimentos adicionais pelos telefones (19) 3519-4333 e 3519-4334.
Campinas, 29 de julho de 2.022.
FABIO ALVES CREMASCO – Gerente de Compras e Licitações da FUMEC

SINDICATO DO COMÉRCIO ATACADISTA IMPORTADOR E EXPORTADOR DE FRUTAS DO ESTADO DE SÃO PAULO - ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA - EDITAL DE CONVOCAÇÃO. O Presidente da Entidade supra, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Estatuto, convoca todos os associados para a AGE a ser realizada no dia 04/08/2022, às 10:00 horas, na sede do Sindicato, à Rua Galvão Bueno, 212 - 3º Andar - Conj. 31 - A/B - Liberdade SP nesta cidade, a fim deliberar sobre a seguinte ordem do dia: 1) - Discussão, aprovação e inclusão da sigla FLV, na categoria de representação estabelecida no Estatuto (Comércio Atacadista, Importador e Exportador de Frutas), passando a abranger o grupo destinado FLV(Frutas, Verduras, Raízes, Tubérculos, Hortaliças e Legumes Frescos); 2) - Alteração do endereço da Sede no Estatuto; e 3) - Outros assuntos de interesse do Sindicato. Não havendo, na hora acima indicada número legal de presentes para a instalação dos trabalhos em primeira convocação, a Assembleia será realizada 01 hora após, em segunda convocação, com o quorum legal. São Paulo, 01 de Agosto de 2022. D'Artagnan Balsevicius Junior - Presidente

Edital de Convocação - Assembleia Geral - O SINDICATO DOS OFICIAIS MARCENEIROS E TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE MÓVEIS DE MADEIRA DE SERRARIAS, CARPINTARIAS, TANOARIAS, MADEIRAS COMPENSADAS E LAMINADAS, AGLOMERADOS E CHAPAS DE FIBRA DE MADEIRA DE MÓVEIS DE JUNCO E VIME E DE VASSOURAS E DE CORTINADOS E ESTOFOS DE SÃO PAULO, inscrito no CNPJ/MF sob o nº 62.652.904/0001-59, com base territorial em São Paulo, Osasco, Taboão da Serra, Embu, Itapecerica da Serra, Embu-Guaçu, Juquitiba, Caieiras, Franco da Rocha, Francisco Morato, Mairiporã, Atibaia e Bom Jesus dos Perdões, por seu Presidente, convoca os trabalhadores da categoria profissional associados e/ou contribuintes a este sindicato a se reunirem em Assembleia Geral Extraordinária, nos termos do que determinam os artigos 21 ao 25 do Estatuto Social da entidade, a realizar-se no próximo dia 26 de Agosto do corrente ano, às 18:00min., em 1ª convocação, ou em 2ª convocação às18h30min., com qualquer número de associados ou trabalhadores presentes em sua sede social, sito à Rua dos Carmelitas, nº 149, Centro, São Paulo/SP, afim de debater e deliberar sobre a seguinte Ordem do Dia: 1º) Leitura, discussão e votação da ata da assembleia anterior; 2º) Aprovação da pauta de reivindicações de natureza econômica e social a ser apresentada aos sindicatos patronais no ano de 2022/2023, para renovação de Normas Coletivas e Data-Base; 3º) Autorização para a diretoria do sindicato profissional desenvolver negociações coletivas, celebrar acordos e convenções coletivas de trabalho, requerer a instauração de Dissídios Coletivos de Natureza Econômica e/ou Dissídios Coletivos de Greve, e/ou Dissídios Coletivos de Natureza Jurídica; 4º) Deliberar pelo estado permanente da assembleia até o fim da Campanha Salarial; 5º) Deliberar sobre o desconto da contribuição assistencial, prevista no art.513, alínea e, da CLT, a ser recolhida dos sócios e não associados à entidade; 6º) deliberar sobre o desconto da taxa negocial específica sobre acordos coletivos que versam sobre a participação nos lucros e/ou resultados das empresas, inclusive sobre o pagamento da multa por seu descumprimento em favor do empregado. 7º) Assuntos de interesse da categoria. São Paulo, 01 de agosto de 2022. Arivaraldo Geldino de Almeida - Presidente

EDITAL DE CITAÇÃO - PRAZO DE 20 DIAS.
PROCESSO Nº 1015422-90.2017.8.26.0005
TEXTO: O(A) MM. Juiz(a) de Direito da 2ª Vara Cível, do Foro Regional V - São Miguel Paulista, Estado de São Paulo, Dr(a). Michel Chakur Farah, na forma da Lei, etc. FAZ SABER a(o) MEGAFRUIT HORTIFRUTGRANJEIROS LTDA., CNPJ 08.793.311/0004-00, que lhe foi proposta uma ação de Procedimento Comum Cível por parte de Ceagesp Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo, alegando em síntese: A autora concedeu à ré Termos de Permissão Remunerada de Uso para a exploração de sua atividade comercial nos boxes 147 A e 147 B, localizados no Pavilhão HF/M no Entreposto Terminal de São Paulo. Em contrapartida, consoante disposto na cláusula segunda do TPRU a permissionária, ora Ré, deveria pagar à permitente/Autora o valor da remuneração mensal acrescido das despesas de rateio. Todavia, sem qualquer motivo, a Ré, simplesmente deixou de efetuar os pagamentos, e, encontram-se em aberto os boletos vencidos no período de 05/04/2016 a 05/07/2016, perfazendo um montante de R$ 56.966,75 (cinquenta e seis mil, novecentos e sessenta e seis reais e setenta e cinco centavos). Encontrando-se o réu em lugar incerto e não sabido, foi determinada a sua CITAÇÃO, por EDITAL, para os atos e termos da ação proposta e para que, no prazo de 15 (quinze) dias, que fluirá após o decurso do prazo do presente edital, apresente resposta. Não sendo contestada a ação, o réu será considerado revel, caso em que será nomeado curador especial. Será o presente edital, por extrato, afixado e publicado na forma da lei. NADA MAIS. Dado e passado nesta cidade de São Paulo, aos 06 de dezembro de 2021

Sindicato do Comércio Varejista de Peças e Acessórios para Veículos no Estado de São Paulo - CNPJ Nº 62.783.368/0001-73 - Assembleia Geral Extraordinária - Edital de Convocação. Ficam convocados os associados do Sindicato do Comércio Varejista de Peças e Acessórios para Veículos no Estado de São Paulo - Sincopeças, para comparecerem à Assembleia Geral Extraordinária que será realizada em sua sede social à Av. Paulista, 1009, 5º andar em São Paulo S.P., no dia 15 de agosto de 2022, às 14:00hs em primeira convocação com presença da maioria absoluta, e às 14:30hs em 2ª convocação, qualquer número de associados, para aprovação de no mínimo 2/3 dos presentes para tomarem conhecimento e deliberarem nos termos estatutários sobre a seguinte ordem do dia: 1) - Exame, discussão e votação das propostas de alteração estatutária tendo em vista o atendimento à Resolução CNC/SICOMERCIO nº 034/2019 do Conselho de Representantes da Confederação Nacional do Bens, Serviços e Turismo da CNC; e outras alterações estatutárias dos Estatutos Sociais da Entidade; 2) - Outros assuntos de interesse do Sindicato. São Paulo, 1 de agosto de 2022. Sindicato do Comércio Varejista de Peças e Acessórios para Veículos no Estado de São Paulo - SINCOPEÇAS.
Heber Carlos de Carvalho - Presidente

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE INFRAESTRUTURA E MEIO AMBIENTE
CONSELHO ESTADUAL DO MEIO AMBIENTE – CONSEMA

EDITAL DE CONVOCAÇÃO DA AUDIÊNCIA PÚBLICA

O Conselho Estadual do Meio Ambiente - CONSEMA, usando de sua competência legal, **CONVOCA AUDIÊNCIA PÚBLICA** sobre o **"Zoneamento Ecológico-Econômico do Estado de São Paulo"** de responsabilidade da Coordenadoria de Planejamento Ambiental da Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente, que se realizará no **dia 03 de agosto de 2022, às 17 horas, NA SEDE** da Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente, situada na Avenida Prof. Frederico Hermann Júnior, 345 – Prédio 6 - Alto de Pinheiros - São Paulo/SP, **com opção de participação por MEIO VIRTUAL**, através de videoconferência e transmissão ao vivo pela internet. As inscrições serão feitas no dia do evento, a partir das 09h00, no seguinte endereço eletrônico: www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/consema. As inscrições também poderão ser feitas presencialmente, a partir das 16h00, no próprio local do evento. O estudo ficará à disposição dos interessados, a partir do dia 13 de julho de 2022, de segunda a sexta-feira das 09h00 às 17h00, no mesmo endereço de realização da Audiência Pública, ou ainda na seguinte página eletrônica: www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/portazee. Para maiores detalhes e orientações, acesse o endereço: www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/consema/audiencias-publicas

Edital de Convocação - Assembleia Geral Ordinária - O Presidente do SINDICATO DOS SERVIDORES MUNICIPAIS DE ARUJÁ E REGIÃO, entidade sindical de 1º grau, com sede na Rua Higino Rodrigues de Ávila, 331, Arujamérica - Arujá - SP, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelos estatutos, pelo presente Edital, pela sua afixação na sede e subsedes, locais de trabalho e por meios eletrônicos, convoca os servidores da PREFEITURA MUNICIPAL DE IGARATÁ para participarem da Assembleia Geral Ordinária a ser realizada no dia 04 de agosto de 2022, com início às 20:00 horas, em primeira chamada e não tendo alcançado o quórum, em segunda chamada às 20h30min, na Câmara Municipal de Igaratá, situada na R. José Mendes de Souza, 74 - Centro, Igaratá - SP, para deliberarem sobre a seguinte ordem do dia: a) Formulação da Pauta de Reivindicações 2023 por ocasião da data-base; b) outorgar poderes à Diretoria do sindicato para celebrar acordo/convenção coletiva de trabalho 2023/2024 ou instaurar Dissídio Coletivo da Categoria; c) aprovação da manutenção da assembleia geral da categoria, em caráter permanente até a conclusão do processo de negociação coletiva ou de eventual dissídio da categoria. Arujá-SP 01 de agosto de 2022. Miguel Ângelo Lafani - Diretor-Presidente.

SECRETARIA ESPECIAL DA RECEITA FEDERAL DO BRASIL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA RECEITA FEDERAL DA 1ª REGIÃO FISCAL
MINISTÉRIO DA ECONOMIA
GOVERNO FEDERAL

AVISO DE LICITAÇÃO
Leilão Eletrônico Regional
Leilão Eletrônico nº 100100/3/2022 –
Superintendência Regional da 1ª Região Fiscal - RFB
MERCADORIAS: VEÍCULOS E MERCADORIAS APREENDIDAS.
RECEPÇÃO DAS PROPOSTAS: das 08h do dia 09/08/2022 até as 21h do dia 22/08/2022 (horário oficial de Brasília).
DATA DA ABERTURA DA SESSÃO PÚBLICA: 23/08/2022 às 10h (horário oficial de Brasília)
LOCAL: www.receita.fazenda.gov.br e-CAC - opção "Sistema de Leilão Eletrônico"
CLIENTELA: Pessoas Físicas e Jurídicas
INFORMAÇÕES: Informações adicionais relativas ao leilão serão prestadas pela Comissão de Licitação, pelos telefones previstos no edital ou pelo e-mail srleiloesmercadorias.rf01@rfb.gov.br
EDITAL: Disponível para consulta pela internet no endereço www.receita.fazenda.gov.br.
Cuiabá-MT, 28 de agosto de 2022
Walcemir Carlos da Silva
Presidente da Comissão Regional de Leilão

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO E ABASTECIMENTO
Saab 5 - Diretoria de Licitações e Suprimentos

AVISO DE LICITAÇÕES

PE nº 021/22 – Proc. nº 2022/017292 - OFERTA DE COMPRA (OC) Nº 030030000012022OC00078 – Objeto: Manutenção de Sistema Elétrico – 5ª RAJ (Comarcas de Bastos, Marília, Pacaembu, Presidente Prudente e Teodoro Sampaio) - Lote único. **Vistoria Facultativa**: de 27/07/2022 a 08/08/2022, conforme edital. **Abertura da Sessão Pública**: Dia 10/08/2022 às 11:00 h.

PE nº 022/22 – Proc. nº 2022/020297 - OFERTA DE COMPRA (OC) Nº 030030000012022OC00074 – Objeto: Manutenção de Sistema Elétrico – 9ª RAJ (Comarcas de Guaratinguetá, São José dos Campos – Central e II, Taubaté e Ubatuba) - Lote único. **Vistoria Facultativa**: de 27/07/2022 a 04/08/2022, conforme edital. **Abertura da Sessão Pública**: Dia 08/08/2022 às 11:00 h.

PE nº 023/22 – Proc. nº 2022/020300 - OFERTA DE COMPRA (OC) Nº 030030000012022OC00073 – Objeto Manutenção de Sistema Elétrico – 6ª RAJ (Comarcas de Franca, Matão, Ribeirão Bonito, São Joaquim da Barra e Sertãozinho) – Lote único. **Vistoria Facultativa**: de 27/07/2022 a 09/08/2022, conforme edital. **Abertura da Sessão Pública**: Dia 11/08/2022 às 11:00 h.

PE nº 024/22 – Proc. nº 2022/020299 - OFERTA DE COMPRA (OC) Nº 030030000012022OC00083 – Objeto Manutenção de Sistema Elétrico – 7ª RAJ (Comarcas de Guarujá, Mongaguá, Praia Grande, Santos e São Vicente) – Lote único. **Vistoria Facultativa**: de 28/07/2022 a 08/08/2022, conforme edital. **Abertura da Sessão Pública**: Dia 09/08/2022 às 10:00 h.

PE nº 025/22 – Proc. nº 2022/018686 - OFERTA DE COMPRA (OC) Nº 030030000012022OC00081 – Objeto Manutenção de Sistema Elétrico – 3ª RAJ (Comarcas de Avaré, Bauru, Botucatu, Conchas, Piraju e Santa Cruz do Rio Pardo) – Lote único. **Vistoria Facultativa**: de 28/07/2022 a 11/08/2022, conforme edital. **Abertura da Sessão Pública**: Dia 15/08/2022 às 11:00 h.

PE nº 026/22 – Proc. nº 2022/018541 - OFERTA DE COMPRA (OC) Nº 030030000012022OC00076 – Objeto: Manutenção de Sistema Elétrico – 8ª RAJ (Comarcas de Catanduva, Colina, Fernandópolis, José Bonifácio, Potirendaba e São José do Rio Preto) - Lote único. **Vistoria Facultativa**: de 27/07/2022 a 08/08/2022, conforme edital. **Abertura da Sessão Pública**: Dia 10/08/2022 às 11:00 h.

PE nº 029/22 – Proc. nº 2022/017291 - OFERTA DE COMPRA (OC) Nº 030030000012022OC00080 – Objeto: Manutenção de Sistema Elétrico – 2ª RAJ (Comarcas de Andradina, Araçatuba, Birigui, Ilha Solteira e Lins) - Lote único. **Vistoria Facultativa**: de 27/07/2022 a 05/08/2022, conforme edital. **Abertura da Sessão Pública**: Dia 09/08/2022 às 11:00 h.

PE nº 059/22 – Proc. nº 2022/046045 - OFERTA DE COMPRA (OC) Nº 030030000012022OC00091 – Objeto: Serviços de desinsetização e desratização para prédios que da 6ª RAJ (Comarca de Ribeirão Preto e outros) - LOTE ÚNICO. **Vistoria Facultativa**: de 27/07/2022 a 12/08/2022, conforme edital. **Abertura da Sessão Pública**: Dia 15/08/2022 às 11:00 h.

PE nº 064/22 – Proc. nº 2022/037495 - OFERTA DE COMPRA (OC) Nº 030030000012022OC00085 – Objeto: Manutenção de elevadores – 1ª RAJ –Prédios Centrais na Capital- Lote único. **Vistoria Facultativa**: de 22/07/2022 a 05/08/2022, conforme edital. **Abertura da Sessão Pública**: Dia 08/08/2022 às 10:00 h.

PE nº 072/22 – Proc. nº 2022/065380 - OFERTA DE COMPRA (OC) Nº 030030000012022OC00099 – Objeto: Manutenção de Sistema Elétrico – CJMMG (Fórum Criminal da Barra Funda) - Lote único. **Vistoria Facultativa**: de 01/08/2022 a 15/08/2022, conforme edital. **Abertura da Sessão Pública**: Dia 17/08/2022 às 11:00 h.

PE nº 080/22 – Proc. nº 2022/071662 - OFERTA DE COMPRA (OC) Nº 030030000012022OC00101 – Objeto: Serviços de recrutamento, seleção, contratação, administração, acompanhamento supervisionado, gerenciamento e cobertura securitária - **Estágio - 7.000 vagas para estudantes de nível superior** - Comarcas do Interior e da Capital/SP. **Abertura da Sessão Pública**: 10/08/2022 às 11:00h.

FORNECIMENTO DO EDITAL COMPLETO: Gratuitamente no **PORTAL DA TRANSPARÊNCIA** do site do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo (**www.tjsp.jus.br**) e, no caso de Pregão Eletrônico, também no site da Bolsa Eletrônica de Compras do Governo do Estado de São Paulo – **Sistema BEC/SP** (**www.bec.sp.gov.br**).

DECLARAÇÃO DE PROPÓSITO
BRUNO PINTO SIMÃO, inscrito no CPF nº 311.454.908-08, DECLARA, nos termos do art. 6º do Regulamento Anexo II à Resolução nº 4.122, de 2 de agosto de 2012, sua intenção de exercer cargo de administração no BANCO MERCANTIL DO BRASIL S.A., CNPJ 17.184.037/0001-10. ESCLARECE que eventuais objeções à presente declaração, acompanhadas da documentação comprobatória, devem ser apresentadas diretamente ao Banco Central do Brasil, por meio do Protocolo Digital, na forma especificada abaixo, no prazo de quinze dias contados da divulgação, por aquela Autarquia, do comunicado público acerca desta, observado que os declarantes podem, na forma da legislação em vigor, ter direito a vistas do processo respectivo. Protocolo Digital (disponível na página do Banco Central do Brasil na internet). Selecionar, no campo "Assunto": Autorizações e Licenciamentos para instituições Supervisionadas e para integrantes do SPB. Selecionar, no campo "Destino", o componente da Organização do Sistema Financeiro - Deorf - BANCO CENTRAL DO BRASIL/GTBH - Gerência Técnica em Belo Horizonte). Belo Horizonte, 30 de julho 2022.

COMUNICADO REAJUSTE PRODUTOS CORPORATIVOS DE DADOS - 2022
A Telefônica Brasil S.A., doravante denominada VIVO, comunica antecipadamente que a partir de 01/09/2022 os Serviços Corporativos de Dados (IP INTERNET/ DEDICADO, VPN IP MPLS, WAN2CLOUD, METROLAN, FRAME RELAY, X.25, CLEAR CHANNEL, ATM) e SVA's (SMART), serão reajustados de acordo com o que consta no contrato de adesão, com base no índice IGP-DI (limitado por deliberação da VIVO).
Mais informações podem ser obtidas em nosso Serviço de Atendimento ao Consumidor (SAC) 10315 ou através do nosso site www.vivo.com.br. Para pessoas com necessidades especiais de fala/audição, ligue 142. Para saber qual a loja mais perto de você, acesse o site www.vivo.com.br.

SURF TELECOM S.A.
CNPJ/ME nº 10.455.746/0001-43 - NIRE 35.300.374.681
EDITAL DE CONVOCAÇÃO ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA
A SER REALIZADA EM 08 DE AGOSTO DE 2022
Ficam convocados os acionistas da Surf Telecom S.A., sociedade anônima, com sede na cidade de Brasília, Distrito Federal, na Q SCN QUADRA 1, Bloco C, nº 85, Sala 308, Asa Norte, CEP 70711-902, inscrita no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas do Ministério da Economia (CNPJ/ME) sob o nº 10.455.746/0001-43 ("Companhia" ou "Surf Telecom"), nos termos do artigo 124, parágrafo 1º, inciso I, da Lei nº 6.404, de 15 de dezembro de 1976, conforme alterada ("Lei das Sociedades por Ações"), a se reunirem em Assembleia Geral Extraordinária, a ser realizada, em primeira convocação, no dia 08 de agosto de 2022, às 16:00 horas ("Assembleia"), na modalidade exclusivamente digital [illegible]
Brasília, 29 de julho de 2022.
[illegible] - Diretor Presidente

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTARÉM
SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO E SERVIÇOS PÚBLICOS
EDITAL DE CHAMAMENTO PÚBLICO nº 002/2022 –SEMURB
PROCESSO ADMINISTRATIVO nº 2022/012/1138
ERRATA DE PUBLICAÇÃO PMI 02/2022 - SEMURB
Objeto: PMI - Elaboração de estudos para a concepção e desenvolvimento de modelo de parceria entre a Administração Pública e o setor privado, envolvendo a modernização, recuperação, melhoria e ampliação da infraestrutura dos sistemas de Manejo de resíduos sólidos, limpeza urbana, destinação final e de outros serviços complementares no Município de Santarém, em qualquer dos regimes previstos nas Leis 8.987/95 e 11.079/04. Prazo: 20 dias após a publicação. Local: Sala de Licitação da SEMINFRA. O edital poderá ser retirado no site da PMS - www.santarem.pa.gov.br e informações poderão ser obtidos na SEMURB, no horário de 9:00 h às 12:00h.
Santarém (PA), 26 de julho de 2022.
Ana Erika Maia de Siqueira.
Presidente da Comissão Especial

mpme

A empresária catarinense Sandra Zanotto criou sua empresa em Manaus, mas teve que voltar a Santa Catarina para escalar o negócio Anderson Coelho/Folhapress

Pequenos empresários buscam ambiente de inovação longe de casa

Ecossistemas que agregam vários agentes de apoio aos negócios não são disseminados no país

Pedro Lovisi

FLORIANÓPOLIS Ecossistemas maduros para inovação nos negócios —ambientes que agregam startups, parques tecnológicos, universidades, órgãos do governo e grandes empresas— se concentram no Sul, no Sudeste e, em menor medida, no Nordeste.

Assim, pequenos empresários de Norte e Centro-Oeste recorrem a regiões distantes de suas cidades para desenvolver suas empresas.

A ideia desses ecossistemas é que os agentes apoiem pequenos e médios empresários no crescimento de seus negócios. É o que acontece, por exemplo, no Vale do Silício, na Califórnia, e em Israel, polos de tecnologia.

A química Sandra Zanotto, 48, é uma das pequenas empresárias que não encontraram apoio adequado em Manaus para evoluir seu projeto. Em 2016, ela criou a Amazon Doors, empresa que conecta multinacionais a pequenas comunidades para desenvolver cadeias de produção na Amazônia Legal. "Atuamos em regiões sem estrada, comunicação e até energia elétrica", diz.

A empresa já prestou serviços para Natura, Vale, Pierre Fabre e Ecolab. Sandra foi pesquisadora e professora da UEA (Universidade Estadual do Amazonas) e da UFAM (Universidade Federal do Amazonas) por 20 anos.

Laboratório de placas eletrônicas apoiado pela Fundação Certi, em Florianópolis Divulgação

3,7%
dos parques tecnológicos do país estão no Norte. Os do Centro-Oeste representam a mesma porcentagem

Até 2020, porém, ela não conseguiu aumentar os ganhos da Amazon Doors, por falta de orientação. Ela voltou então para Santa Catarina (onde nasceu) e buscou ajuda no ecossistema local. "Encontrei orientações claras e objetivas que proporcionaram a reestruturação do nosso modelo de negócio", afirma.

Hoje, sob apoio da Fundação Certi, entidade sem fins lucrativos que opera mecanismos de inovação em Florianópolis, ela estuda novas formas de monetizar o negócio voltado para o norte brasileiro. A mesma discrepância acontece, por exemplo, no Centro-Oeste, região marcada pelo agronegócio.

Segundo a plataforma Agro Hub Brasil, administrada pelo governo federal, a região Centro-Oeste tem nove agentes de inovação reconhecidos pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Em comparação, o estado de São Paulo tem 20.

51ª
é a posição de Cuiabá no ranking de cidades inovadoras do país. É a primeira de sua região geográfica, excluindo Brasília

Segundo pesquisa da Anprotec (Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores), só 3,7% dos parques tecnológicos do Brasil estão no Norte. O Centro-Oeste tem a mesma porcentagem. Os dados são de 2020.

O estudo também apontou falta de incubadoras e aceleradoras nas duas regiões, em comparação com as demais áreas do país. Em outra frente, ranking da Escola Nacional de Administração Pública aponta que a melhor cidade do Norte em inovação, Porto Velho, é apenas a 26ª do país. Do Centro-Oeste, excluindo Brasília, a melhor é Cuiabá, 51ª colocada no ranking.

O Sebrae, por sua vez, desenvolve ecossistemas em 113 municípios de 21 estados. Desses, 85% ainda iniciam a operacionalização e só o de Florianópolis é considerado maduro —o levantamento exclui São Paulo e Rio de Janeiro.

Para Danilo Piucci, diretor de ecossistemas da Abstartups (Associação Brasileira de Startups), as fases iniciais desses ambientes são as mais difíceis. "Não falta financiamento direto ao empreendedor. Falta financiar a estrutura de suporte, como incubadoras, aceleradoras e espaços para startups se relacionarem."

Um dos exemplos do financiamento defendido por Piucci acontece em Manaus. Lá, a Certi desenvolveu, em 2019, a Jornada da Amazônia. A iniciativa pretende ampliar os laços entre os agentes de inovação de cidades amazônicas, considerando negócios bioeconômicos.

A meta da Certi é criar 400 empreendimentos e atrair 40 mil novos pesquisadores e empresários da região até 2026. "Detectamos quase 2.000 linhas de pesquisas sobre bioeconomia na Amazônia, mas isso não está gerando novos negócios. Faltam talentos que queiram empreender e refletir isso em renda e desenvolvimento", aponta André Noronha, coordenador de comunicação da iniciativa.

O Nordeste, por sua vez, é a terceira região com melhores ecossistemas, segundo especialistas. O ambiente de Natal, por exemplo, foi finalista no prêmio da CNI (Confederação Nacional da Indústria) de melhores ecossistemas de inovação do Brasil em 2022 - todos os vencedores são do Sul.

Já Recife abriga o Porto Digital, um dos maiores ambientes brasileiros de inovação. Para Rosana Jamal, diretora de empresas da Anprotec, a cidade soube explorar a excelência em computação da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco). "É difícil criar um ecossistema sem focar a área ou a competência daquele local", afirma.

O jornalista viajou a convite da Fundação Certi

Ainda com pacientes isolados, Brasil teme 'cultura do hospício'

Pessoas com transtornos mentais vivem afastadas em hospitais psiquiátricos, penitenciárias ou comunidades

Júlia Barbon e Adriano Vizoni

RIO DE JANEIRO E MACAPÁ (AP) Flávio parecia um bicho. Estava sujo, dentes faltando, quase nu. As gotas escorriam num traço claro sobre seu corpo negro, denunciando que era a primeira vez em que ele via água em um bom tempo, e o cheiro do leite de rosas se misturava a fezes e urina.

Quem conta é a irmã Tânia Messias, 60, que até hoje tem pavor do perfume borrifado no short do caçula sempre que ia visitá-lo na extinta Clínica Psiquiátrica das Amendoeiras, na zona oeste do Rio de Janeiro. Diagnosticado com autismo grave, "Fábio já não falava, só urrava".

A cena é de dez anos atrás, mas não está tão distante da realidade atual em alguns lugares do Brasil. O odor de dejetos, por exemplo, é o mesmo no corredor da enfermaria do principal presídio de Macapá, o Iapen (Instituto de Administração Penitenciária do Amapá).

Ali, cinco internos habitam celas, isoladas das demais, em constante surto psicótico porque, segundo funcionários, não há o medicamento necessário para estabilizá-los. Um deles está lá há dois anos, e o Estado nem sequer sabe seus diagnósticos.

Se soubesse, eles seriam levados a outro imóvel a 15 quilômetros de distância, o Centro de Custódia, onde 8 dos 16 presos já não são mais considerados perigosos pelos médicos. Dois deles, apelidados de Paulinho e Juju, vivem trancados há mais de 18 anos.

Duas décadas depois de ter decidido pelo fim dos manicômios, o país ainda tem pessoas com transtornos mentais vivendo sem tratamento digno e isoladas em presídios, hospitais psiquiátricos, comunidades terapêuticas ou clínicas privadas.

Ao mesmo tempo, carece de estruturas para pacientes em crise, como leitos para estabilização de curta duração e Centros de Atenção Psicossocial 24 horas (Caps 3), cuja expansão não acompanhou a velocidade do fechamento dos hospitais psiquiátricos em muitos estados.

O Amapá é um que está praticamente fora do mapa da saúde mental de alta complexidade. Quem entra em surto só tem como opção o Hospital de Emergência, onde os dois leitos para a especialidade são muitas vezes preenchidos por outros doentes.

"Frequentemente ele fica amarrado em macas nos corredores, sem a contenção correta", afirma Emília Pimentel, presidente do Conselho Regional de Enfermagem do Amapá.

Quando se decide pela internação, que deve ser a última opção, a pessoa vai para os 14 leitos psiquiátricos no Hospital de Clínicas, nunca cadastrados no sistema do Ministério da Saúde. A estadia deveria ser breve, mas há três pessoas morando ali, uma delas há mais de dez anos.

"Rondônia é outro lugar em que está criada a cultura manicomial. Teve hospitais em que entrei e falei: estou de volta. Pacientes morando, contidos, muito medicados, sem psiquiatra 24 horas", diz Dorisdaia Humerez, do Conselho Federal de Enfermagem.

O governo federal não tem um levantamento de quantos vivem permanentemente em hospitais psiquiátricos no país. Só na cidade do Rio são 35, segundo o superintendente municipal de saúde mental, o psiquiatra Hugo Fernandes.

O que é a série Brasil no Divã

Depressão, ansiedade, burnout, esquizofrenia, suicídio: a explosão dos transtornos mentais foi citada exaustivamente nos mais de dois anos de pandemia. Mas pouco se aprofundou na capacidade do sistema público de saúde mental, que passa por uma grande reforma psiquiátrica há mais de 20 anos. A série Brasil no Divã discute o tamanho do problema, a capacidade do SUS, o fim dos manicômios, mitos e preconceitos que dominam o assunto e as saídas possíveis.

ONDE PROCURAR AJUDA?

Rede de Atenção Psicossocial
Mapa mostra as unidades da rede habilitada pelo Ministério da Saúde até set.2020: bit.ly/3v9xPry

Mapa Saúde Mental
Site mapeia diversos tipos de atendimento: www.mapasaudemental.com.br

CVV (Centro de Valorização da Vida)
Voluntários atendem ligações gratuitas 24 horas por dia no número 188: www.cvv.org.br

A meta é que essas pessoas saiam e sejam direcionadas essencialmente para duas políticas nacionais dentro do SUS: um auxílio de R$ 500 mensais do programa De Volta para Casa e/ou residências terapêuticas —inexistentes no Amapá e com expansão estagnada no último ano no país.

Foi essa a trajetória de Flávio Sobreiro, personagem do início deste texto que passou 27 dos seus 40 anos dentro de instituições psiquiátricas. Em outubro passado, ele tornou-se o último dos 310 pacientes do hospício mais antigo do Brasil, rebatizado de Instituto Municipal Nise da Silveira, na zona norte carioca.

Hoje, vive numa casa a alguns quilômetros dali com outras cinco pessoas com transtornos mentais, acompanhado sempre por uma equipe multiprofissional. Frequenta o Caps mais próximo e passeia na pracinha.

"Flávio já passou por coisas que nenhum de nós suportaria nessa vida", diz a assistente social Priscila Hauer, atualmente vice-diretora do Nise da Silveira. Ela se refere a coisas que também já se passaram no enorme terreno do instituto, que em breve vai virar parque municipal.

Lá chegaram a viver quase mil "pacientes crônicos", que matavam as horas seguindo uma disciplina rígida, sem escolhas, terapias e nomes.

Com o fim dos manicômios e a insuficiência de Caps 24 horas e outros dispositivos, proliferaram pelo país as comunidades terapêuticas para dependentes químicos.

Formalmente, são organizações sem fins lucrativos criadas para acolher usuários que escolhem estar ali. Na prática, porém, a maioria das que se definem dessa forma é ligada a religiões. Parte delas trata a adição como questão moral e pratica violações aos direitos humanos.

"A estimativa é que existam 5.000 instituições de acolhimento. Muitas se dizem comunidades terapêuticas, mas não são. Usam dessa proposta para fazer distorções graves da metodologia", diz Ricardo Valente, diretor-executivo da Federação Brasileira de Comunidades Terapêuticas.

Cerca de 700 delas são habilitadas e recebem repasses do governo federal. A gestão de Jair Bolsonaro (PL) decidiu investir nesse modelo, dobrando a verba e sextuplicando as vagas custeadas pela União.

A característica legal mais complexa das comunidades terapêuticas é que, embora estejam dentro da rede de atenção psicossocial regulamentada pelo Ministério da Saúde, são credenciadas e financiadas pelo Ministério da Cidadania como política de drogas.

São fiscalizadas pelas vigilâncias sanitárias, conselhos de classe e Ministérios Públicos. "Temos uma única unidade no Amapá que se aproxima do que está na lei. Encontramos gente trancada no quarto, trabalho forçado sob o nome de laborterapia, famílias inteiras morando sem salubridade, relatos de agressões", diz a promotora Fábia Nilci.

O Ministério da Cidadania não respondeu se faz ações de fiscalização.

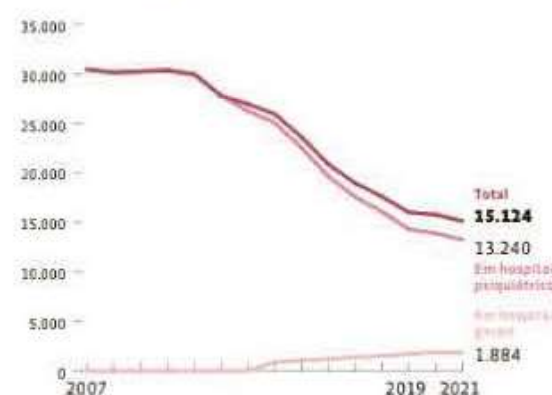
O psiquiatra Rafael Bernardon, coordenador-geral de saúde mental na pasta da Saúde, vê as comunidades como um tratamento complementar ao que é feito nos Caps e outros serviços, desde que voluntário e monitorado.

Elas cresceram, diz, porque os leitos psiquiátricos "foram fechados de maneira irresponsável". "Exageramos no fechamento dos hospitais e no modelo único dos Caps, que são um dos elos da rede", afirma Bernardon, que compara os Caps 24 horas a "albergues de luxo". "São muito caros e não conseguem dar conta."

O Amapá não tem nenhum deles e diz que está no processo para que seus Caps passem para essa modalidade. Também afirma que pactuou com Macapá a implementação da primeira residência terapêutica do estado, para abrigar os pacientes que vivem no hospital ou no Centro de Custódia.

Sobre os presos na penitenciária, o coordenador estadual de saúde mental, Mário Denis Costa, diz que já havia marcado suas avaliações psiquiátricas, adiadas por uma morte que ocorreu recentemente na unidade. "Não dá para fazer tudo, estamos tentando ampliar o máximo que podemos."

Tânia Messias, 60, com o irmão Flávio Sobreiro, 40, no Rio de Janeiro Eduardo Anizelli/Folhapress

Leitos em hospitais caíram à metade nos últimos anos

Bolsonaro multiplicou investimento em comunidades terapêuticas

Fontes: Ministério da Saúde (jul 2021), OCDE (2019), Ministério da Cidadania e ONG Conectas

cotidiano

Jovens trans enfrentam barreiras para utilizar banheiros em escolas

Julgamento sobre o uso do espaço conforme identidade de gênero está parado no STF há 7 anos

Bruno Lucca

SÃO PAULO Depois de sofrer retaliação de outros garotos, Pedro (nome fictício), 14, parou de usar o banheiro masculino da escola na qual estuda, em Praia Grande, no litoral de São Paulo. Único aluno trans no colégio, ele foi orientado pela direção a usar o sanitário reservado para pessoas com deficiência —segundo a chefia da unidade, isso "causaria menos desconforto a ele e aos demais alunos".

O caso não é único. À reportagem outras 11 mães, todas moradoras do estado de São Paulo, relataram situações em que seus filhos, jovens trans entre 9 e 18 anos, foram colocados em situações constrangedoras quanto ao uso de banheiros em ambiente escolar –tanto em instituições públicas quanto particulares.

Além de instruídos a não usarem os banheiros coletivos, eles foram expulsos e até ameaçados fisicamente por outros alunos.

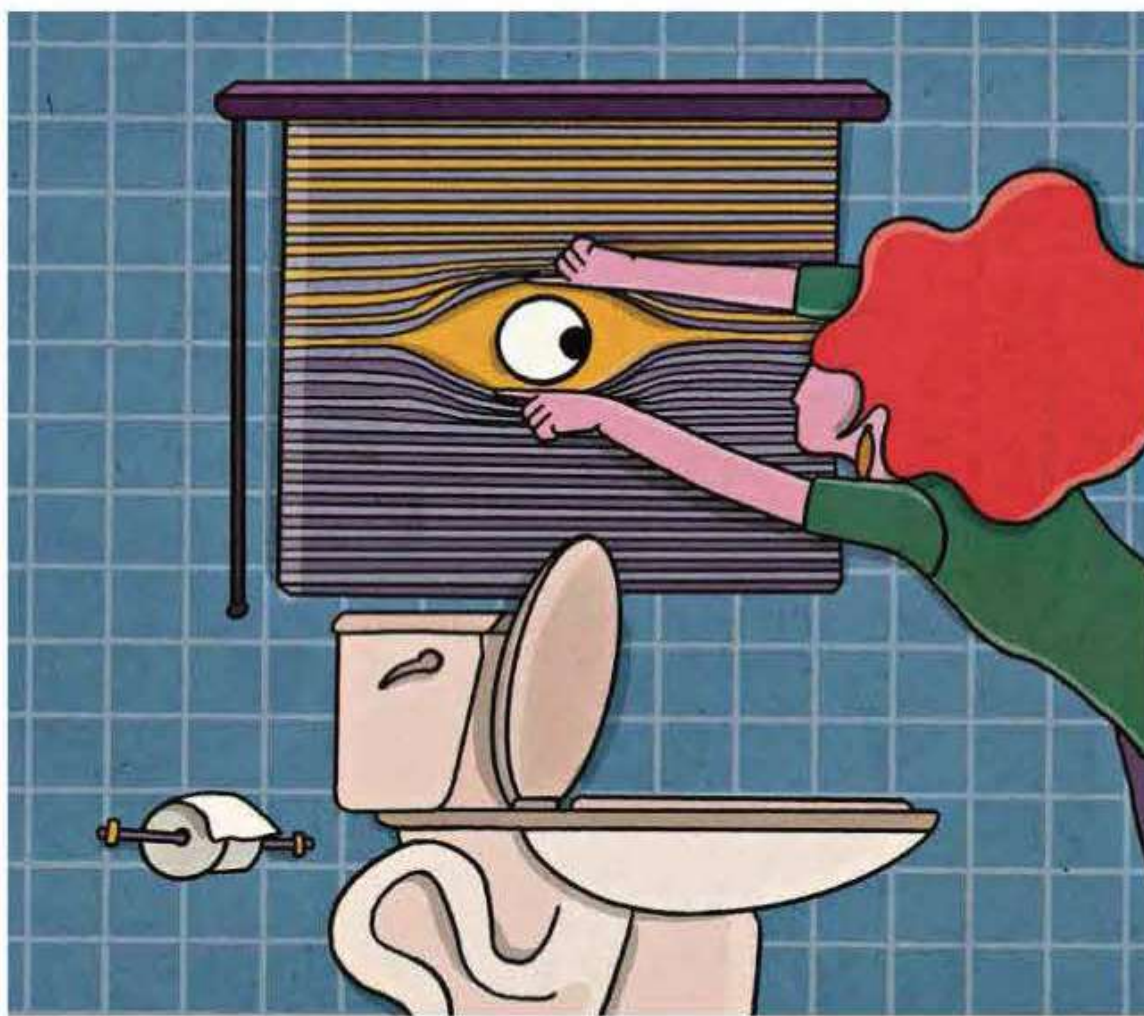
As mães fazem parte do grupo Mães Pela Diversidade, que reúne familiares de membros da comunidade LGBTQIA+, e do Amtigos (Ambulatório de Transtorno de Identidade de Gênero e Orientação Sexual), que oferece suporte psicológico a jovens transexuais e seus familiares no Hospital das Clínicas, em São Paulo.

Catarina Pignato

Em nota, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo diz que repudia todo tipo de LGBT fobia e "a decisão sobre o uso do banheiro acontece através do conselho escolar de forma individualizada, tratando caso a caso. É orientado que, com novas demandas, o conselho se reúna imediatamente para mediar a situação de forma que toda comunidade escolar seja acolhida e respeitada".

Sobre Pedro, a secretaria confirma que foi "ofertada a possibilidade de ele utilizar o banheiro para pessoas com deficiência ou o de funcionários". O jovem e a mãe não aceitam a situação.

Neste mês, a Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), lançou em suas redes sociais a campanha #LiberaMeuXixi, na qual pede que o STF (Supremo Tribunal Federal) retome um julgamento, parado há sete anos, sobre o uso de banheiros conforme a identidade de gênero –ou seja, como a pessoa se reconhece: homem, mulher, ambos ou nenhum dos gêneros.

A ação chegou ao tribunal em 2015, quando uma mulher trans foi barrada no banheiro feminino de um shopping em Santa Catarina, e alegava violação à dignidade da pessoa humana. Na ocasião, os ministros Luís Roberto Barroso, relator do caso, e Luiz Edson Fachin se manifestaram a favor da requerente. Já o ministro Luiz Fux pediu vista –mais tempo para analisar o caso– e o julgamento não foi retomado até agora.

"O direito à autodeterminação de gênero não pode ser um direito abstrato. Ele deve ser garantido na vida cotidiana das pessoas trans. E isso precisa ser assegurado com segurança. Se acumulam casos de violência, expulsões e negações de acesso ao banheiro contra corpos trans, especialmente contra travestis e mulheres trans. Isso tem que parar", diz a Antra.

> **O direito à autodeterminação de gênero não pode ser um direito abstrato. Ele deve ser garantido na vida cotidiana das pessoas trans. E isso precisa ser assegurado com segurança**
>
> **Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais)**
> em campanha nas redes sociais

Keila Simpson, presidente da associação, diz que pessoas cis (que se identificam com o sexo biológico) e trans entram no banheiro para a mesma finalidade, e qualquer tentativa de impedir isso seria imoral.

Procurado por três vezes, o STF não se manifestou até a publicação da reportagem.

Enquanto isso, Laura observa as dificuldades que seu filho de 13 anos, também trans, enfrenta quando o assunto é banheiro. A família mora em São Sebastião, no litoral norte paulista.

Ela diz que ele iniciou a transição muito cedo e que, conforme foi crescendo, algumas situações desconfortáveis foram se acumulando. A mãe diz que o filho lhe disse que o banheiro era o local no qual sempre recebia os piores olhares e que, ao entrar lá, tinha vontade de correr ou ganhar um abraço.

Laura classifica a situação como angustiante. Ela afirma que, por algum tempo, teve a impressão de acolhimento ao filho no ambiente escolar. O jovem sempre estudou em colégios particulares. Ela diz que encontrou locais onde faziam de tudo para ele e todos ao redor se sentirem bem. Situação que mudou quando o jovem passou a frequentar uma escola particular em Boiçucanga, bairro de São Sebastião.

O colégio permitiu que o jovem utilizasse o banheiro de sua preferência, mas orientando que os coletivos fossem evitados. A opção seriam os privativos, como os para funcionários e pessoas com deficiência. Laura diz que foi um "pode, mas não vá". A mãe relata que começou a questionar se valeria a pena insistir para que o filho estivesse naquele ambiente, em que, segundo ela, teriam que lutar até para utilizar o banheiro.

Para Benjamin Ribeiro da Silva, presidente do Sieeesp (Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Estado de São Paulo), que representa as escolas particulares, por enquanto não há nenhuma ocorrência relevante envolvendo alunos trans nos estabelecimentos. "As escolas particulares, sempre com algumas exceções, têm lidado bem com o tema", afirma.

O assunto tem sido discutido em todo o país. Em junho deste ano, o governo do Distrito Federal orientou as escolas públicas da sua rede de ensino a permitir que estudantes transexuais utilizem os banheiros conforme sua identidade de gênero. Um dia depois, a orientação foi revogada.

Em nota, a Seedf (Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal) diz que a Circular nº 58/2022, que trata do manual de orientações sobre o uso dos banheiros por estudantes travestis, transexuais e transgêneros nas unidades escolares da rede pública, foi revogada devido à importância e à necessidade da composição de um grupo de trabalho para discussão sobre o tema.

Família libertada de cativeiro ficava até três dias sem comer

Matheus de Moura

RIO DE JANEIRO O homem suspeito de manter mulher e dois filhos em cativeiro por 17 anos em uma casa em Guaratiba, na zona oeste do Rio de Janeiro, teve sua prisão convertida em preventiva neste sábado (30) pela juíza Monique Correa Brandão dos Santos Moreira.

A Justiça atendeu ao pedido do Ministério Público, que argumentou haver "indícios de autoria e materialidade" e "concreto risco à integridade psicofísica das vítimas".

Luiz Antonio Santos Silva, 49, foi preso em flagrante na quinta-feira (28). Na audiência, ele foi representado por um defensor público. Ao decretar a prisão preventiva, a juíza também citou como argumento a "suposta conduta do agente, que restringiu a liberdade da sua esposa e filhos, privando-os de alimentação e condições mínimas de sobrevivência, submetendo-os, ainda, a intenso sofrimento físico e mental por longos anos".

A magistrada relatou na decisão que a mulher de Silva, Edna, 40, sofria de fraquezas impostas pelas condições precárias e que os filhos, Gisele, 22, e Wesley, 19, foram encontrados com as extremidades amarradas por cordas. Seus nomes completos não foram divulgados.

"[Edna] informou que o custodiado nunca permitiu que seus filhos frequentassem escola e que já teriam ficado até três dias sem comer", escreveu a juíza.

Edna, Gisele e Wesley foram foram libertados do cativeiro pela polícia após denúncia anônima. As vítimas foram encontradas com quadro de desnutrição e desidratação grave e ficaram internadas no Hospital Rocha Faria até este sábado.

Em entrevista à TV Globo, Edna relatou que os três apanhavam com fios e tinham seus pedidos de socorro abafados por música alta, que o marido colocava quando chegava em casa do trabalho.

De acordo com relatos de vizinhos à **Folha**, Silva aumentava o som por volta das 20h e, por vezes, mantinha-o no último volume até o amanhecer, podendo ser ouvido a ruas de distância.

"[A gente] ficava sem comida, sem água e apanhando... Meus filhos, também amarrados, apanhavam de fios e [ele] enforcava a gente também", relatou a mulher na entrevista.

MORTES | coluna.obituario@grupofolha.com.br

Artista plástico, fez escultura para santos e orixás

OCTAVIO DE CASTRO MORENO FILHO (1944-2022)

Priscila Camazano

SÃO PAULO O artista plástico Octavio de Castro Moreno Filho, conhecido como Tatti Moreno, passou a vida criando esculturas e representar santos católicos, orixás e figuras abstratas.

É ele que assina a autoria das 12 esculturas que representam as divindades das religiões de matrizes africanas dispostas no Dique do Tororó, em Salvador.

As imagens flutuantes, dispostas no olho d'água, representam Oxum, Iemanjá, Xangô, Nanã, Iansã, Oxalá, Ogum e Oxóssi. Outras quatro encontram-se ao redor do dique e fazem referência a Exu, Oxumaré, Ogundelê e Ossanha.

Ele era católico, mas frequentava terreiros como espectador e usava o seu lado artístico para representar a religiosidade do país. "Da mesma maneira que ele fazia os cristos, os santos católicos, ele fazia os orixás", afirma a viúva, Gisele Fraga.

O artista também é autor da escultura dos escritores Jorge Amado e Zélia Gattai, no bairro do Rio Vermelho, na capital baiana.

"Era um lugar que Jorge Amado sentava para admirar o mar no fim da tarde, por isso, Tatti escolheu aquele lugar para fazer a homenagem. Eles eram muito amigos", afirma Fraga.

Além dessas obras, o artista plástico tem outras espalhadas pelo país, incluindo a do Lago Paranoá, em Brasília, e a que está em frente ao Museu da Gente Sergipana, em Aracaju.

Em São Paulo, no jardim da estação do Metrô Tucuruvi, Tatti Moreno assina uma obra abstrata que faz alusão ao tridente de Exu, com três pontas apontadas para o céu.

Nascido em Salvador, Tatti Moreno era autodidata e começou a esculpir aos 12 anos, produzindo bonecos de arame, cola e sucata.

Já adulto, ele trabalhou em um banco antes de se dedicar à vida artística. Por volta dos 20 anos, estudou na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia.

Depois disso, passou a esculpir em latão, aço inoxidável e alumínio. Sua última obra, que só deve ser inaugurada no próximo mês, foi uma escultura em homenagem aos mortos pela Covid, que está disposta na praça onde fica o Mercado Modelo, em Salvador.

No dia 13 de julho, Tatti Moreno morreu, aos 77 anos, de câncer. Ele deixa a mulher, três filhos e três irmãos.

IVA MILSTEIN MOSCATI Aos 83, casada. Domingo (31/7). Cemitério Israelita do Butantã, Jd. Educandário, São Paulo (SP)

7º DIA

ROSA MUACCAD THOMÉ Segunda (1/8) às 19h, Catedral Metropolitana Ortodoxa, Paraíso - São Paulo (SP)

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (15h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

Ficha do censo de 1872 traz os dados da então província do Rio Grande do Norte Divulgação

Há 150 anos, 1º censo nacional contou livres e escravizados

Elite política buscava instituir estatísticas oficiais em país profundamente estratificado pela escravidão em declínio

Guilherme Botacini

SÃO PAULO Há 150 anos o Brasil começava a fazer seu primeiro censo demográfico de abrangência nacional, o único levantamento que contabilizou a população escravizada no país. O projeto, que visava traçar um perfil fiel da nação, expôs em números um país analfabeto, católico e de maioria negra e masculina. Foram contados mais de 1,5 milhão de escravizados.

O dia 1º de agosto marca apenas o início do processo porque tratou-se de um longo caminho. Algumas províncias atrasaram o recenseamento em até dois anos diante da inexperiência em uma operação tão grande e da vastidão territorial de um país basicamente rural, que tinha construído suas primeiras ferrovias havia pouco tempo.

Foram os casos de São Paulo (janeiro de 1874), Minas Gerais (agosto de 1873), Mato Grosso (outubro de 1872) e Goiás (junho de 1873).

Foi preciso também lidar com fichas de família —os questionários da época— que se extraviavam ou simplesmente não eram entregues a tempo para a apuração.

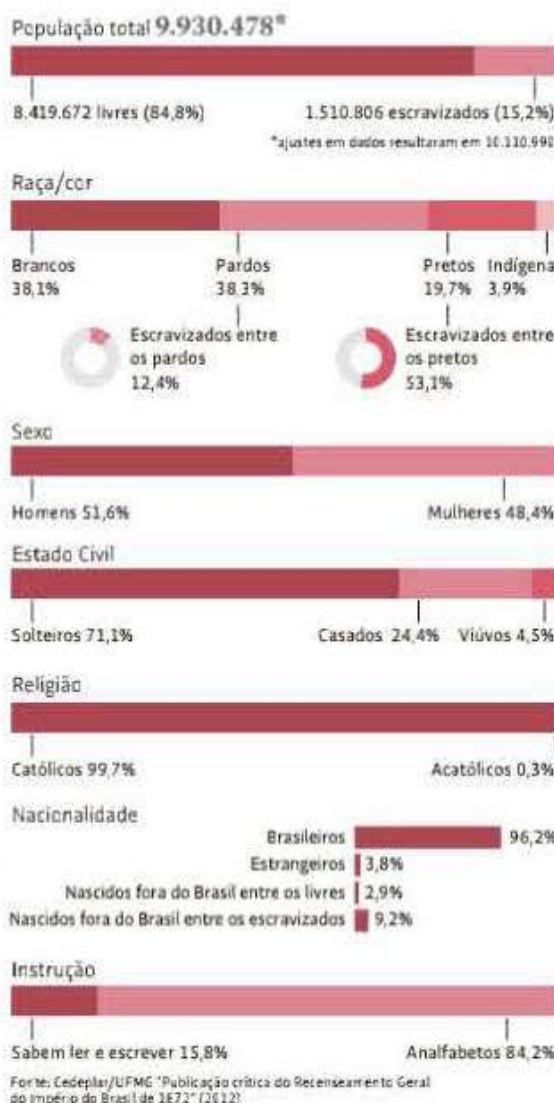
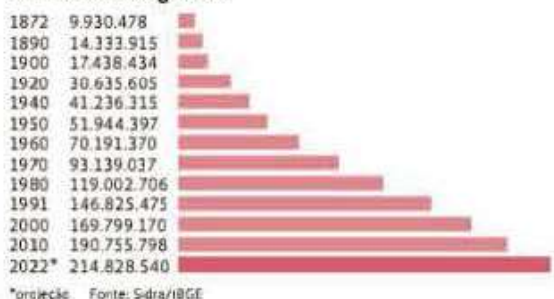
Além disso, os responsáveis por preencher as fichas eram os chefes de famílias de um Brasil majoritariamente iletrado, o que pode ter gerado uma série de problemas, como erros de preenchimento —o próprio censo contabilizou 8,37 milhões de analfabetos, cerca de 84% da população total naquele momento.

"Mas de maneira geral foi um censo muito bom, e realizado com tranquilidade. Para se ter ideia, o de 1872 foi apurado mais rápido que todos os outros censos brasileiros até o de 1940", lembra Tarcísio Rodrigues Botelho, professor de história na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais).

A execução relativamente sólida deste censo, porém, foi precedida de um histórico de tentativas de instituir a pesquisa nacional 20 anos antes.

A lei que autoriza a realização do primeiro censo e que institui também o registro civil é de 1850, aprovada em um contexto de hegemonia do Partido Conservador e de relativa estabilidade após o conturbado período regencial (1831-1840), segundo Botelho.

Revoltas populares em algumas províncias, porém, fizeram com que ambos fossem suspensos. Na década seguinte, a Guerra do Paraguai foi mais um obstáculo —e evidenciou as lacunas de informações estatísticas e cartográficas sobre o Brasil.

Depois de um recenseamento teste na corte, em 1870, o censo enfim foi realizado em 1872 e contou 9.930.378 pessoas no país (10.110.990 após ajustes), das quais 8,42 milhões eram livres e 1,51 milhão eram escravizadas, em um momento em que a escravidão já se mostrava em declínio do ponto de vista político, sob pressões internas e externas, e mesmo demográfico.

Eram exemplos disso a lei Eusébio de Queirós, que proibiu de vez o tráfico transatlântico de escravizados e, em 1871, a Lei do Ventre Livre, que tratava como livre qualquer filho de escravizado nascido a partir daquele momento.

"A ideia da elite política do Império é que a escravidão acabaria gradativamente, e os dados do censo dariam uma ideia de quanto tempo levaria para esse fim. Claro que sabemos que não foi isso que aconteceu", diz Maísa Faleiros da Cunha, coordenadora do Núcleo de Estudos de População da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

As listas de família, preenchidas pelos chefes de domicílio —multados caso não o fizessem—, pediam sobre cada ocupante daquele local nome, relação com o chefe (parentesco, escravos e agregados), sexo, idade, cor, estado civil, naturalidade, nacionalidade, profissão, religião (católicos ou acatólicos), e se sabia ler e escrever. Uma coluna de observações pedia para que fosse declarado local de domicílio de hóspedes, onde se achavam os ausentes daquela casa e eventuais condições de saúde.

A informação sobre raça/cor tinha quatro divisões: branca, parda, preta ou cabocla, que compreendia os indígenas. Brancos eram 38,1% da população total, e os indígenas eram 3,9%. Foram contadas 3,8 milhões de pessoas pardas (38,3% do total), 470 mil delas escravizadas, além de 1,96 milhão de pessoas pretas (19,7% do total), 1,04 milhões delas cativas.

Somados, pretos e pardos eram 58% da população, resultado que dava números à óbvia e visível composição racial de um país que, poucos anos depois, veria sua elite intelectual mergulhar em teorias racistas que atribuíam à profunda mestiçagem os atrasos do desenvolvimento nacional.

Vale dizer que a categoria de cor era dividida de forma diferente nos vários levantamentos regionais anteriores do Império e coloniais, e mudou também em todos os censos nacionais posteriores —quando não foi retirada do questionário, casos de 1900, 1920 e 1970.

O procedimento de coleta das informações no censo de 1872, aliás, difere em quase tudo de como é feito hoje pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a começar pela divisão administrativa do território.

Eram 20 províncias (além do município neutro da corte) divididas em 641 municípios, que, por sua vez, continham 1.473 paróquias, segundo pesquisa do Cedeplar (Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional), da UFMG, que digitalizou e fez correções dos dados levantados –havia inconsistências nas tabelas dos resultados e ausência de apuração em algumas freguesias.

Cada paróquia tinha uma comissão censitária de cinco cidadãos responsáveis por organizar a execução do censo naquele local, além de fiscalizar o trabalho de agentes censitários, cuja função principal era entregar as listas de família nos domicílios e recolhê-las alguns dias depois.

Organizados os boletins, eles eram entregues a uma comissão provincial e depois submetidos à Diretoria Geral de Estatística (DGE), órgão incumbido de publicar os resultados finais. As listas preenchidas, no entanto, fontes originais das informações coletadas, perderam-se com o tempo —poucos exemplares foram encontrados por pesquisas recentes. A riqueza dos dados brutos mostraria, por exemplo, a estrutura das famílias, quantidade e nomes de escravizados em cada domicílio e suas relações familiares, entre outras inúmeras possibilidades.

Depois do censo de 1872, o Brasil não realizou em 1880 e demorou a produzir um recenseamento com qualidade de semelhante: os de 1890 e de 1900 são considerados imprecisos e com muitas falhas e o de 1910 foi suspenso por alegadas questões orçamentárias e jamais retomado.

O censo de 1920 é visto por especialistas como o primeiro da República com bons resultados, mas a periodicidade voltou a ser suspensa pela Revolução de 1930, que impediu o levantamento daquele ano.

Somente em 1940, já sob os cuidados do IBGE, o Brasil retomou sua produção censitária com qualidade e periodicidade decenal, que só seria quebrada novamente com o atraso da pesquisa da década de 1990, executada em 1991, e do censo atual, previsto inicialmente para 2020.

O Brasil que o primeiro censo contou

Quando não especificado, proporção é relativa à população total do país

Fonte: Cedeplar/UFMG "Publicação crítica do Recenseamento Geral do Império do Brasil de 1872" (2012)

Evolução da população total segundo os censos demográficos

*projeção Fonte: Sidra/IBGE

Pergunta sobre raça é central na luta contra a discriminação

OPINIÃO

Luiz Augusto Campos
Professor do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Uerj e coordenador do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (Gemaa)

O Brasil levanta a raça de sua população desde o seu primeiro censo, ainda no século 19. E o faz em um formato razoavelmente estável, com uma questão direta com respostas fechadas, divididas inicialmente em quatro categorias e, hoje, em cinco: branca, preta, parda, amarela e indígena. Contudo, as intenções por trás da pergunta, bem como seus usos políticos, mudaram drasticamente com o tempo.

Criada em 1872 ainda no Império, a pergunta buscava estimar a população escravizada e liberta no país, uma forma de medir o lento impacto das leis abolicionistas de então. Nos 11 censos realizados desde essa época, a pergunta só foi suprimida em dois.

A supressão em 1920 se deu por motivações eugenistas. Acreditava-se que as pessoas dificilmente responderiam "corretamente" ao pesquisador a sua "verdadeira" raça. A visão dominante era de que raça seria um dado natural e objetivo, a ser aferido via técnicas lombrosianas como a craniometria de parte da população.

A questão foi suprimida novamente em 1970, mas sem grandes explicações. Contudo, foram várias as tentativas na história recente de eliminá-la ou modificá-la sob o argumento de que suas premissas seriam intrinsecamente racistas ou de que ela não capta bem nossa riqueza cromática.

Para aferir a validade da questão, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) somou à pesquisa de 1976 uma pergunta aberta sobre cor/raça, a qual computou 135 cores diferentes. Essa profusão de categorias é muitas vezes usada equivocadamente para afirmar a nulidade da questão tradicional. Primeiro, porque a maioria dos pesquisados escolheu as categorias tradicionais do censo.

Segundo, porque muitas das categorias computadas eram variações pequenas de uma mesma palavra ou expressão, como foi o caso dos autodeclarados brancos que preferiram termos como "branquinho", "claro" etc. Diga-se de passagem, questões abertas sempre computam várias categorias pelo simples fato de que existem inúmeros termos para denotar uma mesma coisa.

Foi na década de 1970 também que os dados censitários permitiram a produção de evidências robustas sobre o papel do racismo na estruturação da sociedade brasileira. Sociólogos como Carlos Hasenbalg e Nelson do Valle Silva mostraram que pessoas autodeclaradas pretas e pardas tinham bem menos chances de ascender socialmente do que as autodeclaradas como brancas, mesmo quando possuíam origens sociais similares.

Isto é, embora tenhamos uma extrema e injusta desigualdade entre as classes sociais, brancos conseguem subir na pirâmide social mais frequentemente que pretos e pardos. Estes, além de tenderem a nascer em famílias mais pobres, são impedidos de melhorar de vida.

Essas análises evidenciavam cientificamente aquilo que líderes do movimento negro como Lélia Gonzalez e Abdias do Nascimento já denunciavam na política. Primeiro, a proximidade dos indicadores sociais dos autodeclarados pretos e dos autodeclarados pardos. Segundo, a existência de fortes discriminações raciais no Brasil contra esses grupos. Terceiro, a necessidade de políticas focais para compensar suas vítimas. Ainda que as políticas de ação afirmativa tenham demorado mais de vinte anos para emergir, elas seriam inimagináveis sem dados robustos sobre raça/cor como aqueles produzidos a partir do censo.

A questão sobre raça/cor no censo brasileiro pode até ter sido usada no passado com intenções racistas, mas hoje ela serve a fins opostos, sendo central para a luta antirracista. Graças a ela, podemos identificar as vítimas mais prováveis da discriminação racial, medir os seus efeitos e desenhar políticas públicas eficientes para sua mitigação.

[...]

Na década de 1970 os dados censitários permitiram a produção de evidências robustas sobre o papel do racismo na estruturação da sociedade brasileira

Círculo Militar terá de devolver área ao lado do Ibirapuera

SÃO PAULO O Clube Círculo Militar de São Paulo foi condenado a devolver a área de 31.005,20 m² que ocupa ao lado do parque Ibirapuera, na capital paulista, e a pagar ao município uma indenização milionária pelo uso do espaço.

A associação informou neste domingo (31) que vai recorrer da sentença, e a prefeitura diz que aguarda a decisão sobre as dúvidas que apresentou para verificar as medidas cabíveis.

A devolução foi estipulada pelo juiz Kenichi Koyama, da 15ª Vara da Fazenda Pública, no âmbito de ação civil pública ajuizada em 2019 pelo Ministério Público. Para a Promotoria, a autorização para a permanência do clube não foi pautada no interesse público e social. Pelos cálculos dos promotores, o prejuízo aos cofres públicos chegaria a quase R$ 12 milhões por ano.

Na decisão, o juiz estipulou prazo de 90 dias para a interrupção do uso atual. Também condenou o clube a pagar indenização mensal de R$ 1 milhão até a entrega da área, considerando um período retroativo a partir de maio de 2012.

A diretoria executiva do Círculo Militar diz que o clube contratou dois escritórios de advocacia para tratar da questão e que aguarda o esclarecimento de alguns aspectos da sentença para entrar com recurso. "Com a confiança na legitimidade da concessão feita e nas contrapartidas que o Clube presta à sociedade, temos convicção que venceremos mais esse obstáculo", informou nas redes sociais.

Já a prefeitura diz que a permissão de uso foi conferida mediante diversas contrapartidas sociais. O Círculo Militar surgiu em 1947. Atualmente, a entidade conta com 15.519 associados, sendo 13.419 da categoria civil (86,5%) e 2.100 da categoria militar (13,5%).

Stefhanie Piovezan

A festa dos pássaros

Haveremos de aprender com as outras espécies. Saberemos tirar proveito do estar junto com o outro

Maria Homem

Psicanalista e ensaísta, com pós-graduação pela Universidade de Paris 8 e FFLCH/USP. Autora de "Lupa da alma" e "Coisa de menina?"

Eu pretendia escrever uma coluna sobre a importância de se deparar com o que não queremos ver que existe, sobre o que não gostamos de ver no mundo e na gente mesmo. O título seria algo como Elogio do retorno do recalcado. Pois é fundamental entrar em contato com tudo o que de fato existe em nós, como pessoa, como país, como espécie. Mais eficaz que ficar uns séculos acreditando em alegria ou malandragem marota do bem. Chega um dia em que Narciso se depara com violência, racismo, escrotice e crime. E que bom. Pois melhor ver e tratar que fingir mais meio milênio.

É assim que se pode avançar numa real análise, seja ela individual ou de coletivos. Então mais produtivo tomar o tal remédio amargo da realidade. O autoengano, além de chato, dá muito mais trabalho. Ainda farei uma defesa melhor dessa tese. Contra devolver o mais rápido possível os ratos aos porões, pois lá eles se multiplicam. Melhor lançá-los à luz das arqueologias e dos pátios das prisões.

Mas estava triste com mais uma vez voltar nessa temática sombria.

Então surgiu outra ideia, mais leve. O título seria Agosto ou contagem regressiva. Para dizer que a contagem que regride a um ponto final alivia a ansiedade da espera sem fim. A angústia é túnel sem luz. É a noite em que a ampulheta não escoa e o relógio parece estar emperrado, como em Psicose 4.48, a última e soturna peça da dramaturga inglesa Sarah Kane: Às 4:48 / quando o desespero me visitar / enforco-me. Se conseguimos inventar um ponto qualquer que possa fazer função da crucial luz no fim do túnel, damos um contorno para o monstro. E assim ele míngua, ao menos um pouco. O dia nasce, a quarentena termina, as quatro estações do ano se sobrepõem.

Como quando estamos naquele caldo ao mesmo tempo feliz e enlouquecido do puerpério e a mais sábia amiga, mãe, samba, cartomante diz: repete o mantra, Vai passar. Ou seja, fechamos a Gestalt, encontramos um contorno para o precipício. E assim, sabemos o que fazer. Tomar um banho, sacudir a poeira, assinar manifesto, produzir o melhor voto possível para o futuro e sair pra rua. De peito aberto e cara limpa (e algum cuidado com os tiros). Afinal, agora só faltam 60 dias para o inominável estar na mira.

Mas eu continuava macambúzia com de novo ter que escrever sobre o imenso custo psíquico que é ficar elaborando on and on a densa massa do vivido brasil, passando ou não fome, passando ou não ódio.

Voltava do último suspiro das férias, atarantada com a coluna que não chegava na minha mente, com o duro livro de lindo título ("O Intérprete de Borboletas") sobre o qual teria que falar, com o horário de um encontro potencial desencontro e eis que, distraída num café para aguentar a viagem, dezenas de pássaros começaram a chegar. Centenas. Não paravam de vir, de todos os lados do céu. E de repente tinham ocupado todas as árvores diante do lago, com suas manchas brancas e pretas. Eram as garças. Mergulhões. Outros que nem sei. E falavam sem parar, como que contentes daquela festa no final do dia. Poder trocar as impressões, passar as informações mais importantes, quem sabe traçar um plano para se defender das outras espécies que invadiam a área ou quem sabe, melhor hipótese, dar uma relaxada e cortejar um parceiro interessante.

Sei que nesse momento compreendi: haveremos de aprender com as outras espécies. Saberemos entrar em uma frequência de relação com o outro igual a nós em que operaremos mais na vida que na morte. Na qual tiraremos proveito do estar junto.

Os pássaros vinham de todos os lugares e se aninhavam nas árvores ao redor do lago para, em companhia e protegendo-se uns aos outros, poder se desarmar, fechar os olhos e sonhar.

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Maria Homem | **TER. Vera Iaconelli** | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Russell recebe de Barack Obama a Medalha da Liberdade, em 2010 Jim Watson/AFP

Bill Russell, atleta mais vitorioso da história da NBA, morre aos 88 anos

Craque ergueu o troféu da liga norte-americana de basquete 11 vezes e se destacou também fora das quadras, na luta pelos direitos civis

SÃO PAULO Bill Russell, 88, atleta mais vitorioso da história da NBA, morreu neste domingo (31). Sua morte foi anunciada por meio de uma publicação de sua família no Twitter.

Russell é um dos maiores ídolos da história do Boston Celtics. Em 13 temporadas disputadas pela equipe, chegou a 12 finais da NBA e venceu 11. Oito dessas conquistas foram consecutivas, entre 1959 e 1966. Ele jamais jogou por outra franquia da NBA.

Russell também foi eleito o MVP ("Most Valuable Player") da NBA—prêmio dado ao melhor jogador da temporada—em cinco oportunidades.

Ele ainda se tornou o primeiro negro a comandar uma equipe de basquete profissional na história dos Estados Unidos. Foi técnico do próprio Boston Celtics, do Seattle Supersonics e do Sacramento Kings.

De acordo com o comunicado de sua família, o ex-jogador morreu em paz, ao lado de sua esposa, Jeaninne.

Russell também foi um ativista. Em 1961, quando ainda jogava, chegou a boicotar uma partida para protestar contra "a discriminação tolerada por tempo demais". Em 2010, recebeu a Medalha Presidencial da Liberdade.

Barack Obama, que lhe entregou a medalha quando era o presidente norte-americano, lamentou sua morte. Afirmou que Bill foi o maior campeão da história do basquete e que, fora das quadras, foi um pioneiro na luta pelos direitos civis, citando seu apoio a Martin Luther King e Muhammad Ali.

Quando Donald Trump, em 2017, criticou os jogadores de futebol americano que se ajoelhavam antes da partida como forma de protesto, Russell publicou uma foto dele mesmo ajoelhado, com a medalha dada por Obama no peito.

A NBA também se manifestou sobre a morte do ex-atleta. Adam Silver, comissário da associação, afirmou que Bill "representou algo muito maior do que os esportes: os valores de igualdade, respeito e inclusão que ele estampou no DNA de nossa liga". Segundo ele, a influência de Bill será sentida para sempre.

UMA LENDA DO BASQUETE

11 títulos da NBA ganhou Bill Russell

2 desses títulos foram na condição de técnico-jogador dos Celtics

5 prêmios de melhor da liga levou o pivô do Boston

ESPORTE AO VIVO | 19h Minas x Corinthians Liga Nacional de Futsal, NSPORTS | 20h Santos x Fluminense Brasileiro, SPORTV/PREMIERE | 21h Red Sox x Astros MLB (beisebol), ESPN 2/STAR+

Dona da América, seleção tenta ir além do continente

Campeã sem levar gol, equipe de Pia trabalha para encarar rivais mais fortes

Marcos Guedes

SÃO PAULO Foi com 20 gols marcados e nenhum sofrido que o Brasil conquistou a Copa América feminina. Dificuldade mesmo houve apenas na final, na noite de sábado (30), diante da anfitriã Colômbia.

O equilíbrio na decisão foi mais fruto do nervosismo das visitantes diante de um estádio cheio, em Bucamaranga, do que propriamente de uma paridade técnica entre as equipes. Debinha sofreu e cobrou o pênalti que definiu o triunfo verde-amarelo por 1 a 0.

Foi uma campanha sólida no primeiro desafio sem Formiga, 44, aposentada, e Marta, 36, em recuperação de lesão séria no joelho. Como obviamente atestam os números, a defesa se mostrou confiável ao longo de todo o torneio.

"Foi impressionante não sofrer gols", afirmou a técnica Pia Sundhage. "Cada tirada de bola é um gol que não entra. Então, isso tem que ser comemorado", disse Antônia, 28, que se firmou na lateral direita e vibrou muito com seus desarmes contra as colombianas.

O título foi celebrado efusivamente no estádio Alfonso López. Segundo a lateral esquerda Tamires, o lema do time na competição foi "não tomar nada como garantido", motivo pelo qual o torneio, mesmo de menor importância em relação aos que virão, foi bastante valorizado.

As jogadoras não deixaram de lamentar, no entanto, as arquibancadas vazias na maior parte do campeonato, pouco divulgado na Colômbia. A final teve casa cheia, com cerca de 28 mil espectadores, mas a média de público do certame foi de 6.889 pessoas por jogo.

Há um contraste evidente com a Eurocopa feminina, decidida no domingo (31). A vitória por 2 a 1 da Inglaterra sobre a Alemanha foi acompanhada por 87.192 torcedores em Wembley. É o recorde da Euro, incluídas nas contas as partidas masculinas do tradicional torneio.

Também é inegável a diferença geral na qualidade técnica exibida nos gramados europeus. Se serviram para alimentar a confiança das jogadoras, vitórias como a sobre o Peru, por 6 a 0, não foram exatamente um teste para os confrontos duros no horizonte da seleção brasileira.

O próximo desafio mais complicado para a equipe verde-amarela está marcado para 2023, entre julho e agosto. Na Copa do Mundo da Oceania, Pia Sundhage conta com a evolução de jovens que se apresentaram bem na Copa América, como Duda Sampaio, 21, e a estabilidade das mais experientes, como Tamires, 34. A ideia da treinadora sueca é também voltar a ter no grupo a craque Marta.

> O patamar de uma Olimpíada, de um Mundial, é muito mais alto, mas temos condição de estar em lugares mais altos
>
> **Tamires, lateral da seleção**

Além dos ajustes táticos, Pia tem como preocupação ver suas atletas mais calmas. Há três anos à frente do time, ela ainda se surpreende com o estado emocional oscilante de suas comandadas.

"As jogadoras brasileiras jogam muito com emoção, especialmente as mais jovens. Se a emoção sobe em um bom sentido, isso é fantástico. Mas, se a emoção mostra que o time está ficando para baixo, é preciso buscar a concentração na parte tática. Para isso, a gente precisa ter jogadoras mais experientes e se acostumar a ter grandes adversários", declarou a treinadora.

Se não houve grandes rivais na Copa América, eles estarão à espera na Copa do Mundo —e nos Jogos Olímpicos de 2024, em Paris.

Até lá, Pia torce pela recuperação plena da meio-campista Angelina, 22, que vinha jogando bem. Na final, ela sofreu uma ruptura do ligamento cruzado anterior e do menisco lateral do joelho direito.

360 graus de emoções

Alvinegros, alviverdes e rubro-negros, preparem-se: vêm aí os primeiros 180º

Juca Kfouri

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Os reservas do Flamengo golearam o Atlético Goianiense, que venceu o Corinthians, que ganhou dos reservas do Flamengo. De onde se pode concluir... nada!

Porque os reservas do Flamengo passearam no Maracanã lotado, o Corinthians perdeu do Atlético em Goiânia e venceu os rubro-negros cariocas em Itaquera tomada.

Nesta terça-feira (2), o estádio alvinegro voltará a receber a Fiel em peso, e no gramado os donos da casa enfrentarão o Flamengo com o que tem de melhor.

E o que o time da Gávea tem de melhor é tão superior que a Fiel terá de jogar como nunca, ou como sempre tem jogado —a ponto de o Corinthians estar invicto em casa no Campeonato Brasileiro, único mandante sem derrota.

Aliás, a última vez em que o Timão perdeu em Itaquera pelo Brasileiro foi há um ano, no dia 1º de agosto, e exatamente para o Flamengo, por 3 a 1. De lá para cá, foram 22 jogos, 16 vitórias e seis empates. Neste ano, dez vitórias e três empates.

O detalhe está em que o jogo agora será pela Libertadores.

A Libertadores, sabem a rara leitora e o raro leitor, é diferente. Tanto que, em 2010, o Corinthians, com a melhor campanha no torneio, enfrentou o Flamengo, com a pior campanha entre os classificados, pelas oitavas de final, e acabou eliminado no Pacaembu, mesmo ao vencer por 2 a 1, porque derrotado no jogo de ida por 1 a 0, em noite de tempestade no Maracanã.

Em resumo: mais do que no gigante Cássio, a aposta corintiana está em Itaquera, onde alguma coisa acontece para que resultados tão positivos sejam alcançados.

O crítico sensato dirá que simplesmente manter a invencibilidade já será algo valioso, mas a hora é de ambição, não de sensatez.

Nem mesmo o 4 a 1 do Flamengo sobre os goianos pode significar muito para animar o Corinthians quando enfrentar o Atlético pela Copa do Brasil em desvantagem de 2 a 0.

Porque números, história, tradição, valem muito para contar o passado, quase nada para antecipar o futuro, mesmo que o presente revele o esquadrão carioca repleto de jogadores decisivos, embora cinco pontos atrás do rival na competição nacional.

Entre Palmeiras e Atlético Mineiro a história é outra, porque recente.

Pouco importa o fato de o alviverde ter vencido 39 vezes, perdido 29 e empatado 20 em 88 jogos.

O que estará em disputa nesta quarta-feira (3) é a revanche da semifinal da Libertadores do ano passado, quando Hulk perdeu pênalti no 0 a 0 na casa verde, e o empate por 1 a 1 eliminou, invicto, o Galo no Mineirão.

Então, o Galo era melhor, e hoje o Palmeiras é que é.

A maior aposta mineira está na volta de Cuca, o treinador que deve desculpas à sociedade, e, é claro, no Mineirão.

Só que, além de estar melhor, mais seguro e consistente, o Palmeiras é também o melhor visitante da Libertadores, há 19 jogos invicto, com 14 vitórias. A última derrota fora de casa aconteceu em abril de 2019, para o San Lorenzo.

Dizer que o alviverde é favorito como o Flamengo será exagero, embora pareça claro que o Galo olhe para o Periquito com certa inferioridade.

Enfim, serão só os primeiros 180 minutos de dois jogos que terminarão no Maracanã, no dia 9 de agosto, e na casa verde, um dia depois.

Quem vencer terá semifinais menos difíceis, contra Vélez Sarsfield ou Talleres, no caso de Corinthians e Flamengo, e contra Athletico Paranaense ou Estudiantes, no entre Galo e Verdão.

Haja!

DOM. Juca Kfouri, Tostão | **SEG. Juca Kfouri, PVC** | TER. Casagrande, Renata Mendonça | QUA. Tostão | QUI. Juca Kfouri | SEX. PVC, Sandro Macedo | SÁB. Casagrande, Marina Izidro

PRANCHETA DO PVC

Paulo Vinicius Coelho

pranchetadopvc@gmail.com

O ataque contra a estratégia será o duelo em Itaquera

É impossível não pensar no Flamengo mais forte do que o Corinthians antes do início do duelo das quartas de final da Libertadores.

Com Dorival Júnior, o Flamengo disputou 15 partidas, marcou 31 gols e sofreu 12. O Corinthians é de outra família. A torcida aceita a equipe competitiva, mesmo sem brilho, e gritará Curintia do primeiro ao último minuto.

Dir-se-á a Gabigol: "Bem-vindo ao paraíso". O céu do futebol é o estádio lotado, não é o inferno. Com Vítor Pereira, o Corinthians tem menos vitórias do que a soma de empates e derrotas, mas está invicto em Itaquera e não sofre gols em casa há sete partidas.

O Flamengo é avassalador no ataque, o Corinthians, seguro na defesa.

Até jogadores corintianos manifestam seu espanto com Vítor Pereira. Chegou pregando pressão para recuperar a bola, habitar o campo de ataque e, na contramão, pede sempre a presença de um ponta completando linha de cinco na defesa. O Corinthians joga no 4-3-3, quando pode. Quando não dá, 5-4-1 neles.

Como Vítor Pereira não é Felipão, ninguém dirá que inventou a retranca. É possível que o treinador plante seu time defensivamente.

Será um jogo, não filosofia para o resto a vida.

Não será um ataque x defesa, mas pode apostar que haverá momentos de o Corinthians se proteger de um ataque avassalador.

Atenção ao centroavante, esta função tão desaparecida, em alta performance, dos campos do Brasil. Pedro marcou nove vezes e deu cinco passes com Dorival Júnior. Participou de 14 (45%) dos golss com o novo técnico.

Yuri Alberto jogou quatro vezes e ainda não fez gols nem deu passe decisivo.

É provável que Vítor Pereira escale Piton pela esquerda, para marcar Rodinei, Willian pela direita, para atacar Filipe Luís. O Flamengo atacará. O Corinthians tentará ser estrategista. O rubro-negro é favorito. O jogo será decidido em campo.

Estratégia para vencer rivais mais fortes faz bem a quem deseja entender o funcionamento do jogo, tanto quanto atacar faz bem aos olhos de quem ama futebol.

Piton **híbrido de lateral e ponta**

Flamengo com **losango no meio**

O INVENTOR DA RETRANCA

Se Felipão inventou a retranca, como se fez parecer depois do jogo contra o Flamengo, deve ter desinventado no domingo (31). O Athletico castigou o São Paulo, com menos posse de bola, mas sete desarmes no campo de ataque. Tem gente boa jogando assim na Europa.

É LOGO ALI | **Luiza Pastor**
folha.com/elogoali

Os bilhões que o ecoturismo do Brasil não sabe ganhar

Se alguém perguntar quantos parques nacionais há hoje no Brasil, dificilmente o interlocutor vai responder o número certo: 74. E nem vale a pena especular quantos o cidadão citará nominalmente, muito menos localizar. O desconhecimento do Brasil pelos brasileiros é um triste fato e as incursões por áreas de preservação e mata, ainda limitadas a um punhado de aventureiros ou a locais muito específicos.

Talvez os cariocas mencionem o menor parque nacional do país, lá em sua vizinhança —o da Tijuca, com pouco menos de 40 quilômetros quadrados. Mas vai ser difícil alguém mencionar o maior de todos, o PN Montanhas do Tumucumaque, que com mais de 1 milhão de quilômetros quadrados, ocupa mais de 26% da área do Amapá. Já os leitores deste blog certamente lembrarão do primeiro PN do país, o de Itatiaia, criado em 1937. Talvez até citem o primeiro concedido à iniciativa privada, o de Foz de Iguaçu, com suas cataratas.

O maior problema dos parques (e aí se incluem nacionais, estaduais e municipais) brasileiros tem sido, historicamente, falta de fiscalização e proteção efetiva, além da falta de oferta de infraestrutura para receber visitantes, como banheiros, sinalização de trilhas e áreas para camping. E não custa lembrar da briga interminável entre preservacionistas e conservacionistas, turmas que não se bicam. Os primeiros defendem que parques devem ser santuários que mantenham o ser humano longe de seus limites, torcendo o nariz para qualquer aproveitamento turístico. Os segundos acreditam que uso sustentável é possível e desejável, integrando visitantes e pesquisadores ao meio ambiente por meio de atividades controladas e bem definidas.

"O problema dos preservacionistas mais xiitas é que o tal ser humano acaba entrando extraoficialmente na área que deveria ser preservada, com extração ilegal de palmito, madeira, garimpo e outras atividades, sem qualquer controle", diz Fernando Pieroni, diretor-presidente do Instituto Semeia, organização sem fins lucrativos que nasceu do sonho do cofundador da Natura Pedro Passos e desde 2011 é um dos maiores incentivadores da exploração sustentável das áreas preservadas.

Fernando Pieroni, diretor-presidente do Semeia Divulgação

É do Semeia um estudo que apontou para quanto o país perde ao não explorar de modo sustentável seu imenso ativo ambiental. Em parceria com o BCG (Boston Consulting Group", o estudo "Parques como vetores de desenvolvimento para o Brasil: Ecoturismo e potencial econômico do patrimônio natural brasileiro" apontou que essas unidades poderiam receber até 56 milhões de visitantes por ano, quatro vezes mais que o total recebido em 2019, último ano antes da pandemia.

Isso poderia representar impacto no PIB de R$ 44 bilhões —em 2019, respondeu por algo entre R$ 8 bilhões e R$ 10 bilhões. Os estimados 209 mil empregos do segmento naquele ano poderiam ir a 978 mil.

Além da pendenga entre as duas visões distintas, Pieroni diz que falta no país cultura de investimento em parcerias privadas e concessões para esse segmento. E é aí que busca entrar o Semeia, que busca os melhores modelos de gestão para cada região e bioma.

"Não adianta só dizer aos grandes investidores, acostumados a projetos bilionários como estradas, hidrelétricas e infraestrutura em geral, que é um bom negócio entrar numa concessão ou PPP (parceria público-privada) que lida com cifras só de milhões", conta ele. A falta de operadores nesse segmento levou o Semeia a organizar road shows para divulgar o potencial do negócio e a importância de conversar com as comunidades do entorno das unidades. "Atrair novos players para essa área é uma forma de evitar editais de concessão viciados, que acabam direcionados a dois ou três grupos, sempre os mesmos", acrescenta.

Entre esses novos atores que o Semeia busca motivar estão todos aqueles que lidam com concessões e operações nas quais há grande circulação de pessoas, onde é necessário assegurar segurança, atendimento, informação e controle de multidões. Aeroportos, terminais rodoviários são alguns exemplos. "Se eles já têm essa experiência, por que não atraí-los para algo novo?", pergunta ele.

PANDA COMEMORA ANIVERSÁRIO E GANHA BRINQUEDOS DOS FUNCIONÁRIOS E DO PÚBLICO
O panda gigante Ding Ding brinca com presentes que ganhou por seus 5 anos de idade, completados neste domingo (31) no zoológico de Moscou Meng Jing/Xinhua

VOCÊ VIU?

A mulher detida em Portugal por racismo contra os filhos do casal Giovanna Ewbank, 35, e Bruno Gagliasso, 40, estava alcoolizada e foi liberada, segundo o jornal português Público.

A Divisão de Comunicação e Relações Públicas da GNR (Guarda Nacional Republicana) confirmou que testemunhas presenciaram os insultos denunciados pelos atores.

A família estava de férias na região da Costa da Caparica, em Portugal. O caso aconteceu no restaurante Clássico Beach Club, no sábado, 30.

Em um comunicado, a assessoria do casal confirmou as agressões racistas e disse que a mulher ofendeu não só as crianças da família, mas também um grupo de turistas angolanos que passeava no local. Giovanna e Bruno devem prestar queixa formal na delegacia portuguesa.

Nas redes sociais, circulou um vídeo em que a mãe das crianças aparece ofendendo a mulher sentada, em defesa dos filhos Títi, 9, e Bless, 7, os dois nasceram no Malawi.

"Olha para a sua cara, que pena de você, dá pena. Você é uma nojenta. Você merece sabe o quê? Você merece um soco, uma porrada na sua cara. Isso que você merece", diz Giovana no vídeo.

Com a divulgação do vídeo, outros artistas brasileiros saíram em defesa do casal de atores.

MENSAGEIRO SIDERAL | **Salvador Nogueira**
folha.com/mensageirosideral

Grupo acha buraco negro criado por supernova que deu chabu

Um grupo internacional de astrônomos com participação brasileira encontrou um astro binário com uma configuração há muito buscada, mas até agora jamais confirmadamente observado: uma estrela de alta massa, dentre as maiores que se vê por aí, acompanhada por um buraco negro que, apesar da proximidade, não está roubando matéria de sua companheira.

Para compor a bizarrice, o buraco negro do sistema parece ser fruto de uma supernova que deu chabu —não detonou com a força que normalmente teria.

Vamos desempacotar a história, a começar pelo que já é amplamente sabido: estrelas de alta massa não só costumam vir em pares, como terminam suas vidas em colapso, depois que seu núcleo esgota a capacidade de produzir energia. Quanto mais massa tem uma estrela, mais depressa isso ocorre.

Encontrar pares em que uma das estrelas de alta massa, por ser maior, já virou buraco negro, enquanto a outra ainda não, é relativamente simples —mas só quando o buraco negro está devorando sua vizinha, caso em que o processo emite copiosas doses de raios X.

O problema é que, ao mesmo tempo em que isso acontece, a órbita de um astro ao redor de outro é circularizada por efeito de maré, apagando os sinais deixados pela detonação e morte da estrela que originou o buraco negro (espera-se que essas explosões violentas não sejam perfeitamente simétricas, dando um "chute" no astro que seria identificável a partir de sua órbita).

É aqui que entra o novo achado, localizado na Nebulosa da Tarântula, na Grande Nuvem de Magalhães, e identificado com base em seis anos de observações feitas com o VLT (Very Large Telescope), do ESO (Observatório Europeu do Sul), no Chile. É uma binária em que uma das estrelas (que antes era a maior das duas) já virou buraco negro (e agora só tem cerca de 9 massas solares) e a outra não (com 25 massas solares). Não há sinal na órbita que indique que houve um "chute" significativo, o que faz os astrônomos suporem que o colapso em buraco negro não veio com uma potente explosão de supernova —no máximo, uma que deu chabu.

Explica Leonardo Almeida, astrônomo da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) e um dos autores do trabalho, publicado na Nature Astronomy: "Por fazer parte de um sistema binário, a matéria que seria ejetada na supernova acabou sendo transferida para a secundária. Esse processo deixa o núcleo de ferro da estrela doadora praticamente nu e, portanto, o colapso pode não ser sucedido por explosão de supernova com grande quantidade de matéria."

O encontro desse par inédito pode jogar luz sobre diversos problemas da astronomia, como a natureza dos vários tipos de supernova e a frequência de fusões de buracos negros estelares de alta massa que vêm sendo detectados por ondas gravitacionais. Fora o que é legal por simplesmente mexer com a nossa imaginação, ao ajudar a recontar a história de vida de astros muito diferentes do nosso modesto Sol.

ACERVO FOLHA

Há 100 anos
1º.agosto.1922

Aviadora constrói aeródromo no bairro do Ipiranga

A destemida aviadora brasileira Thereza de Marzo informou à **Folha** que pretende, dentro de um mês, realizar a inauguração do aeródromo que mandou construir no bairro do Ipiranga, na Rua Silva Bueno, em São Paulo.

O local que foi escolhido pela aviadora é um dos melhores existentes na cidade, sendo muito apropriado para as decolagens e aterrissagens.

A escola de aviação, dirigida pela própria Thereza de Marzo, começará a funcionar a partir do dia 15 de agosto, aceitando mulheres e homens como alunos.

O novo aeródromo no Ipiranga deve receber a denominação de "São Paulo".

Folha da Noite

COMPARAÇÕES

Pela Sociedade

O serviço postal

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

FOLHA DE S.PAULO
SEGUNDA-FEIRA, 1º DE AGOSTO DE 2022 C1

Memórias do cárcere

Em livro proibido pela Justiça, Guilherme de Pádua conta versão dele sobre morte de Daniella Perez

A atriz Daniella Perez no Rio, em setembro de 1992 Antônio Batalha/Folhapress

Guilherme Genestreti

SÃO PAULO Em meados dos anos 1990, enquanto aguardava o julgamento pelo assassinato da atriz Daniella Perez, Guilherme de Pádua se pôs a escrever a sua versão sobre os fatos. Os escritos, que ele batizou de "A História que o Brasil Desconhece", acabaram publicados em livro pela editora mineira O Escriba em 1995, mas a Justiça proibiu a circulação da obra naquele mesmo ano.

Alguns dos detalhes do que escreveu, negados pela família da atriz, são mencionados em "Pacto Brutal", série sobre o crime que estreou neste mês na HBO Max e que lembra como, em dezembro de 1992, o corpo de Daniella Perez foi encontrado, com 18 perfurações, num terreno baldio na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro.

O seriado conta com longo depoimento de Gloria Perez, autora da novela "De Corpo e Alma", em que tanto a sua filha quanto o condenado pelo assassinato dela atuavam. A narrativa da produção do streaming apresenta a versão que ficou consagrada no julgamento, ocorrido em 1997.

Já o livro de Guilherme de Pádua traz outra versão. Embora a obra esteja censurada, a reportagem encontrou ao menos um exemplar dela à venda por R$ 80 num sebo virtual.

Esse "romance autobiográfico", como De Pádua o descreve, defende a tese que ele e Daniella Perez tiveram um breve relacionamento extraconjugal enquanto faziam papel de um casal no enredo da novela "De Corpo e Alma". Gloria Perez nega que o relacionamento entre eles tenha ocorrido na vida real. O autor também afirma que foi Paula Thomaz, sua mulher à época, quem cometeu o assassinato da vítima, motivada por ciúmes do marido.

Paula Thomaz, vale dizer, nega que tenha estado na cena do crime, pelo qual foi condenada a 18 anos e seis meses de prisão. Além do relato de Gloria Perez sobre a inexistência de um relacionamento amoroso na vida real entre sua filha e Guilherme de Pádua, diversos atores da Globo que dão entrevistas na série "Pacto Brutal" refutam a ideia de que a a atriz teria tido qualquer envolvimento com o seu então colega de elenco.

Ao longo das 269 páginas, Guilherme de Pádua tece comentários sobre os bastidores da Globo, que chamou de "covil dos deuses" —procurada, a emissora não comentou os ataques do ator. Ele ainda lança farpas sobre os antigos colegas e comenta o sistema carcerário fluminense com clima de denúncia, convocando o leitor a ser um "jurado anônimo" do seu relato.

Os eventos são narrados em terceira pessoa e trazem diálogos extensos, "com o propósito de tornar a narrativa mais atraente do ponto de vista literário", segundo diz a introdução, na qual De Pádua pede desculpas de antemão se alguns dos fatos são romanceados, "pois a memória foi o único recurso usado para escrevê-los".

O autor de "A História que o Brasil Desconhece" descreve a si próprio como ator em ascensão, além de marido fiel.

Continua na pág. C2

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

Renata Monteiro/Divulgação

A banda Francisco, el Hombre vai lançar na próxima quinta-feira (4) o single "Arranca a Cabeça do Rei". "Essa música fala de uma das maiores utopias que a gente defende. É um sonho anárquico", afirma Sebastianismos, que forma o conjunto ao lado de Lazúli, Mateo Piracés-Ugarte, Helena Papini e Andrei Kozyreff. A faixa incorpora uma mistura de gêneros musicais como o ska e o rock, e faz referência à banda espanhola Ska-P. "Em momentos de opressão contra o povo, é preciso de união para dar um fim nisso. Toda figura autoritária eventualmente pode ocupar uma posição de opressão também. Seja um rei, imperador ou presidente", segue Sebastianismos

VERDE, CONFIRMA

Um evento que será realizado na próxima semana com magistrados de Tribunais Regionais Eleitorais, um ex-ministro do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e advogados eleitoralistas deve reafirmar o apoio à democracia e ao sistema eleitoral, fazendo um novo contraponto à retórica estimulada pelo presidente Jair Bolsonaro (PL).

EM TELA Sediado na Cinemateca Brasileira, em São Paulo, o encontro ocorrerá na próxima quarta-feira (3), às vésperas da leitura da "Carta às brasileiras e aos brasileiros em defesa do Estado democrático de Direito" —este último evento, marcado para o dia 11 de agosto. Na ocasião, será lançado o projeto documental "Memória do Direito Eleitoral Brasileiro: História Audiovisual".

EU VOU Estarão presentes o presidente do Tribunal Regional Eleitoral (TRE) de São Paulo, Paulo Sérgio Brant de Carvalho Galizia, o desembargador e ex-presidente da corte Waldir Sebastião de Nuevo Campos e o ex-ministro do TSE José Eduardo Alckmin.

RSVP Juízes e desembargadores de São Paulo e do Rio Grande do Sul e membros do Ministério Público Eleitoral também foram convidados para a estreia na Cinemateca.

TRAJETÓRIA Organizado pela Academia Brasileira de Direito Eleitoral e Político (Abradep), o projeto documental reúne entrevistas feitas com personagens considerados emblemáticos para a história da Justiça Eleitoral brasileira.

EU ESTAVA LÁ Um deles é o advogado Arnaldo Malheiros, que trabalhou para restituir os direitos políticos de Fernando Henrique Cardoso após a ditadura militar (1964-1985).

POSTERIDADE "A evolução da democracia tem que ser registrada e festejada", afirma o advogado Francisco Octavio de Almeida Prado Filho, um dos coordenadores da produção.

COINCIDÊNCIAS De acordo com Prado Filho, o projeto teve início em 2019 e não foi pensado como uma resposta aos ataques recentes feitos às urnas. "Mas calhou de ser lançado nesse momento. É um gesto de apoio às nossas instituições", afirma ele à coluna.

OUSADIA E... No especial que a Globo prepara para celebrar os 20 anos de carreira de Thiaguinho, o músico e a sua mãe, Glória Maria, dividem o palco e cantam a música "Fascinação", sucesso na voz de Elis Regina (1945-1982). O momento emocionou as pessoas presentes na gravação do programa, que ocorreu no dia 19 de julho, no Expo Center Norte, em São Paulo.

...ALEGRIA A atração vai ao ar no próximo dia 10 de agosto, depois de "Pantanal". "Som Brasil Apresenta: Meu Nome é Thiago André" tem produção da equipe do Conversa com Bial. É, inclusive, o apresentador Pedro Bial quem conduz as entrevistas com o cantor que permeiam todo o especial.

AUTÊNTICO "Tem toda uma originalidade no percurso dele que tornou o programa bacana e muito emocionante", afirma Bial à coluna.

GARIMPO O novo filme sobre Maria Bethânia, "Maria – Ninguém Sabe Quem Sou Eu", terá como pôster uma foto feita por um fã da artista. A imagem foi descoberta pelo diretor do longa-metragem, o jornalista Carlos Jardim, durante uma pesquisa em fã-clubes da cantora nas redes sociais.

ARQUIVO ABERTO A obra terá uma entrevista exclusiva feita com Bethânia e imagens raras obtidas por meio dos arquivos da TV Globo e da TV Bahia, afiliada da Globo. Entre os registros há trechos dos ensaios de um show que Chico Buarque e Bethânia fizeram em 1975, além do concerto "A Hora da Estrela", de 1984, inspirado na obra de Clarice Lispector. O documentário "Maria" será lançado ainda neste ano.

ESTANTE A escritora, filósofa e colunista da **Folha** Djamila Ribeiro lançará em agosto a série literária "Okun Dudu", editado pela Jandaíra dentro do selo Sueli Carneiro. A coleção, cujo nome significa "coração negro" em iorubá, será dedicada a conteúdos de religiões de matrizes africanas.

ESTREIA O primeiro volume da série será "Axé", de autoria do babalorixá Rodney William. Seu lançamento será realizado no próximo dia 26, no espaço Feminismos Plurais, em SP.

GRAVANDO O programa À Prioli, semanal de entrevistas apresentado pela advogada Gabriela Prioli na CNN Brasil, teve as gravações de sua terceira temporada iniciadas na semana passada, em Orlando, nos EUA, com a jogadora Marta. Com dez episódios inéditos, a atração vai ao ar a partir de setembro deste ano, aos sábados.

com Bianka Vieira, Karina Matias e Manoella Smith

Daniella Perez em sua última cena gravada em vida e reprisada na série 'Pacto Brutal' Divulgação

Memórias do cárcere

Continuação da pág. C1

Nas páginas iniciais, o mineiro de Belo Horizonte diz que se encontrava no auge do sucesso, aos 22 anos, tendo de conciliar a rotina de gravações no Rio de Janeiro com shows que fazia para fãs em boates concorridas de São Paulo nos fins de semana. Mas chega a dizer que o salário na TV Globo era tão ruim que ele tinha de se virar complementando os ganhos em festas das quais participava como atração.

Seus colegas, diz o hoje pastor batista, eram só elogios à sua atuação, incluindo Roberto Talma, diretor-geral da novela "De Corpo e Alma", e Gloria Perez, autora do enredo. Tanto é que, afirma no livro, o público respondia muito bem à audiência e torcia para que seu personagem, Bira, acabasse ficando junto de Yasmin, vivida por Daniella Perez.

Com Paula Thomaz, a relação era de profundo companheirismo, escreve o autor, sobretudo diante da gravidez da mulher. Os dois se chamavam por apelidos carinhosos e chegaram até a tatuar o nome um do outro na genitália. Ele teria tatuado "Paulinha" no pênis —o que mais tarde se comprovaria por perícia feita pela polícia—, e ela teria tatuado "Guilherminho" na virilha —os diminutivos eram os nomes que davam aos respectivos órgãos sexuais.

Os primeiros capítulos de "A História que o Brasil Desconhece" são voltados a defender a ideia de que Daniella Perez e Guilherme de Pádua tinham uma cumplicidade durante as gravações da novela, em grande parte decorrente do desdém mútuo que nutriam por um certo diretor da TV, ali chamado apenas de Igor, e pela ideia de que ambos "acreditavam no amor verdadeiro", ao contrário dos colegas de elenco, pintados como devassos hipócritas.

"Quando falavam de amor, comunicavam-se numa língua comum entre eles e estranha para os outros. Amar era a coisa mais importante de suas vidas", afirma no livro.

A cumplicidade no trabalho, que envolvia troca de confidências sobre os respectivos casamentos, teria evoluído, segundo ele, para trocas de beijos entre os dois, facilitadas pelo fato de que os personagens de ambos viviam um casal. Colegas de elenco até teriam tirado sarro da suposta entrega nas cenas românticas.

Ainda assim, Guilherme de Pádua se sentia culpado porque amava a mulher e o filho que esperava, diz no livro, o que o levou a passar tratar Daniella Perez com frieza.

Os pais de Guilherme de Pádua, "mineiros de caráter inabalável", não eram favoráveis a que ele trabalhasse na emissora carioca de televisão, segundo conta no livro, pois "não concordavam com alguns dos princípios que a Globo demonstra ter".

Por várias vezes, o autor chega a dizer que o canal era um "covil de deuses", no qual os atores veteranos tinham todas as regalias do mundo e no qual os emergentes puxavam o tapete um do outro. Ele insinua, por exemplo, que Fábio Assunção, que fazia o personagem que disputava com Bira o amor de Yasmin, telefonava para Gloria Perez para pedir que seu papel tivesse mais espaço na trama.

"Os atores, em geral, demonstravam falta de caráter e de princípios absurda", afirma no livro. "A carreira era mais importante que qualquer coisa. Possuir interesses profissionais era normal, ou melhor, comum em todas as profissões, mas a forma com que os atores agiram [após o crime] foi desleal."

Além disso, afirma que a "Globo exercia grande influência na opinião popular, definindo muitas vezes as decisões políticas tomadas no país", dando a entender que a emissora poderia destruir a reputação de qualquer pessoa.

Guilherme de Pádua chega a comparar o seu caso com o de Luiz Inácio Lula da Silva, que havia perdido as eleições presidenciais para Fernando Collor em 1989, como se ambos fossem vítimas de um mesmo complô que beneficiaria a corrupção do país.

"Depois do assassinato de Daniella Perez, para sorte dos corruptos do Brasil, aquele processo político [o impeachment de Collor] se extinguiu", diz. "A partir daí não se falou em outra coisa, senão no crime. Os verdadeiros criminosos puderam continuar impunes."

Ex-mulher do autor do livro, Paula Thomaz já aparece nas primeiras páginas como dada a arroubos, que zombava da colega de seu marido e que não queria de jeito nenhum que os eles se beijassem em cena. Tanto é assim, diz ele, que foi ela quem armou a emboscada que acabou no assassinato de Daniella Perez.

O livro detalha o crime em si só no 16º e último capítulo. Segundo sua versão, que não foi aceita pela Justiça ao condenar ambos os réus por homicídio qualificado, De Pádua teria dito à mulher que ele e Daniella Perez haviam marcado uma conversa num lugar afastado dos holofotes e que ele teria concordado que Paula Thomaz os seguisse em segredo, num carro de trás, após uma noite de gravação.

Eis que sua então mulher teria interrompido a conversa de ambos, e, no afã de apartar a briga entre as duas, o autor do livro teria sem querer golpeado Daniella Perez e a feito desmaiar. Quem desferiu as estocadas, diz, foi Thomaz, num ato de desespero.

"Guilherme terminou de escrever seu livro sentindo-se ainda confuso, pensando que talvez ele devesse ter morrido e não Daniella", é como ele opta por encerrar a obra. "Passaria o resto de sua vida buscando o porquê de ela ter partido e de ele ter ficado no imenso precipício que é a vida."

Carta pró-democracia é chance de consenso, defende Paulo Betti

Chapa Lula-Alckmin foi 'sacada de mestre', diz ator, que chama a fala em que relativizou o mensalão de deslize

Guilherme Genestreti

SÃO PAULO Um dos mais aguerridos nomes da esquerda da cultura, Paulo Betti diz que assinou a "Carta às brasileiras e aos brasileiros em defesa do Estado democrático de Direito" assim que topou com o documento, compartilhado entre o grupo de artistas do qual faz parte.

"Acho oportuno, porque vai coincidir com as manifestações de rua", afirma ele.

O ator, historicamente ligado ao PT, diz que tem simpatia pela "grande costura" que representa o manifesto, iniciativa que partiu de um grupo de ex-alunos da Faculdade de Direito da USP e que reúne um amplo espectro de ideologias. "Gosto dessa possibilidade de um grande consenso, dessa perspectiva de todo mundo estar atento para defender a nossa democracia."

Atenção que, no caso de Betti, se dirige a um aspecto que ele diz ser pouco citado por aí, "para além dessas falas absurdas" do presidente Jair Bolsonaro e do armamento da população, "que acontece sem qualquer controle".

"Não estão dando a devida proporção a essas motociatas, que, para mim, são uma preparação para um golpe. Em questão de minutos, esses malucos conseguem ser articulados no Brasil inteiro. E se cada um carregar outro maluco armado na garupa, imagina a confusão. Havendo um caos, isso pode ser pretexto para eles defenderem a intervenção militar."

Paulo Betti não costuma ser alheio a discutir política. O que não significa que todas as suas manifestações, em particular, tenham sido bem digeridas. Como em 2006, quando o ex-presidente Lula disputava a reeleição em meio a denúncias de corrupção afloradas pelo escândalo do mensalão. Então, o ator defendeu o Partido dos Trabalhadores e disse que não era possível fazer política "sem pôr a mão na merda".

"Aquilo foi um deslize verbal e foi descontextualizado. Foi um mal-entendido", diz hoje, 16 anos depois. "Estava me referindo à obra 'As Mãos Sujas', de Sartre", completa, citando a peça teatral que debate o dilema entre a utopia e o pragmatismo político. Ou "entre a morte pela fome e o pedágio".

"Se o preço para se tirar o Brasil da miséria era pagar uma mesada, eu conseguia deglutir a ideia da mesada."

Betti recebeu uma torrente de críticas, mas diz que houve quem o compreendesse. "Talvez se eu fosse mais neutro, eu teria chances de fazer mais 'publis'", brinca hoje. "Mas não tem jeito."

É justamente por esse pragmatismo que o ator afirma que "é ótimo" que Lula conte com Geraldo Alckmin como candidato a vice em sua chapa —naquele mesmo 2006, vale dizer, o ex-governador paulista foi o grande opositor do petista no pleito e martelou o escândalo do mensalão na campanha.

"Não podemos dar moleza. Não sou filiado ao PT, mas fui um dos primeiros a dizer que era ótimo contar com o Alckmin, que é um cara civilizado, tranquilo. Achei uma sacada de mestre do Lula."

Política que, por sinal, não dá descanso. O ator agora se prepara para o lançamento de "O Debate", que chega aos cinemas no dia 25. No enredo, ele e Débora Bloch vivem um ex-casal de jornalistas que precisam juntos editar o debate televisivo entre dois candidatos a presidente.

‘Persuasão’ adapta último livro de Jane Austen

Produção da Netflix flerta com 'Fleabag' e toma liberdades em relação à narrativa melancólica do romance póstumo

A atriz Dakota Johnson em cena do filme 'Persuasão', dirigido por Carrie Cracknell Nick Wall/Netflix/Divulgação

Nova versão fracassa como homenagem ao livro original e como obra autônoma

NÃO GOSTEI
Persuasão
★★☆☆☆
EUA, 2022. Direção: Carrie Cracknell. Com: Dakota Johnson, Cosmo Jarvis, Nikki Amuka-Bird. 10 anos. Disponível na Netflix

Fabiane Secches

Sabemos que o cinema pode se beneficiar do diálogo com outras artes, como vemos na adaptação mais recente de um dos principais romances de Jane Austen, "Emma", dirigida por Autumn de Wilde e estrelada por Anya Taylor-Joy.

Não foi o caso de "Persuasão", nova adaptação de Austen e uma produção original da Netflix. O filme, dirigido por Carrie Cracknell, com longa experiência no teatro britânico, é uma obra fraca, com decisões ruins, que se distancia muito da qualidade do material original.

Enquanto "Emma", romance anterior de Austen, é uma comédia que aposta na sátira social, "Persuasão", publicado em 1818, depois de sua morte precoce aos 41 anos, é um romance bastante melancólico, e suas protagonistas têm características bem distintas. O livro teria sido escrito quando a autora já estava em condição delicada de saúde.

Claro, ainda estamos no universo de Austen. Portanto o humor, a ironia fina que é marca de sua escrita, continua presente. Mas "Persuasão" está longe de ser uma história irreverente. A protagonista, Anne Elliot, passou os últimos oito anos sofrendo por ter feito uma escolha equivocada —órfã de mãe, filha de um pai narcisista, foi persuadida por Lady Russell, amiga que tem como figura materna, a desistir do casamento com Frederick Wentworth porque ele não era um homem rico e Anne não tinha a bênção da família.

Embora as histórias de Austen sejam, em geral, lidas como romances açucarados —entre os quais "Orgulho e Preconceito", de 1813, ocupa lugar de destaque—, a crítica acabou reconhecendo seu valor literário, identificando outros elementos fundamentais nelas, ainda escanteados.

Observadora perspicaz da vida em sociedade na transição do século 18 para o 19, ela registrou literariamente o momento histórico em que a Inglaterra via o conflito entre os valores da aristocracia e a ascensão da burguesia.

Em uma sociedade de castas, o enriquecimento legítimo se dava por herança ou pelo casamento. Por isso, Austen sempre tratou do tema também como a "transação comercial" que de fato era.

Quando Lady Russell desencoraja sua protegida Anne a seguir em frente, não estava sendo uma mulher mesquinha e preconceituosa de forma isolada: a exceção seria romper com essa regra, casando-se com um homem aquém de sua posição social e econômica.

A forma passiva com que Anne reage —foi persuadida, expressão conveniente, que de certo modo a desimplica da escolha— é um dos principais motivos pelos quais Wentworth se decepciona e desiste de lutar por ela. Então ele se retira de cena, tornando-se um marinheiro bem-sucedido, mais tarde alçado ao posto de capitão.

Retorna como homem rico e admirado, apresentando uma mobilidade social que para alguns, como o pai de Anne, ainda era malvista.

As adaptações de Austen para o cinema e para a televisão são tão numerosas e variadas que mereceriam um texto à parte. Algumas buscam recriar a atmosfera e o contexto histórico das obras literárias originais. Outras acrescentam elementos anacrônicos propositadamente, como a acertada aposta na diversidade do elenco —na esteira da série "Bridgerton"—, ou transportam o enredo para outra época.

Das mais fiéis às iconoclastas, a verdade é que Austen tem um séquito, uma legião de fãs, que vai sempre tratar a obra de partida —o texto literário original— como objeto sagrado, gabarito de aferição para avaliar a obra de chegada —a adaptação audiovisual—, não importa quantas vezes a crítica tente defender a autonomia da segunda em relação à primeira.

Ismail Xavier, um dos nossos principais críticos cinematográficos, tem um artigo preciso sobre adaptações em que diz que o texto deve ser tomado sempre como ponto de partida, e não como estação de chegada.

No caso de "Persuasão", no entanto, é inevitável pensar que o brilhantismo de Austen não está lá e que, como obra autônoma, a versão da Netflix também decepciona quem busca um bom filme, desapontando tanto leitores quanto espectadores.

Dakota Johnson tem magnetismo digno de Meg Ryan em adaptação moderninha

GOSTEI
Persuasão
★★★☆☆

Teté Ribeiro

Desde que o trailer para o filme "Persuasão", lançado este mês na Netflix, foi ao ar, no começo do ano, os fãs mais hardcore da escritora inglesa Jane Austen ficaram em choque. Primeiro, uma atriz americana, Dakota Johnson, a Anastasia de "50 Tons de Cinza", era a protagonista, apesar de a diretora e da grande maioria do elenco serem britânicos, como a autora.

Depois, a personagem principal fazia o que se chama de "quebrar a quarta parede", ou seja, falava olhando para a câmera, como quando os atores simulam uma interação com o público, como fez a atriz Phoebe Waller-Bridge na série que criou, "Fleabag".

Por fim, não havia chapéus à vista, os cabelos das mulheres apareciam soltos, o que jamais acontecia na época em que a obra de Jane Austen foi escrita e muito menos nas várias adaptações de época de seus romances para o cinema.

Os figurinos dessa versão foram de fato ultramodernizados. Não chegam a ser exatamente futuristas, mas a figurinista Marianne Agertoft se inspirou em ícones pop como as cantoras Patti Smith e Debbie Harry para fazer as roupas das mulheres, principalmente para Anne Elliot, a personagem de Johnson, que usa vestidos longos de linho monocromáticos com botinhas sujas de lama.

"Persuasão", o livro, foi o último romance escrito por Jane Austen. Provavelmente inspirado em uma história real, de um romance que teria começado em um verão na costa para onde a escritora viajava com a família todos os anos, ele tem um tom mais sombrio que as obras mais famosas da escritora.

Jane Austen não se casou, apesar de sua família ter ficado em uma situação financeira precária depois da morte de seu pai em 1805. Austen, sua mãe e sua irmã Cassandra, que também não se casou, passaram a depender da ajuda financeira dos seis irmãos para sobreviver.

A autora ficou conhecida depois de passar a assinar seus romances, mas nunca ganhou dinheiro de verdade com a literatura. Portanto, não ter se casado foi outro ato de enorme rebeldia, já que essa era a solução para a maior parte dos problemas das jovens inglesas do fim do século 18 e começo do 19.

Tudo isso para dizer que, muito provavelmente, esta adaptação de "Persuasão", pilotada pela diretora de teatro inglesa Carrie Cracknell, que toma várias liberdades em relação ao texto, ao figurino, aos personagens, à escalação da protagonista e ainda faz inserção de palavras que certamente não existiam quando o livro foi escrito —como por exemplo o adjetivo "eletrizante", que uma personagem usa para descrever um jovem que acaba de conhecer, muito antes da própria energia elétrica ter surgido—, pode ser mais fiel ao estilo de Austen que as versões de "Orgulho e Preconceito" de 2005, com Keira Knightley ou mesmo "Emma.", de 2020, com Anya Taylor-Joy, que causaram bem menos estranhamento.

Na trama deste filme, Anne Elliot é persuadida a romper um romance com o marinheiro pobretão Frederick Wentworth, interpretado por Cosmo Jarvis, por ele ser, bem, um marinheiro pobretão.

Oito anos depois, no entanto, Anne, que narra a história, continua arrasada com o fim do namoro. E sua família, que ficou pobre por culpa do pai vaidoso e perdulário, papel do incrível Richard E. Grant, de "Gosford Park", tem que abrir mão da casa em que mora e se mudar para outra, tão opulenta quanto, mas numa cidade mais barata, Bath.

A casa da família é alugada justamente pela irmã mais velha de Wentworth, que desde que se separou de Anne virou capitão, ficou rico e continua solteiro. E Anne é convencida a ficar na cidade para fazer companhia para sua irmã mais nova, Mary, papel de Mia McKenna-Bruce, uma megera hipocondríaca que odeia os filhos e sempre sara subitamente na hora em que ouve que corre o risco de ficar de fora de algum programa.

Daí para frente a história fica algo parecida com uma das melhores comédias românticas de todos os tempos —"Harry e Sally", de 1989, com Billy Crystal e Meg Ryan. E Dakota Johnson exerce o mesmo magnetismo que Meg Ryan nos anos 1980 e 1990. Essa é a grande surpresa dessa adaptação cheia de grandes surpresas. E que alívio ver uma história com começo, meio e fim que se conclui em uma hora e 47 minutos.

Morre a intérprete da Tenente Uhura em ‘Star Trek’

SÃO PAULO Morreu na noite deste sábado (30) a atriz Nichelle Nichols, aos 89 anos, de causas naturais, segundo relato de seu filho, Kyle Johnson, publicado nas redes sociais.

Nichols se tornou famosa em todo o mundo por ter vivido a Tenente Uhura, da série original de "Star Trek", de 1966. Com o papel, a atriz foi uma das primeiras mulheres negras a aparecer em uma grande série de televisão.

Nichols também protagonizou o primeiro beijo inter-racial da TV americana em uma cena com o Capitão James T. Kirk, vivido pelo ator canadense William Shatner.

O episódio só foi ao ar em 1968, um ano após a Suprema Corte dos Estados Unidos acabar com leis que impediam o casamento interracial.

Nichols iniciou a carreira no musical "Kicks and Co", de 1961. Com talento para a música, quis abandonar o elenco de 'Star Trek' para trabalhar na Broadway, mas foi dissuadida pelo amigo Martin Luther King, grande fã da série.

Maria Fernanda, atriz com 70 anos de teatro, morre

SÃO PAULO Morreu neste sábado (30) a atriz Maria Fernanda Meireles Correia Dias, aos 96 anos, em decorrência de complicações respiratórias, no Rio de Janeiro.

A informação foi confirmada por Daniel Marano, ator e professor da Casa das Artes de Laranjeiras (CAL) que passou os últimos sete anos pesquisando a obra da atriz.

Filha da poeta Cecília Meireles, Maria Fernanda teve uma carreira ligada ao palco, onde atuou por 70 anos. Ela encenou obras de grandes autores do teatro, como Shakespeare, Tchékhov, Jean Genet, Brecht e Nelson Rodrigues.

No cinema, a atriz participou de filmes na Atlântida e na Vera Cruz. Em 1979, foi Joana Angélica no filme de mesmo nome de Walter Lima Jr. e, em 1995, foi Dona Maria 1ª, a Rainha Louca, em "Carlota Joaquina, Princesa do Brazil", de Carla Camurati. Na TV, fez as novelas "Gabriela", de 1975, e "Pai Herói", de 1979.

Maria Fernanda deixa um filho, Luiz Fernando.

Lalalás depois do fim

Apenas playlists sobreviverão ao caos e à destruição do amor

Bia Braune

Jornalista e roteirista, é autora do livro 'Almanaque da TV'. Escreve para a TV Globo

Poderiam ter virado porta-copos. Ou ido parar no saco preto implacável das faxinas sentimentais — mas não. De última hora, reparei em suas meigas capinhas, daí tive clemência.

Numa delas, me reconheci na foto com flor no cabelo. Na outra, bem fã-clube adolescente, o conteúdo já se entregava pelos corações desenhados a canetinha. Perdidos na memória, porém recuperados de uma caixa na prateleira mais alta do armário, não havia dúvidas quanto à natureza daqueles objetos. Feito mensagens de alienígenas do passado, eram CDs com playlists.

Cronologicamente, não vivi as fitas cassetes gravadas do rádio, com caligrafia miúda indicando lados A e B. Meus tormentos musicais juvenis já foram mixados no tempo das baixarias virtuais. Napster, Kazaa, eMule, éramos piratas praticando a pilhagem de canções e corações, como poderia constar numa letra do Roupa Nova.

Quem não é de fazer playlists certamente já filou as alheias. Sobretudo digitalmente, conforme as plataformas de hoje permitem. Há os que criam seleções para ouvir fazendo esteira, lavando louça e passeando com cachorro. Contudo, prefiro me deter nas trilhas da sofreguidão, ao estilo da "Alta Fidelidade" do escritor Nick Hornby. "Eu ouvia música pop porque era infeliz ou era infeliz porque ouvia música pop?"

Abrir os trabalhos de uma playlist — para alguém ou com alguém — é praticar uma sutil curadoria, escancarando um diálogo que não se daria com nossas próprias palavras. E isso não sou eu quem está dizendo — é a Elis, o Jorge Drexler, o Elvis (Presley, Costello) e o R.E.M. Nosso sentimento todinho ao alcance de um clique. Compartilhável feito um link.

Algumas ficam lá, perdidas no celular de um ouvinte com pouca escuta. "Apenas uma playlist", reproduzida qui- çá uma única vez. Outras contam histórias mais longas, sendo revisitadas com uma nostalgia e uma frequência que nem sempre conseguimos admitir.

Dirigindo na estrada, ao som de Dolores Duran e Tom Jobim. Ou espichada no lado vazio do sofá, com novos hits da semana, chego à conclusão de que não importa a crença ou gosto musical: apenas playlists sobreviverão a tudo. Ao tédio. À extinção em massa das mídias. Às quintas em que não ligo para você. Ao caos e à destruição do amor.

Até porque, mesmo que a gente desista de vez, basta ouvir uns primeiros acordes pensando em outro alguém e, pronto, sai da minha frente que elas voltam a existir. Analógicas, mas já reverberando no peito. Lalalás depois do fim, para recomeçar.

Marcelo Martinez

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | **TER. Manuela Cantuária** | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Novo filme traz o ápice da saga de aristocratas britânicos

Downton Abbey 2: Uma Nova Era
Para compra ou aluguel no Amazon Prime Video, Apple TV+, Google Play, Now, Vivo Play e YouTube, 10 anos
Depois de seis temporadas, a série "Downton Abbey" ainda rendeu um longa em 2019, que encerraria a saga dos aristocráticos Crawley. Mas o sucesso foi tão grande que gerou essa continuação, centrada em duas tramas: a condessa viúva, vivida por Maggie Smith, herda uma vila no sul da França, e um filme é rodado no palácio da família na Inglaterra.

Medo
Filmicca, 14 anos
Uma professora tenta ajudar um refugiado africano e gera revolta em sua pequena cidade. Exclusivo da plataforma, o filme de Ivaylo Hristov representou a Bulgária no Oscar.

Retorno
Netflix, 16 anos
Depois de "Perdida" e "Presságio", o terceiro filme desta franquia argentina de suspense traz a ex-policial Pipa encarando um segredo do passado.

Barba, Resenha e Bigode
Canal PodPah no YouTube, 19h
O ex-atacante Fred fala sobre os novos conteúdos de suas redes sociais, que não envolvem o universo do futebol.

Quem Dá Mais?
History, 21h45, 12 anos
Estreia da 14ª temporada do reality em que compradores profissionais dão lances por lotes de mercadorias esquecidas em armazéns.

Roda Viva
Cultura, 22h, livre
Paulo Hartung, ex-governador do Espírito Santo, é entrevistado por uma bancada que inclui Angela Pinho, repórter da Folha.

Novas Séries de True Crime
A&E, a partir de 21h40, 14 anos
"Cidade Confidencial" (às 21h40), que mostra crimes que abalaram os Estados Unidos, volta ao canal com episódios inéditos. "Confissões de um Serial Killer" (às 22h30) traz revelações sobre o assassino conhecido como BTK.

Creed 2
Globo, 22h35, 12 anos
Adonis Creed, filho do rival de Rocky Balboa, enfrenta um inimigo ligado ao passado de sua família. Com Michael B. Jordan e Sylvester Stallone no elenco.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*

Daiquiri *Caco Galhardo*

Níquel Náusea *Fernando Gonsales*

A Vida Como Ela Yeah *Adão Iturrusgarai*

Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*

Viver Dói *Fabiane Langona*

Péssimas Influências *Estela May*

SUDOKU

texto.art.br/fsp

FÁCIL

6	7		8	4				
		8	3					
2	9	4			5			
7						8	5	
			1		2			
	2	5						1
			5			9	3	6
					8	4		
				1	6		2	8

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. Pequeno aro usado no dedo como adorno / A mais moderna é a biométrica **2.** (Pop.) Pessoa boba, ingênua / 550, em algarismos romanos **3.** A Sangalo cantora **4.** A atriz carioca Pitanga / As iniciais do cantor e compositor Beto, de "Feira Moderna" **5.** (Fís.) Ondas Longas / A elasticidade adquirida por um objeto, um veículo etc., por efeito de um sistema de molas **6.** (Dry) Tecido para roupas esportivas **7.** Aerolíneas Argentinas / As partes da boca onde se aplica o batom **8.** Casa de saúde **9.** Solução emoliente a que se acrescentam remédios para assimilação através da pele / Órgão apto ao voo **10.** Cinco + três / A terceira desinência verbal **11.** Um secador de roupas / Sigla de dietilamida do ácido lisérgico, poderoso alucinógeno **12.** Que se absorveu com o hálito **13.** (Inform.) Sistema operacional, atualmente pouco usado / Matéria-prima para a fabricação de cordas, esteiras e tapetes.

VERTICAIS

1. Relativo à criação de abelhas / A doença responsável pela atual pandemia **2.** Marítimo / Do AC **3.** Exame Nacional do Ensino Médio / São 26 na língua portuguesa **4.** A língua dos antigos romanos / Pomar da fruta que é usada para fazer caipirinha **5.** Um papel usado para embrulhar presentes e alimentos / (Vegas) Famosa cidade norte-americana **6.** Unidade Astronômica / Prova que pode inocentar um acusado / (Quím.) O didímio **7.** Atitude ou comportamento decente / O grupo pop rock Hermanos **8.** O que transforma Sara em Sandra / Beto Jamaica, músico baiano / (Fig.) Lugar isolado dos inconvenientes da vizinhança **9.** O estado AL / Insídia maliciosamente preparada.

HORIZONTAIS: 1. Anel, Urna. **2.** Panaca, DL. **3.** Ivete. **4.** Camila, BG. **5.** OL, Molejo. **6.** Fit. **7.** AA, Lábios. **8.** Clínica. **9.** Creme, Asa. **10.** Oito, Ir. **11.** Varal, LSD. **12.** Inalado. **13.** Dos, Sisal.
VERTICAIS: 1. Apícola, Covid. **2.** Naval, Acriano. **3.** Enem, Letras. **4.** Latim, Limoal. **5.** Celofane, Las. **6.** UA, Álibi, Di. **7.** Ética, Los. **8.** Nd, BJ, Oásis. **9.** Alagoas, Ardil.

Ricardo Cammarota

Violência entre as mulheres

Quem sempre põe em dúvida a capacidade profissional da mulher bonita é a feia

Luiz Felipe Pondé

Escritor e ensaísta, autor de 'Notas sobre a Esperança e o Desespero' e 'Política no Cotidiano'. É doutor em filosofia pela USP

Conversando recentemente numa conferência internacional com duas colegas intelectuais e acadêmicas, uma francesa e uma americana e ambas de temperamento liberal —no sentido europeu do termo—, logo, sem o ranço ressentido das feministas, acompanhei os relatos delas sobre os modos de exercício de violência e de crueldade entre mulheres, filhas ou amigas das filhas, alunas, enfim.

Esse tema, da violência e crueldade entre mulheres, é um dos temas proibidos desde que acabaram os "tempos democráticos", como diz o namorado de uma amiga minha.

Inteligentinhos dirão que se trata de sexismo, uma das palavras da moda para calar a inteligência não orgânica — isto é, uma forma de inteligência rara no pensamento público em que o intelectual não quer prestar serviço a causa nenhuma e busca unicamente tentar entender a realidade. Lutando para não perder aquilo que o filósofo Isaiah Berlin (1909-1997) chamava de "senso da realidade".

O dano que esta forma de silêncio causa é que as próprias mulheres, principalmente as mais jovens, têm sido educadas na mentira política segundo a qual a violência é um traço exclusivo dos homens. Estes são machistas, estupradores, assediadores.

Não, as mulheres são cruéis também entre elas, e principalmente, mas de forma diferente dos homens. São mais sutis, e isso torna a violência que promovem quase invisível.

Imaginemos a seguinte situação hipotética, mas que acontece todo dia. Um grupo de cinco amigas que trabalham juntas na mesma empresa ou estudam juntas na mesma faculdade, por exemplo.

Uma delas faz alguma coisa que as outras não aprovam ou da qual desconfiam. Pode ser uma relação sexual com um homem casado, pode ser uma promoção inesperada no trabalho, pode ser uma conversa desavisada com outra mulher que o grupo desgoste.

Agora imagine que por anos elas saíram juntas, viajaram com seus namorados, foram madrinhas de casamento umas das outras. Tudo postado nas redes e acompanhado pelos seguidores.

A partir do momento em que se dá o cancelamento interno da vítima no grupo, ela desaparece dos posts, fotos, stories. Enfim, some. As pessoas começam a perguntar à vítima cancelada o que está acontecendo, e isso implica um desgaste psicológico —por causa das tentativas de inventar desculpas para seu sumiço das redes das ex-amigas— e solidão. O acontecido se espalha e o estresse se instala. Isso contamina o trabalho ou os estudos.

Imagine que, por anos tendo o hábito de almoçarem juntas depois da aula ou no meio do expediente, de repente as quatro restantes saem deixando a culpada sozinha. Pessoas à volta olham sentindo a energia da exclusão. Mais estresse psicológico.

Na volta do feriadão, as quatro conversam alegremente sobre o programa feito juntas —praia, o sítio de uma delas, enfim—, deixando claro que a cancelada foi mais uma vez excluída da vida social do grupo. De repente, demonstram interesse por ela, mimetizando o passado, antes do cancelamento, para duas horas depois voltarem a deixá-la numa invisibilidade punitiva, digamos.

É evidente que a violência e crueldade aqui são de caráter prioritariamente, poderíamos resumir, psicológico, não físico, explícito, como costuma ser entre homens. A violência implícita pode levar tempo para ser percebida, ou mesmo reconhecida como tal. A dúvida com relação à permanência, ou não, do antigo laço afetivo é parte da própria violência.

Nesse sentido, apesar de as mulheres costumarem de fato ser muito menos violentas fisicamente, elas o são psicologicamente, principalmente umas com as outras.

Quando esse traço de comportamento moral é negado por razões ideológicas, aprofundamos seus efeitos difusos e aparentemente inexistentes.

Enfim, as feias odeiam as bonitas, as menos gostosas odeiam as mais gostosas e tendem —ao contrário do que afirmam as feministas— a pôr em dúvida com frequência as capacidades intelectuais e profissionais das bonitas e gostosas.

Quem sempre põe em dúvida a capacidade profissional da mulher bonita é a feia. O homem, ao contrário, presta mais atenção e acolhe com imenso prazer a inteligência de uma mulher bonita.

|SEG. Luiz Felipe Pondé |**TER. João Pereira Coutinho** |QUA. Marcelo Coelho |QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres |SEX. Djamila Ribeiro |SÁB. Mario Sergio Conti

O ex-presidente Donald Trump fala no evento 'Salve a América', de apoio a candidatos republicanos em eleições primárias no estado do Arizona Mario Tama - 22.jul.22/Getty Images/AFP

Falar em eleição roubada nos EUA é parte de mentira maior

Mitos distópicos da América republicana impulsionam violência política no país

OPINIÃO

Paul Krugman
Prêm o Nobel de Economia, é colunista do jornal The New York Times

A dessensibilização é uma coisa incrível. Neste ponto, a maioria dos observadores políticos simplesmente aceita como fato consumado que a maioria esmagadora dos republicanos acredita na Grande Mentira, de que a eleição presidencial de 2020 foi roubada —afirmação sem nada que a sustente, nem mesmo anedotas plausíveis.

O que eu acho que não é totalmente avaliado, entretanto, é que a Grande Mentira está embutida numa mentira ainda maior: a afirmação de que o Partido Democrata é controlado por esquerdistas radicais cujo objetivo é destruir os Estados Unidos da América como os conhecemos.

E, essa mentira, por sua vez, deriva muito da capacidade de persuasão de uma visão grotescamente distorcida de como é a vida na América azul, a democrata.

As elites urbanas são constantemente acusadas de não entenderem a América Real. E, para ser justo, a maioria dos moradores das grandes cidades provavelmente não tem uma boa ideia de como é a vida nas áreas rurais e cidades pequenas, embora seja duvidoso que essa lacuna justifique o imenso número de reportagens que entrevistam eleitores de Trump sentados em lanchonetes.

Mas eu argumentaria que as percepções errôneas da direita sobre a América democrata são muito mais profundas —e muito mais perigosas.

Comecemos pela política. Outro dia, Dave Weigel, do Washington Post, reportando a campanha eleitoral, observou que muitos candidatos republicanos afirmam que os democratas estão deliberadamente minando a nação e promovendo a violência contra seus adversários; alguns chegam a alegar que já estamos numa guerra civil.

Alguns (muitos?) desses candidatos vêm ganhando primárias, o que sugere que a base do Partido Republicano concorda com eles. Na verdade, eu gostaria de ver algumas pesquisas na linha daquelas que mostram que a maioria dos republicanos aceita a Grande Mentira.

Quantos republicanos acreditam que o presidente Biden e outros líderes democratas são radicais de esquerda, na verdade marxistas? Da mesma forma, gostaria de saber quantos republicanos acreditam que os manifestantes do Black Lives Matter (Vidas Negras Importam, em livre tradução) saquearam e queimaram grandes partes das principais cidades dos Estados Unidos.

A realidade é que o Partido Democrata moderno é uma coalizão moderadamente de centro-esquerda, o que os europeus chamariam de social-democratas, e relativamente conservadora. Para tomar uma medida, não consigo pensar em nenhum democrata proeminente —na verdade, nenhum congressista democrata— que tenha expressado admiração por qualquer regime autoritário estrangeiro.

Isso contrasta com a admiração generalizada dos conservadores pelo húngaro Viktor Orbán, que recentemente denunciou outros europeus por "misturar-se com não-europeus" e declarou que não quer que a Hungria se torne um país "mestiço".

Na frente da violência doméstica, um estudo da Liga Antidifamação concluiu que 75% das chacinas domésticas relacionadas a extremistas de 2012 a 2021 foram cometidas pela direita, e apenas 4% delas pela esquerda.

> [...]
> Não precisamos especular se essa fantasia distópica pode causar violência política e tentativas de derrubar a democracia. Ela já causou esse efeito. E isso muito provavelmente vai piorar

Finalmente, sobre o Black Lives Matter: os protestos foram na verdade extremamente pacíficos. Sim, houve alguns incêndios criminosos e saques, com danos totais a propriedades geralmente avaliados em US$ 1 bilhão a US$ 2 bilhões. Pode parecer muito, mas os Estados Unidos são um grande país, então o número precisa ser visto em perspectiva.

Aqui está um ponto de comparação. Em abril, Greg Abbott, governador do Texas, fez uma manobra política na fronteira com o México, impondo temporariamente verificações extras de segurança que causaram grande lentidão no tráfego, interrompendo os negócios e causando prejuízos em muitos produtos.

As perdas econômicas totais foram estimadas em cerca de US$ 4 bilhões; isto é, alguns dias de teatro de segurança na fronteira parecem ter causado mais danos econômicos do que cem dias de protestos em massa.

No entanto, apontar esses fatos provavelmente não mudará muitas mentes. Tampouco parece haver alguma maneira de mudar a percepção, também mencionada naquele artigo do Post, de que uma atitude negligente em relação ao policiamento transformou as grandes cidades dos Estados Unidos em antros perigosos.

É verdade que o crime violento aumentou durante a pandemia, mas isso ocorreu tanto nas áreas rurais quanto nas urbanas. Apesar disso, a violência em muitas cidades é muito menor do que era a pouco tempo atrás.

Na cidade de Nova York, os homicídios, neste ano, estão um pouco abaixo do nível de 2021. E, no ano passado, eles foram 78% mais baixos do que os registrados em 1990 e 25% mais baixos do que em 2001.

Como documentou Justin Fox, da agência Bloomberg, Nova York é realmente muito mais segura do que as pequenas cidades do interior americano. Los Angeles também teve em longo prazo uma grande queda dos homicídios, assim como a Califórnia de modo geral. Algumas cidades, principalmente Filadélfia e Chicago, igualaram ou superaram as taxas de homicídios do início da década de 1990, mas não são representativas do quadro mais amplo.

Mas quem na base republicana reconhecerá essa realidade? Sempre que menciono a relativa segurança de Nova York, recebo uma onda de emails dizendo: "Você não pode acreditar nisso".

O fato é que um grande segmento do eleitorado dos Estados Unidos comprou uma visão apocalíptica da América que não tem relação com a realidade do que a outra metade pensa, como se comporta ou vive. Não precisamos especular se essa fantasia distópica pode causar violência política e tentativas de derrubar a democracia. Ela já causou esse efeito. E isso muito provavelmente vai piorar.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

LEIA TAMBÉM

Móveis de moradores recém-chegados na ocupação Capadócia, na zona norte de São Paulo Lalo de Almeida - 27.jun.20/Folhapress

Como anda o desenvolvimento sustentável da sua cidade?

Índice mostra que nenhuma cidade do Brasil atinge nível muito alto no quesito

OPINIÃO

Jorge Abrahão
Coordenador geral do Instituto Cidades Sustentáveis, organização realizadora da Rede Nossa São Paulo e do Programa Cidades Sustentáveis

Foi lançada no começo de julho uma ferramenta inédita: o Índice de Desenvolvimento Sustentável das Cidades, que revela como as cidades brasileiras estão nos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU. Ela contribuirá para que as metas assumidas pelo Brasil em 2015 sejam também incorporadas pelas cidades, importantes agentes de transformação social.

O Índice traz um grave alerta: nenhuma cidade brasileira alcançou o nível muito alto de desenvolvimento. Dos 5.570 municípios, 752 estão no nível muito baixo, o que dá a medida do enorme desafio que ainda temos pela frente.

Mas ele também permite que gestores públicos, sociedade e empresas tenham uma visão geral e integrada da cidade, identificando suas virtudes e fragilidades nos ODS. Para sua elaboração foram pesquisados cem indicadores públicos que permitem saber como está a cidade em temas como saúde, educação, pobreza, equidade de gênero, clima, entre outros.

Sempre houve uma dificuldade em enxergar a cidade de maneira integrada, e este é um dos méritos do Índice, criado pelo Instituto Cidades Sustentáveis em parceria com a SDSN (Sustainable Development Solutions Network) no âmbito do projeto Citinova. O Brasil se torna o primeiro país do mundo a avaliar a evolução de todas as suas cidades nos 17 ODS da Agenda 2030.

Da análise individual surge o Ranking ODS Cidades, que aponta o nível de desenvolvimento sustentável de todas as 5.570 cidades brasileiras.

A primeira cidade no ranking é São Caetano do Sul, nota 65 de 100, com alto nível de Desenvolvimento Sustentável. Entre as capitais, São Paulo, Curitiba e Florianópolis são as mais bem colocadas.

Um mapa interativo traz a visão do país, permitindo recortes de estados, regiões e biomas, que evidenciam as flagrantes desigualdades territoriais do Brasil.

Ao analisarmos o país a partir dos seus biomas, verifica-se que nove, das dez piores cidades brasileiras, estão localizadas na Amazônia. O mapa dá uma ideia da complexidade deste bioma, que vem recebendo atenção do mundo inteiro, cada vez mais atento à importância de suas florestas e biodiversidade.

Além de contribuir com os governos locais, o Índice poderá provocar ações dos governos estaduais e federal, definindo prioridades e investimentos para as regiões mais vulneráveis e reduzindo as desigualdades territoriais.

Nas eleições que se aproximam, será papel dos candidatos incorporarem um olhar apurado para as cidades, tanto pela necessidade de um novo Pacto Federativo, com uma distribuição de recursos entre os entes da federação compatível com a responsabilidade que as cidades assumiram nos últimos anos, como para apoiar a promoção de uma melhor qualidade de vida da população.

Como anda o desenvolvimento sustentável de sua cidade? Os dados do IDSC-Br estão disponíveis em idsc.cidadessustentaveis.org.br.

[...]

Além de contribuir com os governos locais, o Índice [de Desenvolvimento Sustentável das Cidades] poderá provocar ações, definindo prioridades para as regiões mais vulneráveis

Consumidor pode pedir troca ou reparo de poste da vizinhança

COTIDIANO

Mariane Ribeiro

SÃO PAULO Postes com risco de queda podem representar um risco não só à integridade física de moradores e pedestres da região onde ele está localizado mas também a árvores, animais e bens como imóveis e carros.

Consumidores que detectarem postes com problemas estruturais e que corram risco de queda devem fazer uma solicitação de troca ou reparo ao responsável pela peça.

Nos casos dos que comportam cabos da rede de energia elétrica, cabe à concessionária de distribuição de energia resolver o problema. Quando o problema é com os de iluminação pública, a responsabilidade é da prefeitura. Mas nem sempre as solicitações são atendidas prontamente.

Guilherme Farid, diretor-executivo do Procon-SP, explica que primeiro o consumidor deve verificar quem é o responsável pelo poste com risco de queda para fazer a solicitação ao local correto.

Poste em Diadema, região do ABC, destruído por queda de árvore Robson Ventura - 2.out.18/Folhapress

"O poste de energia elétrica é um ativo de propriedade e de responsabilidade da concessionária de energia elétrica. Essa é uma determinação da Aneel. Assim, é ela quem terá que ter canais para fazer a verificação das denúncias feitas pelos consumidores", afirma.

Farid afirma que a concessionária ou a administração pública costumam providenciar uma vistoria técnica para a produção de um laudo para atestar as condições do poste e, aí então, realizar ou não os reparos ou troca do ativo.

"O laudo pode, às vezes, apontar que o poste está em perfeitas condições, ainda que não aparente, e a empresa não fazer o serviço solicitado pelo cidadão. No entanto, essa situação pode gerar um grande problema para a concessionária se, eventualmente, esse poste vir a sofrer algum sinistro, porque ela certificou que ele estava em perfeitas condições", diz Farid.

Aos consumidores que já registraram um pedido para reparo ou troca de poste por risco de queda e não receberam uma resposta, a solução é tentar resolver o problema por meio da Ouvidoria da empresa ou solicitar a ajuda do Procon do seu estado.

"Esses casos devem ser tratados como questão de prioridade. Se a situação não for resolvida, a pessoa pode registrar uma reclamação no site do Procon. Ela pode inclusive encaminhar fotos ou vídeos para que o Procon ajude a fazer a análise mais rápido. Com a denúncia, a empresa será notificada a prestar esclarecimentos sobre o caso", afirma Farid.

O prazo para resolução do problema pode variar de estado para estado e de concessionária para concessionária, porém, no geral, casos emergenciais devem ser atendidos imediatamente. Na cidade de São Paulo, por exemplo, segundo o portal 156, solicitações de reparo de poste de luz metálico têm prazo máximo para envio de posicionamento ao cidadão de 24 horas. Já serviços de manutenção emergencial deverão ser executados de imediato.

No Rio de Janeiro, o site da prefeitura aponta que reparo de poste inclinado ameaçando cair ou caído oferecendo riscos possuem prazo imediato para retirada e de até dez dias para reinstalação e normalização do ponto.

Ainda segundo o Procon, esses serviços devem ser realizados sem nenhum custo ao consumidor.

De acordo com a resolução nº 1.000/2021 da Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica), alguns casos, como o de solicitação de deslocamento ou remoção de poste, poderão ser cobrados do consumidor, exceto em casos de instalação irregular realizada pela distribuidora e de rede da distribuidora desativada.

Ilustração Catarina Pignato/Folhapress

Cuidado com as promessas de superganho em renda fixa

Nenhum lucro acima de CDI ou Selic aparece sem risco de perder o dinheiro

DE GRÃO EM GRÃO

Michael Viriato
É assessor de investimentos e sócio fundador da Casa do Investidor

Enquanto passeava pelo Instagram dia desses recebi oferta de três influenciadores prometendo ganhos de 30% a 50% em renda fixa em um ano. Quando se ouve que isto é realizado com títulos públicos, aquele sentimento de ganância sobe pela espinha. A oferta é realmente tentadora, mas ela é possível? Se sim, em que situação elas poderiam ocorrer?

O nome renda fixa nos causa uma ilusão. Quando ouvimos este termo, logo pensamos em baixo risco. Se é em títulos públicos pensamos que não tem como perder. Mas, isso não é verdade.

A maior parte das pessoas cai em armadilhas financeiras, pois quando ouve falar de retorno esquece do risco.

Nenhum ganho acima do CDI ou Selic é realizado sem algum tipo de risco que possa levar a ganhar menos que estes indexadores. Essa perda pode ser apenas por um tempo ou, até mesmo, por todo o prazo de investimento.

Vamos responder à primeira pergunta: É possível ganhar 30% em um ano, investindo em títulos públicos federais?

Como já escrevi em outra coluna, a média dos títulos públicos federais com vencimento superior a 5 anos é acompanhada pelo índice IMAB5+ que é calculado pela Anbima.

Nos últimos dez anos, o IMAB5+ se valorizou mais de 30% nos anos de 2012, 2016 e 2019. Portanto, a resposta à pergunta é sim. Em um ano ou outro é possível. Principalmente, após momentos de crise econômica.

Entretanto, usualmente, quando isso ocorre, você também ganharia com outros investimentos de risco, entre eles o Ibovespa ou os fundos imobiliários.

Portanto, o que você comprou nestes três anos foi risco. Ou seja, como deu certo, você ganhou, mas se tivesse dado errado, perderia. Sim, este tipo de renda fixa neste caso é arriscada, pois tem elevada oscilação de preço se considerado o curto prazo.

O risco pode ser medido pela volatilidade ou dispersão dos retornos. O risco dos fundos imobiliários não é muito diferente da média dos títulos do Tesouro de mais de cinco anos de vencimento, representados pelo IMAB5+.

Inclusive, se medir o Sharpe, ou seja, o índice que mede retorno por unidade de risco, vai ver que no caso dos fundos imobiliários, ele foi melhor nestes três anos.

Talvez você se faça a segunda pergunta: o que precisa ocorrer para se chegar a um ganho nesta escala? O CDI foi menor no ano seguinte a cada um dos três anos. Essa é a resposta. Este ganho na renda fixa ocorre quando há uma expectativa de queda acentuada da Selic no ano seguinte. Isso ocorreu de fato nos anos de 2017 e 2020.

Entretanto, pode haver uma frustração nesta expectativa, ou seja, esperava-se que a Selic caísse, mas não ocorreu como o esperado. Se isso ocorrer, a alta é seguida de uma queda, como ocorreu em 2013.

Neste caso, a valorização de 34,2% do IMAB5+, ocorrida em 2012, foi sucedida por uma perda de 17,1% em 2013.

Como mencionei anteriormente, o risco Brasil se encontra historicamente alto e elevou toda a curva de juros.

Onde tem risco, usualmente tem prêmio. Mas, este prêmio pode demorar muito tempo para se materializar. Adicionalmente, a possibilidade de ganhos de 30% em renda fixa ocorrerem agora é muito baixa, pois o Banco Central ainda não encerrou o ciclo de alta de juros. O mercado ainda espera que ocorram altas na taxa Selic pelo menos nas próximas duas reuniões do Comitê de Política Monetária.

Os mesmos três influenciadores do Instagram que prometiam ganhos astronômicos na renda fixa estão há um ano fazendo essa oferta. Assim como relógio quebrado está certo duas vezes ao dia, se você os seguir, em algum ano eles estarão certos. O difícil será suportar os anos errados.

Portanto, muito cuidado com promessas de ganhos na renda fixa tão elevados como o dobro do CDI ou Selic.

[...]

O nome renda fixa nos causa uma ilusão. Quando ouvimos esse termo, logo pensamos em baixo risco. Se é em títulos públicos pensamos que não tem como perder. Mas isso não é verdade

Consumidora faz compra em supermercado em São Paulo; inflação em alta assusta quem vai às compras e combatê-la exige remédio amargo Rubens Cavallari - 27.abr.22/Folhapress

Cenário externo difícil complica combate à inflação no Brasil

POR QUÊ?

Mauro Rodrigues
É professor de economia na USP e autor do livro "Sob a lupa do economista" e equipe do Por Quê?

Quando o céu do cenário internacional é de brigadeiro, a economia brasileira por vezes patina, devido a nossos idiossincráticos entraves ao crescimento. Sobre esses não discutiremos hoje. O assunto é o céu revolto que caracteriza a economia mundial.

Sob uma perspectiva temporal mais longa, a economia mundial tomou três tabefes sonoros desde 2008. Primeiro veio a grande crise financeira, resultado de má regulação no mundo desenvolvido quase que inteiro; logo em seguida, tivemos a crise da dívida na Europa, que teve origem numa distorção de incentivos oriunda de uma união monetária mal-ajambrada, implementada na virada do século. O mundo então chegou a 2020 com endividamento estupidamente elevado e política monetária esgotada. Não havia espaço para choques, mas aí veio a Covid e depois a invasão da Ucrânia.

A resposta ao susto da pandemia foi sem precedentes. Lá no caldeirão do segundo trimestre de 2020, com PIB desabando, a percepção era de um cenário de fim de mundo, de colapso total e irrestrito, de alta probabilidade de uma reedição da Grande Depressão dos anos 1930.

Bancos centrais entraram fundo no modo heterodoxo, adquirindo ativos privados para estimular o crédito e expandindo como possível a quantidade de moeda. As autoridades fiscais incrementaram seus gastos de modo inédito.

Por conta desses estímulos e também da natureza do choque adverso —uma pandemia não afeta de modo relevante o potencial de crescimento da economia, apesar de paralisá-la no curto prazo— já a partir do fim de 2020 a recuperação econômica se deu a uma velocidade não esperada.

Com a chegada das vacinas em 2021, o passo dobrou, mas de modo geral, os governos seguiram em modo de pânico, pisando em todos os pedais de acelerador que encontravam pela frente. Resultado dessa falha de calibragem: uma alta brutal da inflação.

Esse cenário já estava bastante claro no meio de 2021, ou seja, um ano atrás. Com a invasão russa, os preços de diversas commodities se elevaram ainda mais, adicionando álcool à fogueira inflacionária que já sozinha ganhava musculatura. Em suma, a letargia dos bancos centrais, somada à insanidade de Putin, fez com que a inflação global saltasse de um pouco menos de 2% ali no meio de 2020 para perto de 9% em meros dois anos.

Combater a inflação é quase sempre um processo custoso, difícil. Justamente por isso atribuímos tanta importância em mantê-la sob controle, enjaulada. Da última vez que a fera fugiu da jaula, no começo dos anos 1980, os juros internacionais precisaram ir para mais de 10% para que ela voltasse a um nível mais civilizado.

Mesmo que hoje a necessidade de ajuste seja menor, o fato é que lá atrás a dívida pública representava meros 30% do PIB. Hoje ela é de 100%. Um juro mais alto, ainda que não tão alto, vai dar dor de cabeça para a política fiscal.

Os mercados estão se dando conta de que a inflação assim arraigada não vai embora sem sacrifícios. Essa incerteza em si já afeta investimentos e consumo, antes mesmo que se ministre o remédio amargo do juro alto. Para países emergentes como o Brasil, as consequências são menor crescimento interno e desvalorização cambial. Ou seja: atividade econômica fraca e prosseguimento das pressões inflacionárias. O pior de dois mundos.

[...]

Os mercados estão se dando conta de que a inflação assim arraigada não vai embora sem sacrifícios. Essa incerteza em si já afeta investimentos e consumo, antes mesmo que se ministre o remédio amargo do juro alto

O ator Taron Egerton em ensaio fotográfico em Londres Ana Cuba - 14.jun.22/The New York Times

> Um papel como de Jimmy [Keene, em 'Black Bird]—ou, na verdade, como o de Elton [John, em 'Rocketman']— é com certeza o tipo de papel que desejo fazer em minha carreira. Isso não significa que tudo que desejo fazer precise ser sombrio e escuro —ainda que isso com certeza me atraia—, e sim que dispor de um texto como aquele realmente estimula a criatividade, e faz com que você deseje oferecer o seu melhor desempenho
>
> **Taron Egerton**
> ator

Após 'thriller', Taron Egerton quer encarnar novo Wolverine

Celebrado por 'Rocketman', ator está de olho em papel que foi de Hugh Jackman

FS

Sarah Bahr

THE NEW YORK TIMES Taron Egerton incorporou um deus pop quando interpretou Elton John na cinebiografia "Rocketman", e recebeu críticas muito elogiosas —e um Globo de Ouro— por seu retrato de como um tímido pianista prodígio se transformou em superastro internacional.

Mas em seu mais recente papel, o de um traficante de drogas condenado, em "Black Bird", série dramática da Apple TV+, ele não tinha óculos extravagantes ou boás de penas para deixar de lado ao final de cada dia de gravação. Em "Black Bird", baseado em uma história real ele tinha de deixar de lado algo de muito pesado: as confissões de Larry Hall, um homem condenado pela morte de uma garota e suspeito de ter sequestrado, estuprado e matado outras.

"Por melhor que tenha sido a experiência, em termos criativos, havia dias em que eu voltava para casa com o sentimento de que não queria mais ouvir falar de nenhuma daquelas coisas", disse Egerton, cujo personagem tem como tarefa extrair confissões do colega de cela.

Egerton, 32, que emprestou seu suave timbre de tenor a personagens extravagantes (como Elton John) e hirsutos (como o gorila das montanhas Johnny, no musical de animação "Sing - Quem Canta Seus Males Espanta"), com certeza poderia escolher o papel musical que quisesse, depois de "Rocketman". E sua beleza muito bem esculpida e penetrantes olhos verdes parecem pedir por uma capa e um uniforme justíssimo.

Taron Egerton como Jimmy Keene em cena da série 'Black Bird', da Apple TV+ Divulgação

Mas ele decidiu que seu próximo papel importante diante das câmeras seria alguma coisa que demonstrasse ao mundo que ele era capaz de algo mais do que musicais.

"Eu queria fazer alguma coisa realmente diferente de 'Rocketman'", disse Egerton. "As pessoas sempre tendem a pensar em você com base no último papel que fez. Ninguém quer assumir o risco de dar um papel a um ator sem tê-lo visto interpretar algo parecido primeiro."

Ele encontrou o que procurava no thriller psicológico "Black Bird", uma minissérie em seis episódios que o escritor e roteirista Dennis Lehane ("Sobre Meninos e Lobos") adaptou de "In With the Devil", um livro sobre a vida em uma penitenciária, escrito por James Keene e Hillel Levin.

A série estreou em 8 de julho e o personagem central é Jimmy Keene (Egerton), que recebe a oportunidade de ver sua sentença de 10 anos de prisão comutada caso ele consiga convencer Hall (Paul Walter Hauser) a lhe contar onde enterrou o corpo de pelo menos uma menina desaparecida, e talvez uma dúzia de outras vítimas.

"Um papel como de Jimmy —ou, na verdade, como o de Elton— é com certeza o tipo de papel que desejo fazer em minha carreira", disse o ator. "Isso não significa que tudo que desejo fazer precise ser sombrio e escuro —ainda que isso com certeza me atraia—, e sim que dispor de um texto como aquele realmente estimula a criatividade, e faz com que você deseje oferecer o seu melhor desempenho."

Egerton nem sempre foi tão entusiástico quanto a atuar. Ele nasceu em uma família britânica de classe trabalhadora. Seu pai operava uma pousada em Liverpool e sua mãe trabalhava como assistente social. Os dois se divorciaram quando ele tinha dois anos, e Egerton se mudou com a mãe para o País de Gales.

Aos 12 anos, a família se mudou para uma nova cidade em Gales, Aberystwyth, e a mudança o levou a se sentir desesperadamente sozinho. Egerton só começou a atuar aos 15 anos. "Talvez fosse mais um esforço de ser sociável e tentar fazer amigos do que exatamente um interesse por atuar", ele disse.

Mas Egerton persistiu. Depois de se formar na Real Academia de Arte Dramática, em 2012, ele conquistou alguns papéis pequenos, trabalhando em uma produção teatral de "The Last of the Haussmans" no National Theater de Londres e em "Lewis" e "The Smoke", duas séries televisivas britânicas.

Em seguida surgiu a sua grande oportunidade. O diretor Matthew Vaughn ("Kick Ass- Quebrando Tudo" e "X Men: Primeira Classe") o escalou como o batedor de carteiras transformado em espião Eggsy, em "Kingsman - Serviço Secreto", uma comédia de ação britânica. Era um dos papéis principais do filme, no qual ele contracenou com Colin Firth, apesar de Egerton àquela altura ter experiência nenhuma em cinema.

"Ele veio e fez um teste perfeito para o papel", disse Vaughn por telefone. "Ele era Eggsy. Gostei ver aquele lado dele no papel, porque interpretar Eggsy também tinha a ver com se tornar parte de um mundo que você jamais tinha visto, e crescer."

Depois do sucesso do primeiro "Kingsman", que faturou mais de US$ 414 milhões (cerca de R$ 2,1 bilhões no câmbio atual) em todo o mundo, Egerton conquistou papéis em "Voando Alto", no musical de animação "Sing - Quem Canta Seus Males Espanta", da Disney, e em "Kingsman: O Círculo Dourado", a continuação de seu primeiro grande trabalho.

Mas depois veio um período de dificuldade, primeiro com o papel título de "Robin Hood - A Origem" na adaptação dirigida em 2018 por Otto Bathurst, e depois como o antagonista em "Billionaire Boys Club" (2018), um drama sobre crime. Os dois filmes fracassaram nas bilheterias e receberam péssimas críticas.

"Ignorei meus instintos, naqueles dois trabalhos, porque me ofereceram muito dinheiro para fazê-los", disse Egerton. "E isso é sempre fatal. Não se pode escolher papéis por isso."

"Mas sinto que preciso ser menos ríspido comigo mesmo", ele prosseguiu. "Eu era um garoto de 25 anos, criado por uma mãe descasada e que nunca teve muito dinheiro. Eu queria ganhar dinheiro, não só para mim, mas para as pessoas que são importantes para mim. E por mais que eu tenha ficado insatisfeito com o resultado daqueles dois filmes, compreendo claramente porque os fiz."

As coisas voltaram aos eixos com "Rocketman", um papel para o qual ele aprendeu a tocar piano e a cantar muitas das canções da trilha ao vivo.

"A voz dele como cantor é incrível", disse Dexter Fletcher, o diretor de "Rocketman". "Mas além disso ele era um ator disposto a ir ao limite, e não tinha medo de parecer tolo. Ele não sentia a necessidade de ser sempre um cara bonitão, desprovido de emoções e altamente cool."

Vaughn, que foi um dos produtores de "Rocketman", disse acreditar que o papel tenha ajudado a provar que Egerton é "capaz de interpretar literalmente qualquer personagem".

Foi essa versatilidade que atraiu a atenção de Lehane, que roteirizou e trabalhou como produtor executivo de "Black Bird", quando ele procurava um protagonista.

"Eu tinha acabado de assistir a 'Rocketman'", ele disse, e pensei "meu Deus, o alcance desse garoto é incrível".

Egerton precisava de mais do que alcance para gravar "Black Bird"; a série também é incrivelmente pesada. Lehane disse que desenvolver uma das cenas do episódio cinco o tinha levado a chorar. Hauser disse que foi tão afetado por seu papel como Hall que sua vida começou a sair do controle. Ele por fim teve de fazer uma desintoxicação.

"Ser Larry Hall 12 horas por dia me levava a querer chegar em casa e comer junk food, talvez um doce com maconha", afirma. "Era como morar em uma casa mal-assombrada".

Mas Egerton, cujo personagem serve como interlocutor para Hall quando este faz suas perturbadoras confissões, conseguiu se manter quase sempre isolado desses problemas, disseram Hauser e Lehane, apesar da cansativa filmagem em Nova Orleans, que durou seis meses.

"É uma coisa muito difícil de fazer", disse Egerton, que teve de ganhar musculatura para interpretar Keene, um sujeito robusto, antigo jogador de futebol americano na escola. "Especialmente com os dias longos e o trabalho noturno, às vezes se torna difícil desligar. Mas você precisa encontrar um jeito."

Egerton, que trabalhou pela primeira vez como produtor executivo em "Black Bird", disse que o resultado o deixou muito orgulhoso, especialmente as cenas que fez com Ray Liotta ("Os Bons Companheiros", "Campo dos Sonhos"), que interpretou o pai de Keene, e morreu em maio.

"Eu amei aquele relacionamento", disse Egerton sobre os laços entre o personagem de Liotta e o seu. "Eram dois homens complicados, muito imperfeitos, muito cheios de falhas, mas existia amor verdadeiro entre eles".

Nos três anos após o lançamento de "Rocketman", Egerton fez muitos trabalhos de voz e também voltou aos palcos. Em março, ele estreou no West End, em uma remontagem de "Cock", comédia de Mike Bartlett na qual contracenava com Jonathan Bailey, astro de "Bridgerton".

Mas na noite de estreia ele desmaiou no palco na primeira apresentação e, depois de um retorno breve e bem-sucedido, recebeu um diagnóstico de Covid-19. Egerton acabou deixando o espetáculo, invocando "motivos pessoais", de acordo com os produtores.

"No final do ano passado, uma pessoa de minha família teve um câncer diagnosticado e eu deixei o trabalho em um filme e voltei para casa para estar com essa pessoa", ele explicou. "Pensei que, com a peça, eu estava pronto para voltar ao trabalho, mas não estava. Tive de deixar o espetáculo, foi triste, e com certeza uma das decisões mais difíceis que já tive de tomar."

As coisas parecem estar de volta aos trilhos e, para o futuro, não faltam convites a Egerton para trabalhos. Ele estrela como Henk Rogers, fundador da Tetris Co., em "Tetris", um filme Apple TV+ que deve estrear este ano, e vai retomar a franquia "Kingsman".

Ele também espera suceder a Hugh Jackman no papel de Wolverine, e participou de reuniões com executivos da Marvel Studios, entre os quais o presidente, Kevin Feige.

"Não acho que seja errado revelar isso", disse Egerton, rindo. "Eu fico empolgado mas também preocupado, porque o papel é tão associado a Hugh que imagino que seja muito difícil para alguém mais assumi-lo."

Ele fez uma pausa, e abriu um sorriso. "Mas, com sorte, se a oportunidade surgir, eles me darão uma oportunidade."

Tradução Paulo Migliacci